CINEMA & VÍDEO

SET

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

BACKBEAT
a história do quinto Beatle

O REI LEÃO
o novo desenho da Disney

Mel Gibson e Jodie Foster
jogam suas fichas em MAVERICK

CADERNO DE VÍDEO · Schwarzenegger e mais 56 lançamentos

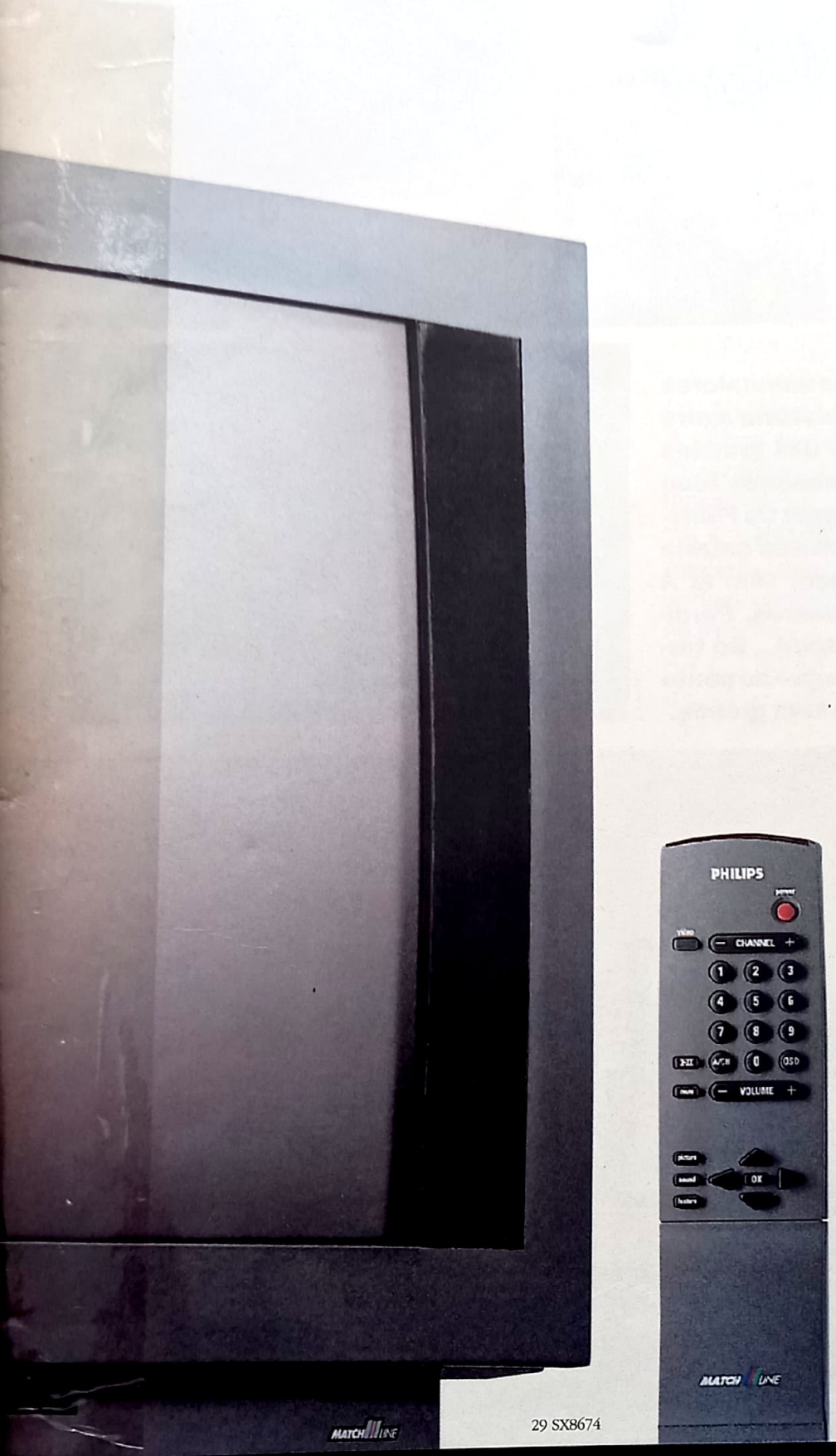
ISSN 0104-1592
9 770104 159003 85
5633 - Julho, 1994 - Ed. 85 - Ano VIII - Nº07 - R$ 3,90

Quem tem mais credibilidade para dizer

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

Are you ready for Philips Matchline?

que esta é a melhor televisão do mundo?



O Fabricante.

A nova Philips Matchline 29" tem a mais perfeita combinação de som e imagem do mundo. E inovações tecnológicas que nenhuma outra tem.

- Tela superflat com tubo superblack que reduz o reflexo da luz e melhora o contraste.
- 800 linhas de resolução horizontal.
- SMART controls, pré-ajustes de imagem (cores intensas, suaves, naturais e pessoal) e áudio (música, auditório, voz e pessoal).

- Symphobass Plus Stereo Sound System com 3 amplificadores, 5 alto-falantes, surround sound (caixas opcionais) e 30W RMS de potência.
- PIP - Picture in Picture com congelamento de imagem.
- Controle remoto com cursor e menu na tela em 3 idiomas à sua escolha.
- Recebe sinais PAL-M, NTSC e PAL-N.

O Consumidor.

A Philips é considerada a melhor televisão pelos consumidores brasileiros. E a Philips Matchline 29" já é considerada a melhor televisão em seu segmento pelos consumidores do Primeiro Mundo, onde foi comparada às melhores marcas japonesas. Chegou a sua vez de conhecer a melhor televisão do mundo.

O Vendedor.

Vá até a loja e peça para o vendedor mostrar os recursos da nova Philips Matchline 29" para você. Se ela for acoplada a um videolaser, melhor. Você vai ver, ouvir e entender por que a Philips Matchline é a melhor televisão do mundo.

MATCH LINE

PHILIPS

PHILIPS

Desde sua primeira transmissão considerada o degrau mais baixo na hierarquia das imagens, a televisão ganha cada vez mais importância para Hollywood. Até pouco tempo atrás acusada de "destruidora" do cinema, a TV agora virou fonte de idéias para roteiristas e produtores. Para ficar nuns poucos exemplos, o seriado *O Fugitivo* forneceu a matéria-prima para uma das maiores bilheterias do ano passado. A história agora se repete com *Maverick*, uma das grandes armas da Warner na guerra encenada todo verão nas telas americanas, e com *Os Flintstones*, recordista de público em sua estréia nos EUA. E isso é só o começo; vêm aí *A Feiticeira*, *Hawaii 5.0*, *Os Invasores*, *Perdidos no Espaço*, *Missão Impossível*... Só torcemos para que a coisa não chegue ao ponto de *Barrados no Baile* passar à tela grande.

OLHO NO LINCE

A linha de relógios Lince tem inúmeras opções masculinas, femininas, sociais e esportivas com um design incrível.
Lince tem tecnologia quartz, certificado de garantia e assistência técnica em todo o país.
Você tem toda a moda nas mãos com um Lince no pulso.
Olho no Lince. Sempre um modelo certo a preço justo.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS CONHEÇA O AMAZONAS.

6 TAKES
Zé do Caixão encontra seus fãs americanos

13 ENTREVISTA
Os irmãos Coen explicam seu método de trabalho

14 MAVERICK
Mel Gibson e Jodie Foster juntos no Oeste

22 BACKBEAT – OS 5 RAPAZES DE LIVERPOOL
Os Beatles antes da fama e da fortuna

28 O REI LEÃO
O leãozinho Simba estrela o desenho da Disney

Warner
14

32 CANNES 94
Os vencedores e os bastidores do festival

38 PERFIL
Hugh Grant, a nova atração britânica

39 NOVOS FILMES
***Quatro Casamentos e um Funeral*, com Hugh Grant e Andie MacDowell, *A Igualdade É Branca*, do polonês Kieslowski, *Alvo Duplo*, de John Woo**

46 FREE SHOP
Uma seleção de óperas em laser

48 MITO
A luminosa Ingrid Bergman

50 FILMOGRAFIAS

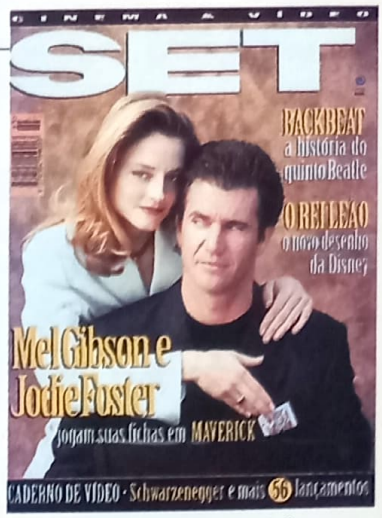
52 HOLLYWOOD BOULEVARD
Dulce Damasceno de Brito e os galãs baixinhos

53 CADERNO DE VÍDEO
***O Último Grande Herói*, *Short Cuts* e mais 55 lançamentos**

78 CARDÁPIO
Parcerias que enriqueceram a história do cinema

84 CARTAS

86 NOSTALGIA



NA CAPA: Mel Gibson e Jodie Foster (Firooz Zahedi/Warner)

Sato Company

ICE-T

JOGO PERIGOSO

Desde sua estréia como ator, **Ice-T** vem traçando uma carreira sólida no cinema de ação. Trabalhou com Mario Van Peebles em *New Jack City* (1991), com o idealizador de *Highlander* Russell Mulcahy em *Sem Limite para Vingar* (1991) e também com o mago do gênero ação Walter Hill em *Os Saqueadores* (1992).

•

Em seu mais recente trabalho, *Surviving the Game* (uma das muitas refilmagens de *The Most Dangerous Game*, de1932, o mesmo que inspirou John Woo a realizar *O Alvo*), Ice-T é um mendigo contratado para guiar um grupo de caçadores através da região nordeste do Pacífico. Ele descobre, por fim, que foi recrutado como "alvo humano" e usa sua experiência das ruas para sobreviver ao jogo dos caçadores **Rutger Hauer**, **Charles Dutton** e **Gary Busey**. Na direção, **Ernest Dickerson**, que não tem a habilidade de John Woo mas já realizou *Juice*.

Stills

Ice-T foge da morte em *Surviving the Game*

RECICLAGEM

INSPIRADOS NA TV

Parece que os roteiristas, diretores e estúdios americanos andam ruins de idéias. Uma leva de novas produções baseadas em séries de TV chega às telas grandes e tenta repetir a fórmula de sucesso. Já tivemos *O Fugitivo* em 1993, em 1994 *Maverick*, *Os Flintstones*, *A Família Buscapé* e, previsto para outubro, *Wyatt Earp*, com Kevin Costner.

A Feiticeira

•

Mas não pensem que vai parar por aí. Muitas outras adaptações estão em andamento. A lista dos novos projetos é extensa e inclui *American Gladiator* (com produção de **Renny Harlin**), *A Feiticeira* (de **Penny Marshall**), *Hogan's Heroes* (de **John Hughes**) e ainda, mas sem nomes responsáveis, *Hawaii 5-0*, *Os Invasores*, *Perdidos no Espaço* e *Missão Impossível*, cujos produtores querem Tom Cruise no papel principal.

Fotomontagem Maria Amelia

CLUBE DAS MULHERES

ELAS VÃO ARREBENTAR

As atrizes passaram muito tempo reclamando que não recebiam bons papéis, que os estúdios não davam atenção a elas, que o salário era sempre menor que o dos atores etc. e tal. Parece que chegou a hora de elas mostrarem seu valor – em cifras, é claro! Com os westerns *Bad Girls* e *The Quick and the Dead* as mulheres invadiram a praia exclusiva dos homens – muita ação e aventura – e lançaram uma nova onda. Pensando nas experiências de Jane Fonda/*Barbarella*, Monica Vitti/*Modesty Blaise*, Melanie Griffith/*Cherry 2000*, Sigourney Weaver/*Alien* e mais recentemente Kathleen Turner/*V.I.Warshawski*, os engravatados hollywoodianos têm grandes planos em mente.

•

Primeiro pensaram em **CHER**, depois em **SHARON STONE** – e nos diretores **John Carpenter** e **Roland Joffe** – para encabeçarem o elenco da versão feminina de *Mad Max*: a aventura futurística *Pin Cushion*.

Há rumores de que a **Disney** está sondando **SIGOURNEY WEAVER** para emprestar "sua coragem" a uma investigação envolvendo um acidente militar em *Countermeasures*.

A **TriStar** dá sua cartada pagando US$ 750 mil à novelista **Janet Evanovich** pelo roteiro de *One for the Money*, sobre uma mulher de Nova Jersey que se torna uma caçadora de recompensas.

E a **United Artists** responde com *Tank Girl*, baseado numa história em quadrinhos inglesa em que uma garota, entre outras coisas, cavalga um búfalo.

Por fim, **Bille August** dá seu apoio dirigindo *Smilla's Sense of Snow*, sobre uma cientista que vinga a morte de um garoto.

***Ménage à trois* com Stoltz, Tilly e Sheffer**

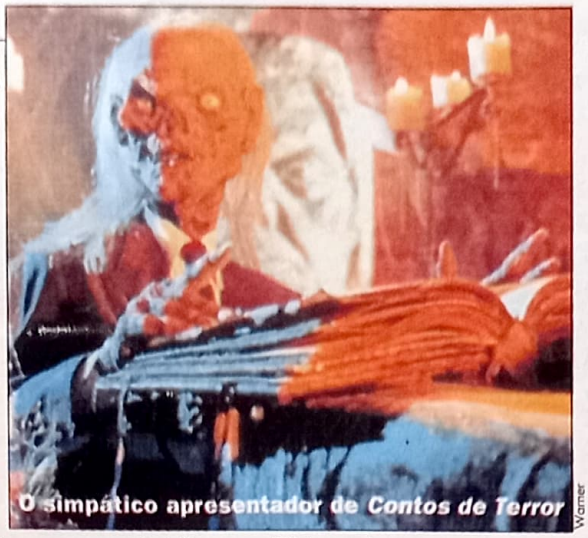
NA CAMA COM TARANTINO

O Reencontro, de Lawrence Kasdan, continua gerando filhotes. Desta vez as aventuras e desventuras amorosas e/ou amigáveis que animam as telas americanas aparecem sob o título de *Sleep with Me*, filme de Rory Kelly exibido na mostra *Un Certain Regard*, durante o Festival de Cannes. A trama gira em torno de seis reuniões de amigos e dos jogos de infidelidade protagonizados pelo casal Eric Stoltz & Meg Tilly (por coincidência – *sic* – a namorada do morto em *O Reencontro*) e seu amigo comum Craig Sheffer (de *Nada É para Sempre*). A maior atração de *Sleep with Me*, no entanto, é a "ponta" de Quentin Tarantino, premiado na última edição de Cannes por seu *Pulp Fiction*. Só que agora o diretor do ultraviolento *Cães de Aluguel* exibe uma expressão meiga, como pode ser conferido na foto ao lado.

Fotos Sygma

CONTOS DE TERROR

ROUPAGEM NOVA



O simpático apresentador de *Contos de Terror*

Warner

A teoria de **Joel Silver** é de que os filmes de terror estão em baixa porque Fred Krueger e Jason estão cansados de matar. Por isso, está pensando em transpor para o celulóide aquela mesma série que produziu para a TV, *Tales from the Crypt* – aqui conhecida como *Lendas do Além Túmulo*, na versão de 1989, e rebatizada como *Contos de Terror 2* e *3*.

•

Os planos de Silver com a Paramount também incluem quinze novos episódios para TV, produtos promocionais – de camisetas a videogames – e o trio de diretores dos primeiros episódios – **Robert Zemeckis**, **Walter Hill** e **Richard Donner**.

•

O primeiro longa-metragem da nova versão já está em andamento e deve estrear nos EUA no Dia das Bruxas. Quem comanda a direção de *Demon Knight* é **Ernest Dickerson**, que pode ser visto no elenco do documentário de 1992 *Visions of Light: the Art of Cinematography*.

CINEBIOGRAFIA

O MAIOR DOS REBELDES

James Dean estava com 24 anos e dirigia seu Porsche em alta velocidade quando encontrou seu destino fatídico. Em 30 de setembro se completarão 39 anos que esse acidente roubou a Hollywood seu maior "rebelde sem causa". Desde então, apenas uma telebiografia foi realizada, em 1976, com **Stephen McHattie** no papel-título.

•

Atualmente duas versões cinematográficas estão à procura do melhor ator para encarnar o mito James Dean. **Michael Mann** e **Marvin Worth** são respectivamente o diretor e o produtor indicados pela Warner para sua cinebio. Mas como Mann insiste em esperar que **Leonardo DiCaprio** amadureça para o papel, os planos talvez sejam adiados por mais dois anos.

•

Enquanto a Warner não se decide, o roteirista/diretor **Alan Hauge** e o produtor **Fritz Manes** andam declarando em alto e bom tom que o filme deles – ainda sem um estúdio – é o primeiro e a única versão "autorizada" pela família de Dean.

•

Desta forma, a pergunta que mais se ouve nos corredores dos estúdios é: quem? **Johnny Depp** é um dos nomes mais citados nas conversas, mas está ocupado com a pré-produção de *Don Juan de Marco and the Centerfold* e desconversa sobre o assunto, lembrando que lhe era penoso ser chamado de "o novo James Dean" quando era a estrela de *Anjos da Lei*. Outro recém-astro na parada é **Brad Pitt**, mas nada se fala de sua provável escalação.

•

A chatice dessa disputa para ver quem chega na frente com uma cinebiografia de James Dean é que, se descuidar, vamos passar outros 39 anos esperando por uma homenagem digna do grande ídolo da rebeldia.

Pitt: perfeito como James Dean

Pandora

GEORGE PEPPARD

O ÚLTIMO ROMÂNTICO

Entre as duplas memoráveis do cinema, uma arrebatou o coração das platéias na comédia *Bonequinha de Luxo* (Blake Edwards, 1961): George Peppard e a eterna *gamine* Audrey Hepburn.

•

Peppard ficou famoso como galã romântico depois de *Herança de Carne* (1960). Também participou de muitos filmes de ação, como *A Conquista do Oeste* (1962) e *Crepúsculo das Águias* (1966) e obteve notoriedade com a série *Esquadrão Classe A* (1982-87). Chegou a se aventurar na carreira de produtor e diretor, assinando um único filme – *Natal em Família*, de 1977. Mas com o tempo, criou fama de mau profissional, o que o afastou dos estúdios – inclusive da Universal, que o jogou para o segundo escalão de atores.

•

Nascido em 1º de outubro de 1928, Peppard estreou no cinema em *O Rancoroso* (1957). Além de romântico, era um namorador inveterado e casou-se cinco vezes. Ao falecer em 9 de maio último, de insuficiência respiratória, deixou a viúva Laura, três filhos e três netos.

SURF MOVIE

ONDA, SOL E DIVERSÃO. QUER MAIS?

O sonho do verão que não acaba nunca está de volta às telas. *The Endless Summer II* é a seqüência do *surf movie* cult *Alegrias de Verão*, de 1964. Os surfistas são outros, as ondas são diferentes, mas o clima continua o mesmo: muita onda, sol e diversão num roteiro que passeia pelas praias mais fantásticas do mundo.

•

O original conta a história dos surfistas **Mike Hynson** e **Robert August**, que largam tudo para procurar a onda perfeita. Na nova versão, **Pat O'Connell,** um dos melhores surfistas da atualidade, e **Robert Wingnut** estão assistindo a *Alegrias de Verão* na TV quando resolvem embarcar na mesma viagem. O veterano August se junta a eles – Hynson não participa por estar cumprindo pena sob acusação de porte de drogas – em direção a Fiji, Bali, França e outras praias.

•

Bruce Brown tinha 25 anos e gastou US$ 50 mil para realizar o primeiro filme. Trinta anos depois, a **New Line**, maior produtora americana independente, investiu US$ 3,3 milhões na continuação.

•

Adquirido pela Lumiere, o filme será visto no Brasil até o final do ano. "Vi a primeira versão ainda adolescente, e era mais que um filme de surf, era um evento com todas as sessões lotadas", diz **Bruno Wainer**, diretor da empresa. "O filme terá pré-estréias em outubro durante as etapas do Circuito Mundial de Surf no Brasil, para fazer a cabeça da 'comunidade surfística', e deve estar nos cinemas em dezembro."

Felipe Zobaran

DIANE KEATON

HEROÍNA VOADORA

Poucas mulheres tiveram seu nome ligado a feitos heróicos, mas a americana **Amelia Earhart** (nascida em 24 de julho de 1897) protagonizou dois atos que a colocaram nos anais da história: em 17 e 18 de junho de 1928 foi a primeira mulher a cruzar o Atlântico num avião como passageira; e depois, nos dias 20 e 21 de maio de 1932, repetiu a proeza, dessa vez como piloto e completamente sozinha.

•

Earhart voltou a ser notícia: em janeiro de 1935, voou sozinha do Havaí à Califórnia, uma distância maior do que dos EUA até a Europa. Decidida a voar o mundo todo, saiu com seu Lockheed Electra em 1937, acompanhada apenas do navegador Fred Nooman. Com dois terços da viagem completada, seu avião desapareceu entre a Nova Guiné e as ilhas Howland e nunca mais foi encontrado.

•

É esta história da heroína voadora que **Diane Keaton** quer contar desde sua adolescência. E foi só em 1993 que a atriz conseguiu se reunir com o diretor **Joe Keller** e o produtor **Cary Brokaw** (de *O Jogador* e *Short Cuts*), cujo resultado é a tele-homenagem *Amelia Earhart: the Final Flight*.

•

Keaton explica sua admiração por Earhart: "Ela era uma combinação estranha de obstinação e autoconhecimento; era tímida, mas ao mesmo tempo muito corajosa". Extremamente parecida com a aviadora, Keaton (foto) tem **Bruce Dern** e **Rutger Hauer** como companheiros de elenco.

OSWALDO MASSAINI

MIDAS BRASILEIRO

Embora lembrado por ter produzido o único filme brasileiro laureado com a Palma de Ouro em Cannes (*O Pagador de Promessas*, dirigido por Anselmo Duarte em 1962), Oswaldo Massaini foi importante pela vitalidade que deu a nosso cinema, fazendo-se presente em cerca de 200 títulos.

•

Nascido em São Paulo a 3 de abril de 1920, já aos 17 anos trabalhava com cinema. Após empregos na Universal, na Columbia e na gerência do antigo cine Ritz, em 49 criou a Cinedistri, distribuidora de filmes brasileiros. Depois resolveu produzir e co-produzir seus futuros lançamentos, estreando com *Rua Sem Sol* (54), de Alex Vianny, um fracasso de bilheteria. Dedicou-se então a filmes de apelo popular, como as comédias de Watson Macedo (*Depois Eu Conto*) ou de Mazzaropi e Ankito (*O Noivo da Girafa*, *Metido a Bacana*). Mais tarde possibilitou a estréia de Duarte na direção (*Absolutamente Certo*) e investiu no gênero cangaço e nos filmes de Walter Hugo Khouri.

•

Em 72, realizou sua produção mais ambiciosa, *Independência ou Morte*, de Carlos Coimbra, que estreou com êxito de público e poucos elogios da crítica. Induzido pela adulação do governo Médici, produziu o *Caçador de Esmeraldas* (80), mas seu fracasso e a redução provocada na Cinedistri pela concorrência clientelista da Embrafilme o desanimaram. Ao morrer em 25 de maio último, já havia encerrado sua atividade cinematográfica, mas seus filhos Anibal e Oswaldo Jr. nela prosseguem.

Alfredo Sternheim

Dulce Damasceno de Brito

TED TURNER

NO TOPO DO MUNDO

O milionário marido de Jane Fonda, **Ted Turner** (foto), está ampliando ainda mais os horizontes de sua "aldeia global" particular. Em 1993, Turner adquiriu as produtoras Castle Rock (cujo dono era Rob Reiner) e New Line; sua mais nova investida é um acordo com a Columbia para distribuir mundo afora as produções de sua Turner Pictures.

Stills

•

Os recentes acordos das companhias de Turner incluem os bambambãs **Rob Reiner**, **Billy Crystal** e **Robert Redford** para futuros filmes. Dos projetos sob a batuta de Turner estão em andamento:

- mais duas adaptações de **Stephen King**, *The Mist*, dirigido por **Frank Darabont**, e *Dolores Clairborne* (pela Castle Rock), de **Taylor Hackford**, com **Kathy Bates** e **Jennifer Jason Leigh**;
- uma comédia romântica com **Ethan Hawke** e **Julie Delpy** chamada *Before Sunrise*; a direção é do mesmo **Richard Linklater** de *Jovens, Loucos e Rebeldes*;
- *Forget Paris*, escrito e interpretado por **Billy Crystal**;
- e o drama produzido e dirigido por **Rob Reiner** *An American President*, com **Robert Redford** como o presidente do título.

•

Os tentáculos da Ted Turner Communications vão abraçar ainda a **Wildwood**, produtora de Robert Redford, co-produzindo em associação com **Rachel Pfeffer** (responsável pela venda de *Malícia* para 24 países) e **Charles Mulvehill** (produtor de Francis Ford Coppola).

WHOOPI GOLDBERG

ASSUNTO SÉRIO

Mal saiu do set de *Corrina, Corrina* (em que mantém um romance inter-racial com **Ray Liotta**), **Whoopi Goldberg** definiu seus próximos trabalhos. Mas parece que as escolhas da atriz não darão chance a ela de abusar da verve cômica dos tempos de *Ghost*.

Look

Ray Liotta e Whoopi em *Corrina, Corrina*

Desde abril Whoopi se dedica a *Boys on the Side*, dirigido por **Herbert Ross** a partir do roteiro de **Don Roos** (o mesmo que assinou *Conflitos de Amor*). O filme conta a história de três mulheres – uma delas portadora do vírus da Aids– que viajam através dos EUA. Para acompanhar Whoopi *on the road*, **Mary Louise Parker** e **Drew Barrymore**.

Depois, Whoopi contracenará com **Gérard Depardieu** em *Bogus*, a ser rodado em 1995. O filme mostra as desventuras de uma mulher (Whoopi) de Nova Jersey que adota um órfão de Las Vegas. Para surpresa dela, o garoto tem um amigo imaginário (Depardieu), o qual também aterrissa em sua casa. **Norman Jewison** dirige – o que talvez resgate o bom humor da atriz.

TERROR & FICÇÃO

NOVAS FACES DA DESTRUIÇÃO

Os filmes continuam explorando novas tecnologias como matéria-prima para seus pesadelos. É o caso de *Syngenor*, ou melhor, *SYNthesized GENetic ORganism*, organismo geneticamente sintetizado: corporação multinacional cria um super-soldado. Um protótipo escapa, deixando um rastro de destruição. Com um argumento mais complexo, há *Brainscan* (nome de um jogo em CD-ROM), de **John Flynn**. **Edward Furlong** (*Terminator 2*) é um fã de filmes de horror que se vicia no jogo, "anfitriado" por uma figura chamada Trickster, misto de Freddy Krueger da era virtual e Keith Richards demoníaco. O vilão é regido por um único desejo: fazer o jogo ser jogado até o fim.

•

Falando em jogo, mais um game da **Nintendo** chega às telas neste verão americano: *Double Dragon*. A ação se passa em 2007, numa Los Angeles submersa por causa do grande terremoto do final do século. Agora chamada de New Angeles, ela é controlada de dia pela polícia, mas de noite fica entregue à violência das gangues. O vilão é o guerreiro ninja Koga Shuko (**Robert Patrick**, também de *Terminator 2*), que busca a metade perdida de um misterioso medalhão.

•

Outra rotina é trazer heróis de outras mídias para estrelar uma big produção. Considerado o primeiro de todos, anterior mesmo a Batman e Superman, volta agora às telas *O Sombra*, personagem de literatura de banca e de uma série de rádio, ambas dos anos 30 e 40. A última versão cinematográfica data do final dos anos 40, mas o rico socialite que resolve qualquer parada retorna na pele de **Alec Baldwin** e com direção de **Russell Mulcahy** (*Highlander*).

•

E a Austrália tem se revelado um ótimo (e barato) cenário natural para aventuras pós-apocalípticas. Depois da trilogia *Mad Max*, produções americanas têm explorado a mão-de-obra local com bons resultados. Agora é a vez de *No Escape*, filme de **Martin Campbell** sobre uma colônia penal submetida a terríveis punições. O anti-herói é **Ray Liotta** (*Obsessão Fatal*).

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

101,7 MHz

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

Banguela

ZÉ DO CAIXÃO

O MUNDO A SEUS PÉS

"**Zé do Caixão** invade a América", estampou em sua capa a revista norte-americana *Cult Movies*. "**José Mojica Marins** é um dos maiores cineastas da história do cinema de horror", disse com convicção Frank Henenlotter, diretor do aclamado *Frankenhooker – Que Pedaço de Mulher*.

•

Os quase dez mil fãs que lotaram a oitava Chiller Convention – a maior convenção de filmes de horror, quadrinhos e ficção científica da América, realizada anualmente em Nova Jersey – fizeram filas gigantescas para disputar um autógrafo do nosso Zé do Caixão.

Mojica em Nova York e com a banda Boi Mamão

André Barcinski

José Mojica Marins, o diretor/ator/produtor/faz-tudo que criou o Zé do Caixão em 1963, está experimentando na América uma adoração que nunca recebeu nem mesmo no Brasil. No fim de maio, Mojica foi para a Chiller Convention e duas semanas depois rumou para Los Angeles, onde foi o convidado de honra de outra grande convenção, a Horri-Fy.

•

Em Nova Jersey, nomes famosos como **Ramones**, **Tom Savini** (mestre em efeitos especiais que trabalha com George Romero), todo o elenco de *O Massacre da Serra Elétrica*, **Michael Berryman** (ator de *The Hill Have Eyes*) e até **Dave Prowse**, ator que interpretou Darth Vader, esperaram pacientemente na fila para pegar um autógrafo de Mojica.

•

Desde que a empresa de vídeo Something Weird lançou dez filmes de Mojica no mercado americano, o nome Zé do Caixão se tornou conhecido dos americanos, que já compararam Mojica a grandes mestres do horror como Dario Argento, George Romero e Mario Bava. "Tenho certeza que se *À Meia-Noite Levarei Tua Alma* tivesse sido exibido nos Estados Unidos em 1963, quando foi lançado, teria influenciado o cinema de horror americano da mesma forma que *A Noite dos Mortos-Vivos*", garantiu **Douglas Winter**, um escritor de horror e biógrafo de Clive Barker.

•

Mojica se mostrou surpreso com a receptividade dos americanos: "Sabia que eles gostavam dos meus filmes, mas não esperava que tanta gente viesse à convenção para me ver". Os números de venda dos filmes de Mojica provam que a admiração dos americanos é verdadeira: dos 4.500 títulos lançados pela Something Weird durante seus dez anos de existência, seis filmes de Mojica estão entre os dez mais vendidos.

•

Zé do Caixão está se tornando um fenômeno cult: já existem bonecos do personagem feitos em resina; cartazes de *O Despertar da Besta* chegaram a ser vendidos por US$ 100 durante a convenção, e a Something Weird planeja para o final deste ano o lançamento de uma série de revistas em quadrinhos. "Demoramos muito para conhecer a arte de Mojica", disse **Gunnar Hansen**, ator que interpretou Leatherface em *O Massacre da Serra Elétrica*. "Agora precisamos tirar o atraso."

•

Antes de partir para os EUA, Zé do Caixão arranjou tempo para mostrar suas habilidades num outro meio: dirigiu seu primeiro videoclip (em que também atua). Convidado pela banda curitibana **Boi Mamão**, José Mojica Marins colocou suas idéias bizarras à disposição da música "Kronkanildo Siri A Migo", incluída no Projeto Alface, do selo independente Banguela.

André Barcinski

JOEL E ETHAN COEN
MANO A MANO

Os irmãos Coen, autores de *Arizona Nunca Mais* e do recente *Na Roda da Fortuna*, comentam suas "peculiaridades"

Os irmãos Ethan (esq.) e Joel Coen submetem Tim Robbins a uma sessão de divã

Lumiere

Em *Dois Heróis Bem Trapalhões*, dirigido por Sam Raimi e escrito por vocês três, há uma prisão chamada Hudsucker. Agora, em *Na Roda da Fortuna* (*The Hudsucker Proxy*), outro filme escrito por vocês e Raimi, esse nome retorna. Qual é a piada?

Ethan – Também há uma referência a Hudsucker em *Arizona Nunca Mais*: há uma etiqueta das "Hudsucker Industries" no macacão de Nicolas Cage. É uma piada particular. Escrevemos o roteiro de *Na Roda da Fortuna* há oito ou nove anos, logo depois de terminarmos *Gosto de Sangue*, antes de fazermos *Arizona* e de Raimi fazer *Dois Heróis Bem Trapalhões*. Pôr o nome nos filmes ficou sendo uma brincadeira entre nós.

Por que vocês guardaram o roteiro por tanto tempo?

Ethan – Logo vimos que seria um filme muito caro. Não seria realista achar que conseguiríamos todo aquele dinheiro para nosso segundo filme. Decidimos então guardar as idéias até termos o dinheiro.

Vocês tiveram duas semanas de ensaios com os atores principais antes das filmagens, um cuidado raro em Hollywood. O que os atores acharam disso?

Joel – Todos eles, Paul Newman, Tim Robbins e Jeniffer Jason Leigh, gostaram muito de ensaiar. Alguns atores gostam mais de ensaiar que outros, e alguns não gostam nem um pouco. No nosso caso, foi ótimo com os três. Tim e Jeniffer abordam seus personagens de modo diferente. Tim gosta muito mais de improvisar que Jeniffer, que elabora mais, chega sempre muito bem preparada. Mas, apesar da diferença, acho que eles trabalharam muito bem juntos.

Tim Robbins, em *Na Roda da Fortuna*, faz uma espécie de pateta romântico que lembra muito Jerry Lewis. Isso foi proposital? Vocês gostam dos filmes de Lewis?

Joel – É engraçado você perguntar, porque quando fomos promover o filme na França dissemos que Tim era um novo Jerry Lewis! Ele odiou, e nós passamos a repetir isso em toda parte só para provocá-lo. A sério, acho que ele não seria exatamente um Jerry Lewis, mas um outro tipo de bobo romântico, meio James Stewart. O interessante é que, como os dois, ele incorpora essa "patetice" à construção do personagem.

Os filmes de vocês estão sempre ligados a algum dos "gêneros" clássicos do cinema americano, ainda que misturados – como em *Barton Fink*, que é uma comédia mas é também um filme de horror, ou vice-versa. O gênero do filme, ou espírito de algum cineasta do passado, é algo em que vocês pensam quando preparam um filme?

Ethan – No caso de *Roda da Fortuna*, ficou claro desde o início que queríamos fazer um filme no espírito das comédias de Frank Capra e Preston Sturges. Nem sempre é assim. Acho que *Barton Fink* é bem menos ligado a um gênero específico.

Vocês já disseram que *Barton Fink* tinha muito de *O Iluminado*, e que a idéia para o roteiro – sobre um roteirista que não passa do primeiro parágrafo da história que o contrataram para escrever – foi uma idéia que tiveram durante uma crise de inspiração quando faziam *Ajuste Final*. Verdade?

Ethan – Estávamos escrevendo *Ajuste Final* e era uma trama complicada, difícil de desenvolver. Aí escrevemos *Barton Fink* para tirar umas férias daquilo. Começamos a pensar naquele hotel grande, imundo e deserto. Foi esse o ponto de partida para *Barton Fink*, o hotel e os dois personagens, que criamos sempre com John Turturro e John Goodman em mente. O cenário quase sempre detona a história. É fácil imaginar personagens, mas é quando surge o ambiente apropriado para eles que a história começa a tomar forma.

Joel – O desenvolvimento da história, a partir daí, se deu quando a gente encontrou o contraponto ideal para esse ambiente deserto e sombrio: a atmosfera de Hollywood.

Ethan – Escrevemos *Barton Fink* depressa. Mas quem sabe qual a origem de um filme?

Joel – *Arizona* surgiu porque queríamos escrever um bom papel para Holly Hunter. Já *Roda da Fortuna* começou quando nós e Raimi imaginamos um filme que começasse com o presidente de uma grande empresa se atirando da janela no meio de uma reunião.

Vocês têm algum método para trabalhar juntos? Irmãos em geral brigam muito...

Joel – Escrevemos todos os filmes da mesma maneira. Não fazemos nenhum esboço e não sabemos bem, de início, o que estamos escrevendo – embora possamos ter alguma idéia, ainda que vaga, sobre a trama central.

Ethan – É alarmante, mas não temos método – só um horário regular. Vamos ao escritório todas as manhãs, conscienciosamente. Lemos os jornais e protelamos bastante o que temos que fazer. Não há método, há é a obrigação a que nos submetemos de ir ao escritório todos os dias. E com freqüência chegamos ao fim do dia sem produzir nada. Mas, pelo menos, batemos o ponto.

David França Mendes

SET

MAVERICK

SORTE GRANDE

A receita: Mel Gibson, Jodie Foster e o veterano James Garner encontram-se nas mesas de jogo do Oeste, sob a batuta do diretor Richard Donner. O resultado: muita ação e US$ 17 milhões faturados só no primeiro fim de semana de exibição nos EUA

♦ ♠ ♥ ♣

Por André Barcinski,
de Nova York

Firooz Zahedi/Warner Bros

MAVERICK

Quando adolescente, Mel Gibson passava as noites grudado na tela, assistindo a seu ídolo, James Garner, ganhando partidas de pôquer e matando bandidos no seriado *Maverick*. "Sempre achei que seria muito legal adaptar *Maverick* para o cinema", diz Mel.

Vinte anos depois, Mel se tornou um astro e assumiu uma posição invejável em Hollywood: seus filmes já renderam mais de US$ 1 bilhão, e ele tem poder para levantar qualquer projeto. Hoje, o que Mel quer, Mel faz.

Há três anos, Mel se interessou pelo roteiro do faroeste *Renegades*, mas uma confusão envolvendo a produtora Carolco enterrou o projeto. Foi então que o sócio de Mel na produtora Icon, Bruce Davey, veio com a idéia de adaptar *Maverick* para o cinema. Mel não pensou duas vezes. O passo seguinte foi encontrar um roteirista capaz de condensar em duas horas uma série de TV que se estendeu por anos. Bill Goldman, um veterano roteirista de sucessos como *Butch Cassidy* e *Louca Obsessão*, acabou aceitando o trabalho. Ele adicionou ainda mais humor ao personagem de Bret Maverick e criou alguns personagens secundários.

A história criada por Goldman mostra Bret Maverick lutando para levantar os US$ 25 mil necessários para entrar num supercampeonato de pôquer, disputado num luxuoso barco no rio Mississipi. Em sua jornada, Bret cruza com uma linda trambiqueira profissional, Annabelle, e com um xerife carrancudo, Zane Cooper.

Faroeste Soft

Depois que Os Imperdoáveis *praticamente fez renascer o western, muitos filmes vieram na sua cola. Eram todos dramáticos, sérios, carrancudos:* Tombstone, Posse, Geronimo, *filmes que bebiam na fonte inspiradora de Sergio Leone e de seus faroestes psicológicos e densos. Agora finalmente alguém resolve dar uma relaxada e fazer um faroeste mais solto, divertido.* Maverick *é uma comédia passada no Oeste, não uma paródia ao Oeste.*

A história gira em torno de Bret Maverick (Gibson), um jogador de pôquer e pistoleiro cujo sonho é juntar os US$ 25 mil necessários para entrar num disputadíssimo campeonato de pôquer. No caminho, Maverick encontra Annabelle (Foster), uma atraente ladra que usa seu charme para roubar dinheiro de galanteadores, e Zane Cooper (Garner), um xerife turrão. Os três viajam pelo deserto e acabam se envolvendo com índios e uma quadrilha de assaltantes.

*O roteiro de Bill Goldman (*Butch Cassidy*) procurou dar um tratamento irônico a velhos ícones do Oeste. Um chefe indígena, interpretado por Graham Greene, acaba se revelando um picareta de quinta categoria. De certa forma,* Maverick *pode ser considerado um faroeste "politicamente incorreto".*

Goldman carregou seu roteiro de piadas, frases de efeito e reviravoltas. Algumas partes – como o engraçadíssimo encontro entre Maverick e o tal chefe indígena – funcionam. Outras são previsíveis e sem graça. No final, contam-se umas boas dez ou doze gargalhadas, o que é bem razoável considerando-se as comédias que têm pintado por aí.

Richard Donner, mestre em filmes que misturam ação e humor, é um competente artesão. Dirige tudo com seu tradicional capricho mainstream *e consegue criar algumas seqüências visualmente excitantes, como o clímax do filme, um emocionante jogo de pôquer envolvendo Mel, um pistoleiro sanguinário (Alfred Molina) e um aristocrata (James Coburn).*

Maverick *é um típico filmão hollywoodiano: grandes estrelas, grande orçamento e risco zero. Não vai mudar sua vida, mas também não machuca.*

Maverick, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Richard Donner ■ ROTEIRO: William Goldman, a partir da série de TV criada por Roy Huggins ■ FOTOGRAFIA: Vilmos Zsigmond ■ FIGURINO: April Ferry ■ MÚSICA: Randy Newman ■ MONTAGEM: Stuart Baird ■ Com Mel Gibson, Jodie Foster, James Garner, Graham Greene, James Coburn ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 129 min.

Mel Gibson entra no tempo das diligências, levando Jodie Foster e James Garner a bordo

Fotos Warner

ENTREVISTA

Jodie Foster

Você é muito mais conhecida por seus papéis dramáticos do que por comédias. Por que você aceitou fazer *Maverick*?

Justamente para mudar, tentar algo novo. Eu não fazia uma comédia boa desde *Bugsy Malone* (*dirigido em 76 por Alan Parker*) e estava cansada de fazer filmes desgastantes como *Sommersby* e *O Silêncio dos Inocentes*.

Sempre ouvimos falar de atores reclamando que cinema é um trabalho cansativo, apesar de eles terem um trailer com ar-condicionado, um cozinheiro particular e ganharem milhões de dólares. É realmente um fardo fazer um filme?

(*Risos*) Depende do filme. *O Silêncio dos Inocentes*, por exemplo, foi desgastante, apesar de o clima no set ter sido o melhor possível.

Assim como Mel Gibson, você tem sua própria produtora (*Egg Productions*) e há pouco dirigiu seu primeiro filme (*Mentes que Brilham*). É uma forma de manter sua autonomia?

Sim. Já não se fazem tantos filmes como antigamente, e não há muitos roteiros bons circulando. A última coisa que eu queria na vida era depender de outras pessoas para fazer os filmes que gosto. Por isso resolvi montar minha própria produtora. Aproveito a relativa fama que consegui e tento pôr para a frente projetos em que acredito. Para mim é fundamental controlar todos os estágios da produção, da escolha do roteiro à distribuição. Fiz muita burrada quando era mais nova e já me meti em muitos filmes ruins. Hoje não quero mais isso.

Você se consideraria uma artista independente que sobrevive em meio aos tubarões hollywoodianos?

Acho que a melhor forma de trabalhar em Hollywood é usar o poderio dos estúdios e fazer os filmes que você quer. Não adianta brigar com os estúdios, desafiar as distribuidoras e fazer um trabalho independente que vai acabar num cineminha no interior. Se você quiser fazer filmes bons que dêem lucro, é preciso jogar o jogo dos estúdios, mas sem abrir mão de sua individualidade. Minha produtora poderia ter lançado quatro filmes no último ano, mas todos dariam prejuízo. É melhor lançar um filme lucrativo por ano.

Qual é seu próximo projeto?

Estou produzindo um filme chamado *Nell*, que será dirigido por Michael Apted. É a história de uma mulher selvagem que é encontrada em uma floresta e levada para a civilização. O roteiro é fantástico.

Você é uma das poucas artistas que conseguiram fazer a transição de fenômeno mirim a respeitada atriz adulta. Por que você acha que vários artistas jovens não conseguem sustentar a fama quando se tornam adultos?

Acho que tive uma boa base familiar e fui bem orientada (*a mãe de Jodie cuidou de sua carreira durante a infância e adolescência da atriz*); muitas vezes, artistas jovens são explorados por seus pais ou empresários. Dei sorte também porque sempre trabalhei com bons atores e diretores, e me acostumei a estar cercada por gente competente. Fiz *Taxi Driver* quando ainda era menina.

Vamos falar um pouco de *Taxi Driver*: quando você estava filmando, já dava para notar que seria especial?

Várias vezes durante as filmagens eu me peguei pensando que aquele era um filme diferente de todos os que eu já havia feito. O elenco era espetacular e Marty Scorsese é um vulcão de energia. É óbvio que eu nunca poderia supor que o filme fosse se tornar esse fenômeno de crítica.

***Taxi Driver* foi um dos filmes mais representativos dos anos 70, quando essa busca louca pelo sucesso de bilheteria ainda não dominava Hollywood. Você acha que o cinema era melhor?**

Com certeza a década de 70 foi um dos períodos mais legais do cinema. Os filmes eram baratos e os estúdios produziam muito mais. *Taxi Driver* custou US$ 1,5 milhão, o que hoje não paga nem o negativo de um filme. Hoje não dá para pensar num filme médio por menos de US$ 20 milhões. É lógico que isso torna o cinema uma arte proibitiva. O público também não era tão exigente quanto à qualidade visual. *Taxi Driver* tem uma imagem granulada, parece tirada com a Polaroid da sua avó! (*Risos*) Hoje nenhuma platéia aceitaria ver um filme desses.

E isso não é triste?

É muito triste...

MAVERICK

ENTREVIST

Mel Gibso

Não é segredo em Hollywood que os papéis de Annabelle e Cooper haviam sido oferecidos a Meg Ryan e Paul Newman. Ryan chegou a aceitar, mas depois tirou o time de campo, alegando que precisava passar mais tempo com seu marido (Dennis Quaid) e com o bebê do casal, Jack. Paul Newman não topou.

"A situação ficou feia", diz Richard Donner, experiente diretor de filmes de ação que trabalhou com Mel nos três *Máquina Mortífera*. "Nosso tempo estava se esgotando e precisávamos arrumar atores rápido." Foi aí que alguém sugeriu Jodie Foster. "A princípio achei estranho", confessa Mel. "Jodie não é o tipo de atriz que você chama para uma comédia leve como esta." Bom, não custava nada tentar, e a produção fez o convite. Poucos dias depois, a atriz deu o sim. "Nos últimos anos eu só havia trabalhado em dramas pesados, e achei que seria uma ótima me divertir um pouco", diz Foster.

James Garner, o Maverick da TV, vive agora o xerife Cooper

Para o papel de Zane Cooper, Mel e Donner resolveram tentar o Maverick original, James Garner. "Tinha medo que ele ficasse tão puto com o convite que fosse me bater", diz Donner. "Você sabe como esses veteranos são orgulhosos em relação a seus antigos papéis. Achamos que Garner não gostaria de assumir um papel secundário, enquanto o personagem que ele havia criado ficava para outro."

Os temores de Mel e Donner se dissiparam depois do primeiro encontro com Garner: o

Diretor Bem-Humorado

Richard Donner é um típico boa-praça. Brincalhão, bronzeado, tem um bom humor contagiante e não aparenta seus 57 anos. Também, ganhando US$ 5 milhões por filme, até o Lee Marvin sairia distribuindo sorrisos.

Donner merece. É um dos cineastas americanos de maior sucesso comercial, com uma lista de créditos impressionante: A Profecia, Super-Homem, Ladyhawke, Os Goonies *e a série* Máquina Mortífera. *Antes de entrar para o cinema, ele trabalhou na TV americana, dirigindo diversos episódios da série* Além da Imaginação.

Quando um produtor quer um diretor competente, que faz o arroz-com-feijão sem erros ou maluquices, o negócio é chamar Donner. Só a série Máquina Mortífera *já rendeu cerca de US$ 1 bilhão. "Adoro fazer esses filmes", diz Donner. "Me dou muito bem com Mel e Danny Glover e é como se fôssemos três meninos em férias."*

Mas o melhor trabalho de Donner é A Profecia, *um filmaço de terror de 1976 que gerou três seqüências e um batalhão de imitadores. O diretor diz que gosta muito de horror e está preparando um remake de um antigo filme da produtora inglesa Hammer, cujo nome não quis revelar. Sobre* A Profecia, *Donner diz que nunca imaginou que fosse fazer tanto sucesso. "Era apenas um pequeno filme de horror, que de repente virou um fenômeno."*

E o que Donner acha dos três filmes-seqüência de A Profecia? *"Não vi", jura. Ao saber que a imaginação "fértil" do roteirista da terceira parte transformou o personagem Damien em presidente dos Estados Unidos, Donner comentou: "Acho que eu nunca poderia ter pensado numa idéia mais idiota. Agora tenho que alugar esse filme para ver".*

Por que você demorou tanto para trabalhar num western?

Porque nunca havia achado um roteiro interessante. Gosto de todos os tipos de western, dos clássicos de John Ford aos épicos do Sergio Leone.

Você não acha que a série *Máquina Mortífera* parece um western adaptado para os anos 80 e 90?

Sem dúvida. Westerns eram os filmes de ação dos anos 40 e 50. A estrutura é a mesma. O que eu gosto em *Maverick* é que, apesar de ter todos os clichês, como duelos, bandidos e pôquer, tem humor suficiente para brincar com o gênero. *Maverick* é engraçado sem parodiar filmes de ação.

Por falar em *Máquina Mortífera*, quando é que vamos ver o número quatro? Havia um boato de que vocês iriam filmar as partes quatro e cinco em seguida, para economizar no orçamento.

É verdade, essa idéia realmente existia. No momento não sei em que pé estão as coisas. Richard Donner estava trabalhando num roteiro. Se a história for boa, então posso pensar em fazer mais uma seqüência.

Seu filme *O Homem Sem Face*, lançado em 1993, foi bem recebido pela crítica. Você aprendeu muito com os diretores com quem trabalhou?

É lógico. Todo mundo com quem eu trabalhei até hoje me influenciou.

Zeffirelli (*com quem Gibson filmou* Hamlet) ensinou algo a você?

Sim, aprendi que, se ele pode dirigir, eu também posso! (*Gibson faz cara de arrependido, como se tivesse dito algo que não deveria, e se recusa a ir fundo na resposta.*)

O que você achou de dirigir?

É cansativo, mas recompensador. Depois que você se senta naquela cadeira é que dá mais valor aos diretores. É um trabalho árduo, que exige uma concentração fora do normal e uma paciência incrível.

Você pretende dirigir novamente?

Sim, daqui a uns dois meses vou começar a filmar *Braveheart*, um épico medieval. Devemos filmar na Europa.

***Mad Max* foi um dos primeiros filmes australianos a fazer grande sucesso nos EUA, e criou toda uma leva de imitadores. O que você acha da série?**

Dos três filmes, o único de que realmente gosto é o segundo. Aquele foi um grande filme! Parecia que o visual havia sido tirado de uma revista em quadrinhos.

O que você acha do primeiro e do terceiro filmes da série?

O primeiro é muito amador. Tem boas cenas, mas não é emocionante como o segundo. O terceiro é uma merda, até hoje não sei como me meti naquilo! (*Risos*) Tudo é ridículo: a história, os atores, tudo!

Voltando a *Máquina Mortífera*: como qualquer série de filmes de ação hoje em dia, esta também é criticada por causa da violência. Qual é a sua opinião sobre violência no cinema?

Não vejo problema com a violência em filmes, desde que ela seja justificada. Não gosto de violência gratuita. Outro dia fui ver *Amor à Queima-Roupa* e achei uma porcaria. Só havia uma cena boa, aquela entre o Dennis Hopper e o Christopher Walken. O resto era um monte de cenas superviolentas que não tinham razão de ser. Parece que o diretor (*Tony Scott*) fez aquilo só para chocar. Ah, gostei também da menina do filme (*Patricia Arquette*).

Você hoje está numa posição confortável em Hollywood. Tem sua própria produtora e, com um "sim", pode dar partida nas filmagens de uma produção de dezenas de milhões de dólares, como *Máquina Mortífera 4*. O que você acha disso?

Minha posição é privilegiada porque posso escolher meus próprios projetos e os atores e diretores com quem quero trabalhar. Mesmo assim, foi uma dificuldade arrumar dinheiro para *O Homem Sem Face* (*noticiou-se que Mel abriu mão de seu cachê de quase US$ 10 milhões para baratear o filme*). Estúdios só querem saber de lucro, e te tratam bem enquanto você estiver rendendo grana. Sei que não posso passar o resto da vida fazendo filmes pequenos como *Eternamente Jovem* ou *O Homem Sem Face*, e que de vez em quando vou ter que fazer uma superprodução como *Maverick*. Mas só aceito trabalhar nesses filmes milionários se achar que os roteiros são bons e se acreditar no projeto.

Existe o risco de você se entediar com o sucesso? O que seria um desafio para um ator como você, que ganha muito dinheiro e pode escolher seus projetos?

Penso muito nisso. Acho que meu objetivo sempre foi ter liberdade e nunca depender de ninguém para me guiar. As pessoas acham que artistas querem ficar ricos e famosos para ter uma mansão com uma piscina lotada de ninfas peladas te servindo uvas na boca. Vou te dizer uma coisa: tenho bastante dinheiro, mas nunca tive uma aspiração dessas! (*Risos*) Acho que sucesso é poder trabalhar naquilo que se gosta, com as pessoas que se admira. E isso eu consegui.

Ascensão de um Sedutor

VERÃO DE FOGO (76): Mel Gibson debuta no cinema australiano aos 23 anos.
MAD MAX (79): Mel pela primeira vez como protagonista. O diretor George Miller o adorou em *Verão de Fogo*.
TIM – ANJOS DE AÇO (79): o deficiente mental que se relaciona com uma mulher mais velha serviu para Mel mostrar seu potencial interpretativo e lhe rendeu o prêmio do Australian Film Institute.
GALLIPOLI (81): este excelente drama de guerra foi um passo importante na carreira do ator, principalmente porque esteve sob a direção de Peter Weir.
MAD MAX 2 – A CAÇADA CONTINUA (81) – o cavaleiro solitário revive, lança Mel como astro internacional e joga seu cachê para US$ 1 milhão por trabalho.
O ANO EM QUE VIVEMOS EM PERIGO (82): Mel volta a trabalhar com Weir em sets nas Filipinas, de onde foram expulsos por terroristas.
MAD MAX 3 – ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO (85): após estrear em 1984 na indústria americana em três produções sem brilho – *Rebelião em Alto-mar*, *Mrs. Soffel* e *O Rio do Desespero* –, Mel amargou péssimas críticas por sua atuação e por tratar mal os jornalistas. Arrasado, foi ser rancheiro na Austrália.
MÁQUINA MORTÍFERA (87): Richard Donner tira Mel do ostracismo. É também a partir deste filme que o ator passa a mostrar o "bumbum" a torto e a direito.
CONSPIRAÇÃO TEQUILA (88): A trama é confusa, mas o charme do trio central e a fotografia deslumbrante ganharam multidões.
MÁQUINA MORTÍFERA 2 (89): o doidaço Martin Riggs está de volta, mais violento, mais engraçado e com o salário caminhando para as alturas.
AIR AMÉRICA – LOUCOS PELO PERIGO/ALTA TENSÃO/HAMLET (90): ok, Mel! O sucesso sobe à cabeça e a bilheteria despenca em clima shakespeariano.
ETERNAMENTE JOVEM / MÁQUINA MORTÍFERA 3 (92): o primeiro é veículo para o astro desfilar seu carisma, e o segundo é a terceira maior bilheteria de 1992. Mel faturou US$ 10 milhões!
O HOMEM SEM FACE (93): Mel debuta na direção. Se deu certo ou não, só vamos conferir a partir de agosto, com o lançamento nos cinemas.

Deborah Peleias

MAVERICK

veterano estava entusiasmado pelo renovado interesse por *Maverick* e disse que topava qualquer coisa. "Meu Deus, como é que eu vou me opor a ver Mel Gibson fazendo meu antigo papel? É um orgulho incrível!", diz Garner.

Maverick foi filmado em quinze semanas no deserto do Arizona, numa cidade cenográfica erguida à margem de um rio. Mel, Jodie e James são unânimes em afirmar que nunca se divertiram tanto numa filmagem. "Pela primeira vez, fiquei triste quando tudo terminou", jura Foster. "A química entre nós foi perfeita", completa Garner.

Assistindo ao filme, dá para perceber que os atores estão se divertindo tanto (ou até mais) quanto a platéia. O diretor Donner deu liberdade aos três para criar diálogos e inventar novas piadas. "Foi um caos divertido", resume Donner. "Às vezes funcionava, outras vezes a gente tinha que filmar toda a cena de novo." O clima no set era bem familiar: os seis filhos de Mel e sua mulher, Robyn, freqüentemente visitavam o papai famoso e acabaram se tornando amigos de Foster e Garner. "Era como um pique-nique", diz Garner, "com um monte de crianças correndo de um lado para o outro".

SET

Mel divide a cena com Graham Greene, que interpreta um chefe indígena picareta

Jogadores em Vídeo

A CIDADE DO JOGO *(The Big City, EUA, 1987) Direção: Ben Bolt. Com Matt Dillon, Diane Lane, Tommy Lee Jones. 105 min.* Concorde/F.J. Lucas.
Matt Dillon é um interiorano que chega na Chicago de 1957 esperando ganhar a vida com sua habilidade com os dados. **Tipo**: jogador hábil e ambicioso.

A COR DO DINHEIRO *(The Color of Money, EUA, 1986) Direção: Martin Scorsese. Com Paul Newman, Tom Cruise, Mary Elizabeth Mastrantonio. 117 min.* Abril Vídeo.
Continuação de *Desafio à Corrupção* (1961) na qual Paul Newman é um campeão de sinuca que, aposentado, inicia um novato promissor (Cruise). **Tipo**: veterano amargurado e aprendiz arrogante.

GOLPE DE MESTRE *(The Sting, EUA, 1973) Direção: George Roy Hill. Com Paul Newman, Robert Redford, Robert Shaw. 129 min.* CIC.
Newman e Redford são vigaristas na Chicago dos anos 30. Com muita astúcia, dão um golpe em famoso gângster (Shaw). **Tipo**: trambiqueiros de primeira estirpe.

A GRANDE BARBADA *(Let It Ride, EUA, 1989) Direção: Joe Pytka. Com Richard Dreyfuss, Teri Garr. 91 min.* CIC.
Dreyfuss é um taxista viciado em corridas de cavalos que conversa com Deus para ganhar uma grana e preservar a esposa (Garr). **Tipo**: apostador irresponsável.

JOGO DE EMOÇÕES *(House of Games, EUA, 1987) Direção: David Mamet. Com Lindsay Crouse, Joe Mantegna. 102 min.* LK-Tel/Vídeo.
Magnífica estréia na direção do dramaturgo e roteirista Mamet, que usa sua esposa, Lindsay Crouse, para personificar psicóloga envolvida por jogador compulsivo em trama de vida e morte. **Tipo**: jogadores inteligentes e teóricos.

JOGO NO ESCURO *(Fever Pitch, EUA, 1985) Direção: Richard Brooks. Com Ryan O'Neal, Giancarlo Giannini. 96 min.* Vídeo Arte.
A montagem ágil parece insinuar que a obsessão de um jogador é semelhante ao vício por cocaína. O'Neal é um jornalista que estuda o universo de Las Vegas e se descobre um apostador compulsivo. **Tipo**: viciado enrustido.

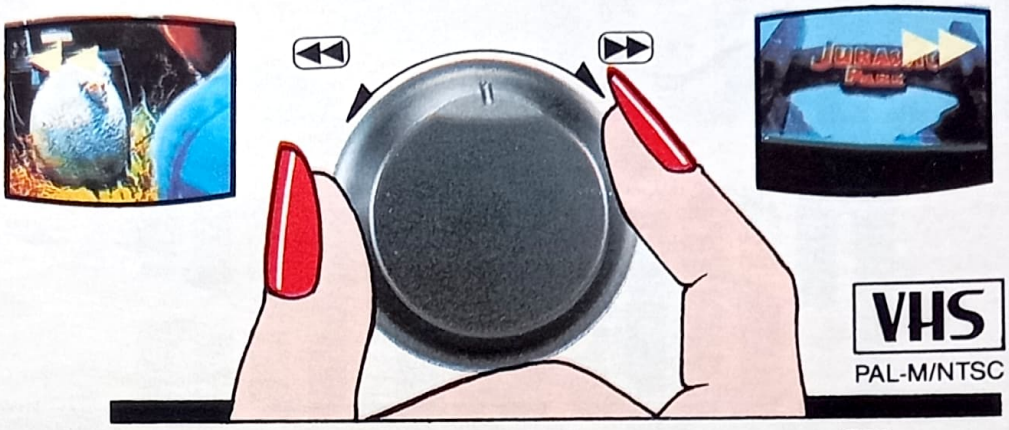
A PRIMEIRA NOITE DE TRANQÜILIDADE *(La Prima Notte de Quiete, Itália/França, 1972) Direção: Valerio Zurlini. Com Alain Delon, Giancarlo Giannini. 130 min.* Sagres.
Delon é um professor que se envolve com grupo de jogadores de cartas muito liberais. Retrato da juventude italiana dos anos 70. **Tipo**: jogadores existenciais.

QUINTETO *(Quintet, EUA, 1979) Direção: Robert Altman. Com Paul Newman, Vittorio Gassman, Fernando Rey. 118 min.* Abril Vídeo.
No início do próximo período de glaciação, a sobrevivência é determinada por um jogo mortal, o Quinteto. Mórbido e pessimista. **Tipo**: jogadores apocalípticos.

Christian Petermann

RECURSOS FANTÁSTICOS COM UM SIMPLES MOVIMENTO.

Em cada modelo de videocassete Panasonic você tem uma emocionante experiência.
O Super Jog e o Shuttle permitem controlar a maioria dos modos de reprodução e efeitos com um simples movimento.
Com a ''Busca Rápida'', por exemplo, você pode checar a cena que está sendo exibida simplesmente girando o Super Shuttle.
Os videocassetes Panasonic também oferecem a você muitos outros recursos fantásticos. É realmente a evolução com facilidade de operação.



VHS
PAL-M/NTSC

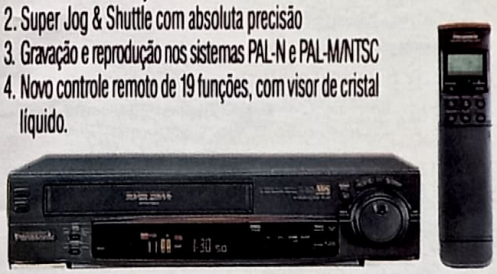
SUPER DRIVE SYSTEM

NV-SD10BR

1. Sistema de 4 cabeças de vídeo
2. Super Shuttle com absoluta precisão
3. Gravação e reprodução nos sistemas PAL-M/NTSC
4. Sistema de imagem de alta qualidade
5. Limpeza automática das cabeças
6. Controle remoto simplificado
7. Tampa superior à prova de poeira

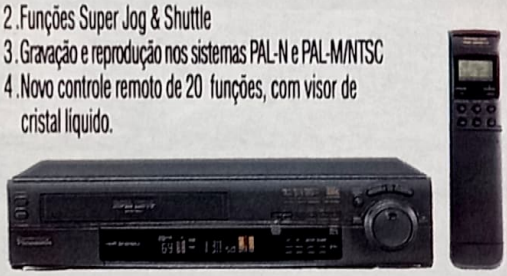
NV-SD20BR

1. Sistema de 4 cabeças de vídeo
2. Super Jog & Shuttle com absoluta precisão
3. Gravação e reprodução nos sistemas PAL-N e PAL-M/NTSC
4. Novo controle remoto de 19 funções, com visor de cristal líquido.



NV-HD100BR

1. Sistema de som Hi-Fi estéreo
2. Funções Super Jog & Shuttle
3. Gravação e reprodução nos sistemas PAL-N e PAL-M/NTSC
4. Novo controle remoto de 20 funções, com visor de cristal líquido.



À venda na Zona Franca de Manaus e Free Shop dos principais aeroportos do Brasil
Produtos Importados

Panasonic

Antecipa o futuro

cinco rapazes à beira do estrelato

Antes de inventar a cultura pop e mudar o mundo, os "fab four" eram, na verdade, cinco garotos e uma menina, como conta BACKBEAT – OS 5 RAPAZES DE LIVERPOOL

Por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

E no início eram John, Paul, George... Pete e Stu. Movidos a sonhos, birita e anfetamina, esses cinco garotos de Liverpool poliam suas habilidades musicais nos inferninhos de Hamburgo, brigavam por causa de uma garota, experimentavam novos cortes de cabelo e, principalmente, preparavam-se para desencadear a maior revolução juvenil que já varreu o planeta. É esse período da história dos Beatles, entre 1960 e 1962, anterior ao sucesso da banda e à entrada de Ringo Starr, o tema de *Backbeat*. Não poderia ser uma cartada mais feliz para o cinema inglês, que prova assim que não vive só de fitas "cabeça" ou adaptações literárias.

Mas quem eram Pete e Stu? Pete Best foi o primeiro baterista da banda, substituído por Ringo momentos antes da gravação do sucesso "Love Me Do". Já com Stu Sutcliffe a história foi outra. Baixista (por sinal, um mau baixista), artista e grande amigo de John Lennon, o "quinto Beatle" criou um dilema com seu afastamento gradual mas constante do grupo, que trocou pela pintura e pela namorada, a alemã Astrid Kirchherr.

Os Beatles prosseguiram sem Stu, mas sua marca e a de Astrid ficariam para sempre. Astrid entrou na vida dos Beatles em Hamburgo, quando foi apresentada à banda pelo artista Klaus Voorman. Pobre Klaus: não demorou para que a atraente e vanguardista Astrid rompesse o namoro com ele e iniciasse um romance com o sonhador Stu. Foi Astrid quem inventou o penteado "beatle" e clicou fotos históricas dos rapazes, todos de couro preto e com caras de meninos brincando de mau. E Stu protagonizou a primeira das muitas tragédias na trajetória da banda, ao morrer vítima de um tumor cerebral com apenas 21 anos de idade.

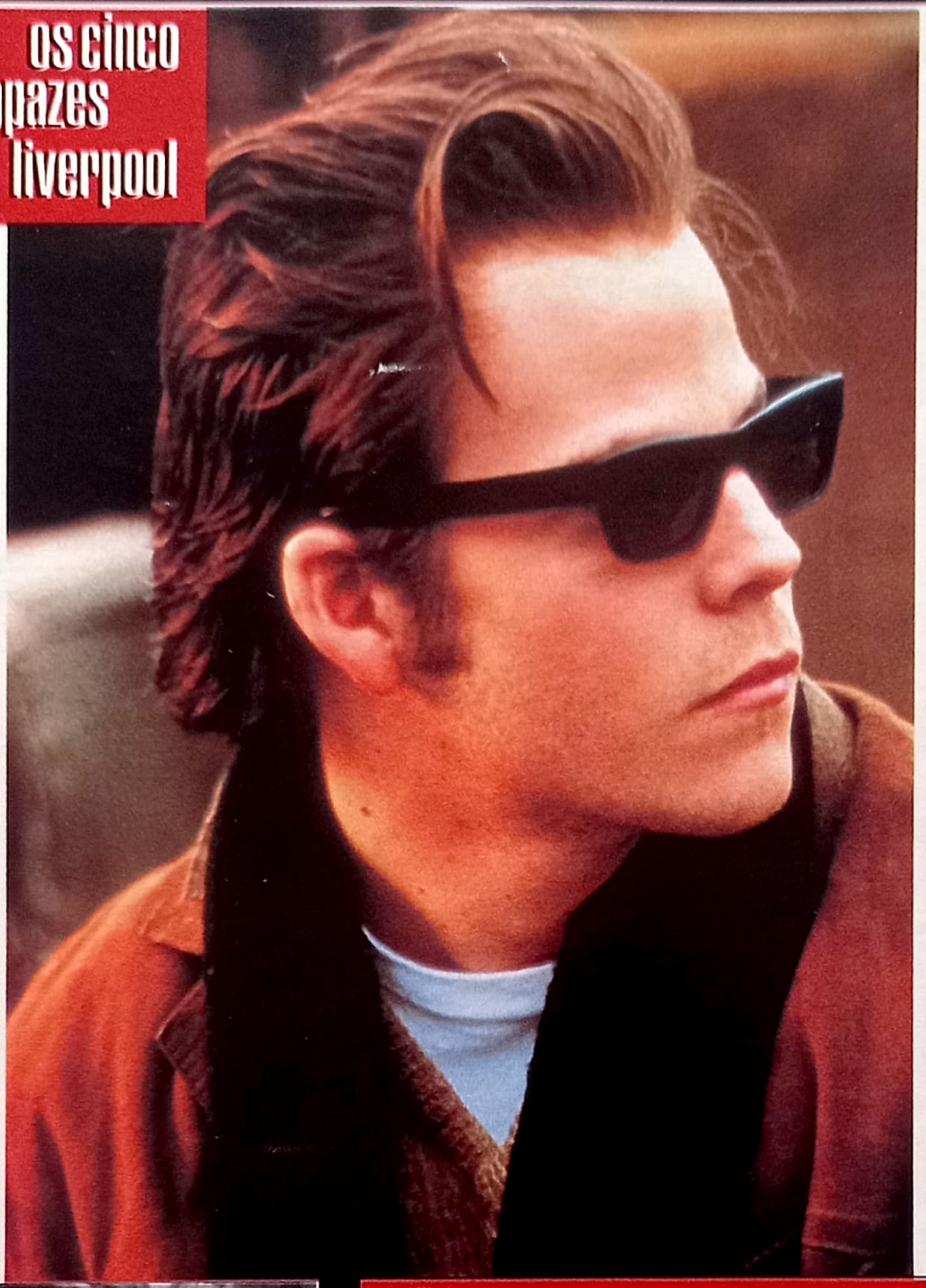
A Pré-História do Rock

Os Beatles já foram objeto de documentários (*The Compleat Beatles* é o mais notável) e de filmes de ficção (*I Wanna Hold Your Hand*, estréia de Bob Zemeckis na direção de longas e de Steven Spielberg na produção executiva). Mas *Backbeat* é o primeiro filme a visitar os integrantes da banda antes da fama e da fortuna. Os realizadores de *Backbeat*, no entanto, preferem enxergar no filme uma história mais aberta que um mero retrato dos Beatles na flor da juventude. "É um tema universal", diz o ator Ian Hart, o John Lennon do filme, "e não diz respeito exclusivamente aos Beatles ou àquele período da história. Diz respeito àquela fase na vida da gente em que o adolescente começa a virar adulto, diz respeito à descoberta do amor".

"Não pretendíamos criar um documento histórico", reitera o diretor Ian Softley. "O

Em sentido horário, Ian Hart (John Lennon), Gary Bakewell (Paul McCartney), Scott Williams (Pete Best) e Chris O'Neill (George Harrison); ao centro, Stephen Dorff como o "quinto Beatle" Stuart Sutcliffe

os cinco rapazes de liverpool



Fotos Art Filmes

filme se inspirou numas fotos tiradas por Astrid em Hamburgo, em 1961. Vi nas fotos o relacionamento entre esses personagens de um filme que estava só esperando para acontecer." "Hoje", continua Softley, "as pessoas sabem que eles se transformariam na banda de rock and roll de maior sucesso de todos os tempos. Mas naquele momento os personagens não sabiam disso e, portanto, eram pessoas comuns".

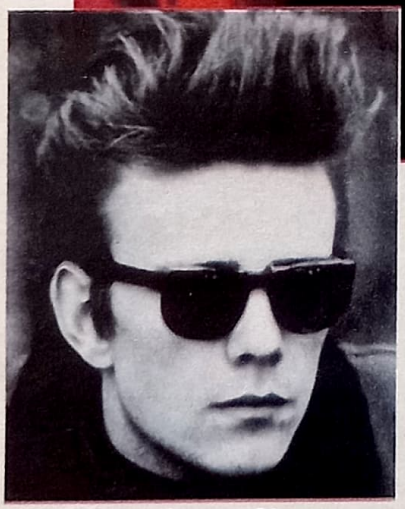
"Eu, como diretor, me preocupei em fazer com que os atores respondessem às situações das cenas e que as tornassem universais. Dessa forma, espero, o público reagirá às situações do filme como se elas fossem reais, e não apenas uma cópia carbono do que aconteceu."

Memória Viva

Backbeat nasceu em 1983, durante encontros entre Ian Softley e Astrid Kirchherr – a quem o diretor contatou através da família de Stu Sutcliffe. Inicialmente, lembra Softley, ela relutou em colaborar, "temerosa de que estivéssemos querendo explorar os Beatles com um filme inescrupuloso e escandaloso". Afinal, Lennon fora assassinado apenas três anos antes, e o momento era espinhoso. Mas, aos poucos, Astrid baixou a guarda e deu acesso às suas fotos, memórias e contatos. Ela apresentou o diretor a Klaus Voorman e a amigos dos tempos de Hamburgo, permitindo que Softley aprofundasse cada vez mais sua pesquisa.

"As pessoas que me interessavam nessa história eram John, Stu e Astrid", diz Ian. "Infelizmente, desses somente Astrid está viva. E ela colaborou de perto comigo na realização do filme durante os onze anos que passei desenvolvendo o projeto."

Foi um longo processo até o filme deslanchar. A primeira versão do roteiro só



Stephen Dorff como Stu e, no detalhe, o verdadeiro, fotografado pela namorada Astrid Kirchherr

O Ego de um Jovem Ator

Modéstia é uma palavra ausente do vocabulário de Stephen Dorff – vocabulário que ele próprio, aliás, diz ser limitado e nada "intelectualizado". Mas, quaisquer que sejam as falhas acadêmicas ou éticas de Dorff – que adora dedicar comentários ferinos aos colegas de profissão –, ele tem uma qualidade inegável: é o tipo de ator que faz todo mundo sair do cinema se perguntando "mas quem é esse cara, afinal?".

No que depender de Dorff e dos caçadores de talentos, essa pergunta não vai ficar muito tempo sem resposta. Mais conhecido até agora pelo papel do jovem sul-africano de origem inglesa que interpretou no drama *O Poder de um Jovem* – dirigido pelo mesmo John Avildsen de *Rocky* –, o americano Dorff promete sem rodeios que ainda vai ser "o dono de Hollywood". Nessas palavras.

Ele está no caminho certo. Não só tem talento e é bonitinho, como sabe fazer onda. Fala com desdém de outros jovens atores, como Ethan Hawke, Christian Slater, Emilio Estevez e Juliette Lewis, guardando um lugar no coração apenas para River Phoenix. Afirma que só não ficou com o papel de Chris O'Donnell em *Perfume de Mulher* porque criou um tipo "intenso demais". Está na lista de cineastas como Gus Van Sant e John Schlesinger e diz ser capaz de "reacender a chama" de diretores em baixa. Explica que não usa drogas porque já é autodestrutivo o suficiente, e coloca a sensibilidade entre suas virtudes.

Até o final do ano, Stephen Dorff, de 20 anos, estará estrelando o candidato a cult *S.F.W.* (abreviação de *So Fucking What*), uma sátira sobre dois garotos tomados como reféns numa loja de conveniência. Como se vê, ele é bom de controvérsia. Resta saber se de futurologia também.

I.B.

A rapaziada dos Beatles, em seus primórdios, faz pose de *cool* em *Backbeat – Os 5 Rapazes de Liverpool*

A preferência dos Beatles por anfetaminas na época em que circulavam por Hamburgo garantia aos rapazes uma silhueta bem esguia – o que obrigou Ian Hart, que interpreta John Lennon em BACKBEAT, a uma dieta drástica. "Normalmente sou um cara rechonchudo", atesta Hart.

Em seus últimos dias em Hamburgo, os Beatles estavam acomodados num cinema. Um dia, ao voltarem para casa, Paul McCartney e Pete Best encontraram o local sem iluminação. Colocaram fogo no papel de parede, pegaram suas roupas e foram embora, esquecendo-se de apagar a tocha improvisada – que acabou incendiando parte do cinema. Paul e Pete foram presos e deportados da Alemanha só com o baixo (no caso de Paul) e as roupas do corpo.

Stu Sutcliffe só entrou nos Beatles por insistência de Lennon – que obrigou o aprendiz de artista plástico a gastar o dinheiro de um prêmio na compra de um baixo. Stu tocava de costas e com os dedos encolhidos, para que as pessoas não desconfiassem dos poucos acordes que conhecia.

os cinco rapazes de liverpool

Calças de couro e fãs delirantes – que depois virariam rotina na vida da banda

ficaria pronta em 1987. A produção de *Backbeat* não começou até 1992, com o envolvimento dos produtores Stephen Woolley e Nik Powell, o mesmo time por detrás de *Traídos pelo Desejo*.

O primeiro "beatle" a ser escalado para o filme foi Ian Hart. Também nativo de Liverpool, Hart tem uma semelhança física (e de temperamento) com Lennon que chega a ser enervante. Curiosamente, esta é a segunda vez que Hart representa John na tela – ele participou também de *Horas e Momentos* (*The Hours and the Times*), filme de ficção baseado no fim-de-semana que John passou na Espanha com Brian Epstein, empresário dos Beatles. Um episódio controvertido, que deu origem a boatos sobre um possível caso entre os dois durante o passeio.

Em seguida veio Stu – ou melhor, Stephen Dorff, ator americano mais conhecido por seu trabalho em *O Poder de um Jovem*. Sheryl Lee – a Laura Palmer de *Twin Peaks* – completaria o triângulo amoroso, no papel de Astrid.

Feitiço

Stephen Dorff conheceu Astrid durante as filmagens e pôde experimentar, em primeira mão, os atrativos que enfeitiçaram Stuart Sutcliffe – e também John Lennon, segundo *Backbeat*. "Ela ainda é uma artista de verdade", lembra Stephen. "Tem uma presença e tanto. Tenho certeza de que se ela entrasse nesta sala agora todo mundo viraria para prestar atenção nela".

Astrid, além disso, era uma das preocupações de Softley: era ela sua fonte principal e, com o filme pronto, seu juiz mais rigoroso. Mas o diretor pôde suspirar aliviado: "Quando o filme ficou pronto, Astrid achou tudo autêntico. A mesma coisa aconteceu com Cynthia (primeira mulher de John Lennon). Tanto que antes da *première* do filme, em Londres, ela alertou o filho Julian que naquela noite ele iria ser apresentado ao pai".

"Depois da exibição, Julian ficou muito emocionado. Na festa, mais tarde, ele passou o tempo todo conversando comigo, com Stephen Dorff, Ian Hart e Jennifer Healey, que faz o papel de Cynthia." Softley admite que os produtores, inicialmente, haviam pensado em escalar Julian para o papel de John – mas, "felizmente", a idéia foi descartada. "Teria sido um truque para chamar atenção para o filme."

SET

Trilha Recorda Primórdios da Banda

A trilha de *Os 5 Rapazes de Liverpool* é o que se pode chamar de "grande sacada": mostrar os tempos duros em que os Beatles tocavam nas boates de Hamburgo e nem de longe possuíam o refinamento sonoro de seus discos – que só chegou anos mais tarde, quando se juntaram ao maestro George Martin.

Antes de formar a banda para a trilha sonora do filme, Don Was, produtor do disco, pediu conselhos a Ringo Starr. Apesar de não fazer parte dos Beatles naquela época, Ringo tocava num grupo rival em Hamburgo e, sempre que podia, ia conferir os bailes dos Beatles. Ringo foi categórico: "Não pense em fazer uma Beatlemania porque nem os Beatles pareciam os Beatles naquela época", disse ele a Was. "O som deles estava mais próximo de uma banda punk."

A Backbeat Band acabou virando um "quem-é-quem" do rock americano: nas guitarras, Thurston Moore (do Sonic Youth, que nunca havia tocado uma música dos Beatles em sua vida) e Don Fleming (do Gumball); Mike Mills (R.E.M.) pegou o baixo e Dave Grohl (Nirvana) assumiu as baquetas. As vozes de Lennon e McCartney ficaram a cargo de Greg Dulli (Afghan Whigs) e Dave Pirner (Soul Asylum), respectivamente.

Outra decisão sábia de Was foi não inventar moda. Não há nenhuma canção original do grupo inglês. Todas as músicas (doze ao todo) são *covers* que os Beatles depois incluiriam ao longo de doze álbuns – como "Money", "Twist and Shout" e "Rock'n'Roll Music", tocadas com o *punch* da Backbeat Band. O resultado pode ser conferido no CD lançado no Brasil. Greg Dulli, no papel de John Lennon, não decepciona: sua interpretação visceral em "Money" é uma das melhores coisas da trilha. Agora, quanto a David Pirner... bem, por mais crus que fossem os Beatles naquela época, nada justifica a inclusão de um vocalista tão medíocre para representar Paul McCartney. Basta citar que, em "Long Tall Sally", Pirner enche a música de gritos desafinados. Nada de agudos *à la* Little Richard, apenas um fiapo de voz.

Sérgio Martins

Sheryl Lee, de *Twin Peaks*, encarna a fotógrafa alemã Astrid Kirchherr

SHOPPING

LASER

THE COMPLEAT BEATLES – documentário histórico, com trechos de músicas e entrevistas com amigos e empresários dos Beatles. Preço médio: US$ 55 a US$ 60.

BEATLES FIRST VISIT TO USA – mostra a viagem dos Beatles aos EUA, onde participaram do ED SULLIVAN SHOW, e trechos de entrevistas. Preço: US$ 55 a US$ 60.

A HARD DAY'S NIGHT – primeiro filme da banda para o cinema. Com direção de Richard Lester, o longa-metragem não tem história, mas é cheio de boas músicas – como "I Should Have Known Better", "If I Feel" e a música-título.

HELP! – outra boa parceria dos Beatles com Lester. Aqui, Ringo é perseguido por uma seita de fanáticos. Entre os números musicais estão "Ticket to Ride", "I Need You" e "You've Got to Hide Your Love Away". US$ 55 a US$ 60.

READY STEADY AND GO – apresentação ao vivo dos Beatles para a TV americana. Em cerca de 20 minutos, eles cantam "Twist and Shout", "Please Please Me", "She Loves You" e muito mais. Preço médio: US$ 46.

LIVE AT BUDOKAN – mostra um show do quarteto na famosa casa de shows japonesa, em 1966. Músicas: "Yesterday", "I Wanna Be Your Man", "If I Needed Someone" etc. Videodisco japonês; cerca de US$ 95.

EM VÍDEO

HELP! (Inglaterra, 1965) Direção: Richard Lester. 90 min. Sony.

SUBMARINO AMARELO (Yellow Submarine, Inglaterra, 1968) Direção: George Dunning. 85 min. Warner.
Genial animação em que os Beatles, a bordo do submarino do título, salvam Pepperland dos ameaçadores Blue Meanies. Na trilha, "Lucy in the Sky with Diamonds", "Eleanor Rigby" e outras. Os integrantes da banda aparecem em carne e osso no final.

Autodescoberta e Amizade

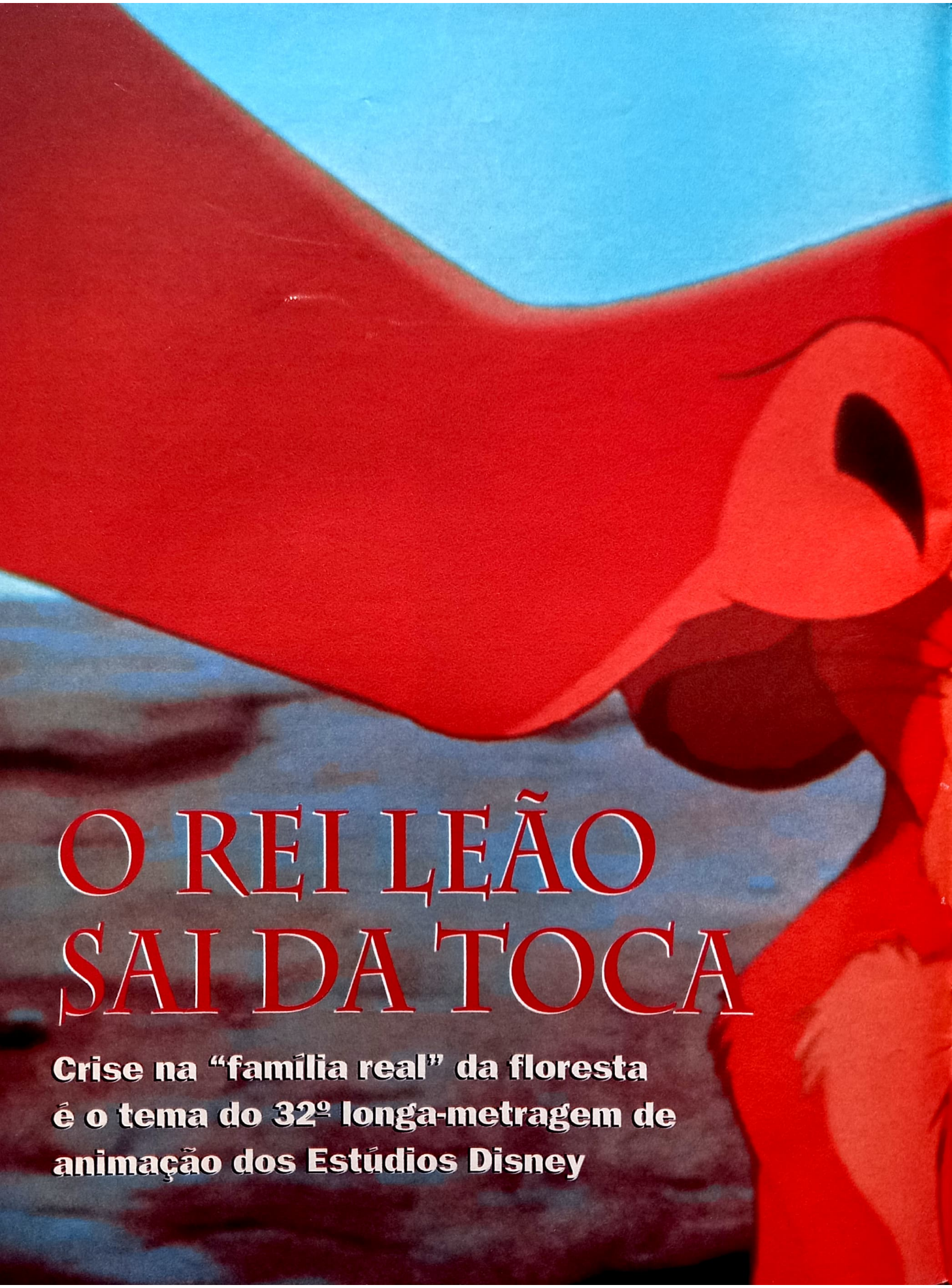
Antes de se transformar nos Beatles como hoje os conhecemos – o mais potente e duradouro ícone da música pop –, os Silver Beatles eram apenas um grupo de jovens ingleses ralando noite após noite nos palcos apertados e abafados dos inferninhos de Hamburgo, auto-aclamada "a cidade do pecado". Esfomeados, duros, drogados, bêbados, assustados, explorados – mas, acima de tudo, batalhadores e humanos.

Os 5 Rapazes de Liverpool revisita esse período na vida dos Beatles – de 60 a 62 – para se centrar não no nascimento do mito, mas no triângulo amoroso/criativo formado por John Lennon (Ian Hart), a fotógrafa alemã Astrid Kirchherr (Sheryl Lee) e Stu Sutcliffe (Stephen Dorff), o primeiro baixista da "banda de John", que deixou o rock pela pintura e por Astrid, só para morrer pouco depois, vítima de um tumor cerebral.

Stu era o melhor amigo de John, e sua saída da banda acabou sendo crucial para os Beatles, pois aproximou Paul McCartney (então apenas um dos três guitarristas do grupo) de Lennon. *Backbeat*, no entanto, não é um documentário sobre os Beatles: mesmo que não soubéssemos o que o futuro reservava aos personagens principais, o diretor Ian Softley nos aproxima de John, Stu e Astrid – e do elenco coadjuvante – e nos dá uma história fascinante que fala de autodescoberta e de amizade.

J.E.R.

Backbeat, Inglaterra, 1994 ■ DIREÇÃO: Ian Softley ■ ROTEIRO: Ian Softley, Michael Thomas, Stephen Ward ■ FOTOGRAFIA: Ian Wilson ■ MÚSICA: Don Was ■ FIGURINO: Sheena Napier ■ Com Sheryl Lee, Stephen Dorff, Ian Hart, Gary Bakewell, Chris O'Neill, Scott Williams, Kai Wiesingir, Jennifer Ehle ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films ■ DURAÇÃO: 100 min.



O REI LEÃO SAI DA TOCA

Crise na "família real" da floresta é o tema do 32º longa-metragem de animação dos Estúdios Disney

Fotos Columbia Boavista

A girafa come a cortina no palco do Radio City Music Hall. A zebra mija solenemente. Lá no seu canto, o leão ruge e assusta a pobre avestruz, que parecia ter adormecido. O elefante balança a tromba. Enquanto isso, lá fora a nevasca fustiga a cidade. Mais um dia normal no mundo maravilhoso da Disney.

Toda essa sonora, desinibida e escatológica mini-África – com direito a vegetação tropical – foi transportada pelos estúdios Disney para Nova York, em meio a um inverno recorde que cobriu Manhattan de branco, para divulgar o lançamento de *O Rei Leão*, o 32º longa-metragem de animação produzido pelo gigante do "cinema-família".

Poucos se anunciam com tanta fanfarra, mas a reunião entre os animais e um outro tipo de fauna – jornalistas do mundo inteiro, trazidos para assistir a trechos selecionados do novo desenho – neste local até que faz sentido: antes de chegar a qualquer outra tela americana, *O Rei Leão* passou primeiro no Radio City Hall. É a retomada de uma parceria nascida em 1933, quando o desenho de curta-metragem *Birds in the Spring*, de Walt Disney, foi exibido em première neste mesmo palco.

Para reforçar a associação entre o estúdio e a casa de espetáculos, toda sessão de *O Rei Leão* no Radio City Music Hall é precedida de um show de palco que reúne os personagens de Walt Disney e as Rockettes, as tradicionais bailarinas pernudas da casa.

Digamos que a Disney seja tradicionalista – e supersticiosa, também. Desde *A Bela e a Fera* o estúdio vem promovendo sessões para mostrar à imprensa não o desenho pronto, mas sim o chamado *work-in-progress* – o desenho em diversas fases de acabamento, dos croquis a lápis até o produto final. Dessa forma, a platéia entende bem melhor as fases por que passa uma produção dessas até ficar completa. A Disney permite uma olhadela nos bastidores da produção e aguça o interesse pelo desenho quando estiver pronto.

O que têm mudado são as circunstâncias de exibição desse *work-in-progress*: *A Bela e a Fera* passou num cinema de Westwood, pacato bairro de Los Angeles, sem maiores acontecimentos. Já *Aladdin* foi mostrado em Disney World, antes de uma megafesta com pratos exóticos, paradas de elefantes e odaliscas (aliás, debaixo de um toró). Como *A Bela e a Fera* ganhou uma indicação para o Oscar de melhor filme e *Aladdin* tornou-se o desenho de maior bilheteria da história (US$ 437 milhões no mundo inteiro), é bem provável que a Disney queira não só reproduzir essa mágica, como também fazer com que o feitiço renda o dobro, ou o triplo, de antes.

trama original

Pelo menos num aspecto, no entanto, O *Rei Leão* difere dos demais, conforme explicou Jeffrey Katzemberg, chefão da Disney, antes de passar a palavra ao diretor Rob Minkoff (que fez dois curtas protagonizados por Roger Rabbit, *Tummy Trouble* e *Roller Coast Rabbit*) e ao compositor Andrew Lloyd Weber, que escreveu a quatro mãos com Elton John cinco novas canções para o desenho.

O *Rei Leão* "não é uma história baseada num conto de fadas ou num clássico da literatura", explicou Katzemberg, "como foram todos os desenhos da Disney. A história contada neste filme foi criada e desenvolvida por nós".

O novo desenho segue a vida do leãozinho Simba, herdeiro único do trono da selva – hoje ocupado por seu pai, Mufasa. Quando o pai morre, num acidente pelo qual Simba se culpa, o leãozinho sucumbe às maquinações do diabólico tio Scar e deixa o trono e o reino da selva nas garras do irmão de Mufasa. Mais tarde, já crescido, Simba retorna para desafiar o tio Scar e retomar o poder da selvas.

A história de O *Rei Leão* entusiasma Rob em especial. "Este filme é quase um marco para nós", acredita Minkoff, "porque fala do amor entre um pai e um filho, algo que nunca foi mostrado num desenho da Disney".

moral da história

"Cada desenho animado da Disney tem um tema central", diz Tim Allen. "Em A *Pequena Sereia* o tema era 'as crianças devem ser livres para viver sua própria vida'. Em *A Bela e a Fera*, 'a beleza não é tudo'. Em *Aladdin*, 'não tenha medo de ser como você é'. O tema de O *Rei Leão* é 'responsabilidade'. No caso, a responsabilidade de Simba é assumir o posto herdado do pai".

Os aspectos técnicos de O *Rei Leão* também ajudam a separar este novo desenho de tudo que a Disney fez até agora. Assim como o uso de computadores deu vida a monstros pré-históricos em *Jurassic Park*, a Disney criou o estouro de uma manada de gnus usando imagens geradas por computador. A seqüência, de apenas dois minutos e meio, levou dois anos para ser realizada pelo time de cinco técnicos do departamento de Computer Generated Imagery da Disney.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Disney Põe Novidades "No Forno"

No momento em que O Rei Leão *chega às telas, a Disney já prepara vários outros longas de animação para lançamento entre 1995 e 1996. O primeiro é* Pocahontas, *baseado na história da indiazinha americana e, segundo Jeffrey Katzemberg, "a primeira vez que adaptamos um fato histórico e que os heróis não vivem felizes para sempre no final". Depois vêm* O Corcunda de Notre Dame, China Doll *(baseado num conto chinês),* Hércules *e, o mais arrojado de todos os novos projetos, uma versão em desenho da ópera* Aida, *a cargo de Tim Allen.*

J.E.R.

Jeremy Irons Dá Voz ao Vilão

Paris Filmes

Só para não variar, as vozes escolhidas pela Disney para dar vida aos personagens de O Rei Leão são um arraso. Jeremy Irons, por exemplo, interpreta o tio Scar, vilão da história. James Earl Jones (que emprestou suas cordas vocais ao Darth Vader de Guerra nas Estrelas) faz Mufasa, o leão pai. Simba, o leãozinho, exigiu dois atores: Jonathan Taylor Thomas faz sua voz quando pequeno; ao crescer, "vira" Matthew Broderick (de Um Novato na Máfia).

UIP

O restante do elenco não inclui um destaque notável como Robbin Williams em Aladdin. O nome mais famoso é o de Whoopi Goldberg, mas ela tem poucas cenas sozinha – Whoopi forma um par de hienas, Shenzi e Banzai, com Cheech Marin. Entre os demais atores estão Rowan Atkinson (o pássaro Zazu), Robert Gillaume (o babuíno Rafiki, misto de feiticeiro da tribo e sábio residente) e Moira Kelly (a leoa Nala, namorada de Simba).

Reina

"Quando se faz um levantamento de todos os desenhos realizados pela Disney", diz o diretor Rob Minkoff, "vemos que todos têm em comum uma bela história, ótimas canções e – talvez o mais importante – excelentes personagens. Por isso é tão importante a seleção dos atores que farão as vozes. O ideal é reunir atores com experiências variadas entre si – gente que vem do cinema, gente que vem da Broadway".

J.E.R.

O leão Mufasa, pai do leãozinho Simba, o pássaro Zazu e o babuíno Rafiki, personagens de *O Rei Leão*

OS LONGAS-METRAGENS DA DISNEY EM VÍDEO

•PINÓQUIO *(Pinocchio, 1940) Direção: Ben Sharpsteen, Hamilton Luske. 88 min.*

•FANTASIA *(1940) Supervisão: Ben Sharpsteen. 135 min.*

•DUMBO *(1941) Direção: Ben Sharpsteen. 64 min.*

•BAMBI *(1942) Direção: David Hand. 69 min.*

•VOCÊ JÁ FOI À BAHIA? *(The Three Caballeros, 1945) Direção: Norman Ferguson. 70 min.*

•CINDERELA – A GATA BORRALHEIRA *(Cinderella, 1950) Direção: Wilfred Jackson, Hamilton Luske, Clyde Geronimi. 75 min.*

•ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS *(Alice in Wonderland, 1951) Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske, Wilfred Jackson. 75 min.*

•PETER PAN *(1953) Direção: Hamilton Luske, Clyde Geronimi, Wilfred Jackson. 77 min.*

•A DAMA E O VAGABUNDO *(Lady and the Tramp, 1955) Direção: Hamilton Luske, Clyde Geronimi, Wilfred Jackson. 75 min.*

•A BELA ADORMECIDA *(Sleeping Beauty, 1959) Direção: Clyde Geronimi. 75 min.*

• A ESPADA ERA A LEI *(The Sword in the Stone, 1963) Direção: Wolfgang Reitherman. 75 min.*

• ROBIN HOOD *(1973) Direção: Wolfgang Reitherman. 82 min.*

•BERNARDO E BIANCA *(The Rescuers, 1977) Direção: Wolfgang Reitherman, John Lounsbery, Art Steens. 77 min.*

•O RATINHO DETETIVE *(Great Mouse Detective, 1986) Direção: John Musker, Ron Clements, Dave Michener e Burny Mattinson . 75 min.*

•A PEQUENA SEREIA *(The Little Mermaid, 1989) Direção: Ron Clements & John Musker. 82 min.*

•A BELA E A FERA *(Beauty and the Beast, 1991) Direção: Gary Trousdale, Kirk Wise. 85 min.*

•ALADDIN *(1992) Direção: Ron Clements & John Musker. 90 min.*

Obs.: Todos os títulos têm produção americana e são distribuídos aqui pela Abril Vídeo.

CANNES 94

O DUELO

Cannes e Hollywood se esnobaram durante toda a 47ª edição do festival, mas o nacionalismo francês terminou levando nocaute técnico: *Pulp Fiction*, do americano Quentin Tarantino, ganhou a Palma de Ouro

Por José Emilio Rondeau, de Cannes

O 47º Festival de Cannes marcou uma nova fase em sua postura mercadológica e política: a auto-afirmação francesa ante a invasão esmagadora dos hits hollywoodianos. Não houve um único filme de qualquer grande estúdio americano a concorrer na Mostra Oficial. Mas o festival (entre 12 e 23 de maio) não fugiu à regra: como aconteceu por três anos consecutivos (89/91), quando a Palma de Ouro foi para produções independentes americanas (*sexo, mentiras e videotape*, *Coração Selvagem* e *Barton Fink*), o grande premiado foi *Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino.

No curioso (e diplomático) embate que se deu no Júri, entre o presidente Clint Eastwood e a vice Catherine Deneuve, quem levou a melhor foi o caubói. A maior cartada da França, *A Rainha Margot*, teve de se contentar com o prêmio de melhor atriz para Virna Lisi e o Prêmio Especial do Júri, tido como consolo. Mesmo sem querer, Cannes rendeu-se ao histórico profissionalismo americano.

A vice e o presidente do Júri, Catherine Deneuve e Clint Eastwood (acompanhado da mulher Frances Fisher), em traje de gala

Stills

OS VENCEDORES

FILME
***Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino (EUA)**

ATRIZ
Virna Lisi (*A Rainha Margot*, França)

ATOR
Ge You (*Vivre*, China)

DIRETOR
Nanni Moretti (*Caro Diário*, Itália)

ROTEIRO
Michel Blanc (*Grosse Fatigue*, França)

PRÊMIO DO JÚRI
***A Rainha Margot*, de Patrice Chéreau (França)**

CAMÉRA D'OR (Diretor estreante)
Pascale Ferran (*Petits Arrangements Avec les Morts*, França)

Columbia Buena Vista

Lumiere

Angeli

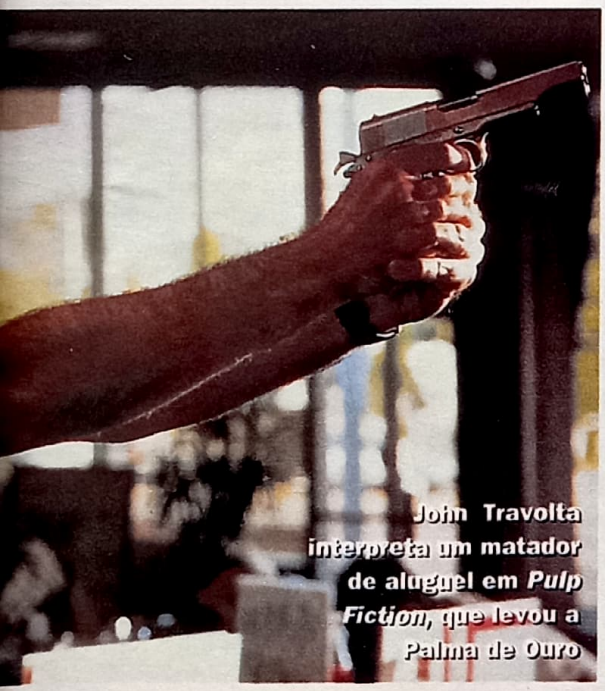
A Rainha Margot não papou os prêmios esperados, mas deu a Virna Lisi (acima) a láurea de melhor atriz

PULP FICTION
Exercício de Estilo

Quentin Tarantino rebateu com um sonoro "fuck you!" as vaias recebidas quando subiu ao palco para receber sua Palma de Ouro por *Pulp Fiction*. Os franceses vibraram: "Tarantino faz filmes que dividem, não que congraçam", babou um escriba exaltado.

Curiosamente, o vencedor da edição de Cannes em que Europa e EUA se estranharam foi um filme americano. Mas não um filme *mainstream*, e sim um longo exercício de estilo e violência que investiga as vidas de um ex-boxeador que traiu a Máfia (Bruce Willis), da esposa paqueradora de um chefão do crime (Uma Thurman) e de um matador de aluguel de saco cheio com seus contratantes (John Travolta), mais o elenco de pobres-coitados coadjuvantes (entre eles Harvey Keitel e Christopher Walken).

Nada mal para o segundo filme de um ex-balconista de videolocadora que jamais estudou cinema formalmente. Das duas, uma: Cannes premiou a visão de um cineasta que não joga pelas regras; ou então cedeu à badalação em torno do filme, "escondido" até o momento em que foi exibido, no dia 21 de maio, enquanto o tititi em torno dele ia crescendo até se tornar ensurdecedor.



John Travolta interpreta um matador de aluguel em *Pulp Fiction*, que levou a Palma de Ouro

A RAINHA MARGOT
Egos Feridos

A França fez o que pôde para consagrar *A Rainha Margot* em Cannes. O filme mais caro de toda a história do cinema francês (US$ 21 milhões) era considerado fortíssimo candidato à Palma de Ouro pela imprensa local, que lhe cedeu elogios, capas e franca vantagem diante da competição, quase como uma torcida organizada.

Mas a adaptação épica, violentíssima e suntuosa do romance de Alexandre Dumas sobre a guerra entre católicos e protestantes no século 16, com Isabelle Adjani no papel de Margueritte de Valois, destacou-se mais pelo prêmio de melhor atriz para Virna Lisi que pelo Grand Prix especial do Júri – tido por muitos como uma forma de afagar o ferido ego francês. Lisi, por sua vez, entra para a galeria dos melhores vilões do cinema com o papel de Catherine de Medici – mãe de Margueritte e maquiavélica raposa política.

A Rainha Margot, de qualquer forma, serviu para solidificar a carreira do diretor Patrice Chéreau – conhecido como homem de teatro e ópera – como um homem de cinema.

CANNES 94

O italiano Nanni Moretti, que levou o prêmio de direção por *Caro Diário*

Sygma

VIVRE
A China Encontra o México

O diretor Zhang Yimou (do premiado *Lanternas Vermelhas*, de 1991) não pôde comparecer a Cannes com seu filme *Vivre*: o governo chinês negou-lhe um visto de saída, porque seu filme ainda não recebera o "nada consta" da censura oficial. Desconfiado, o jornal *Libération* deu a entender que a proibição era uma armação para comover o Júri. Se foi "teatrinho", funcionou: *Vivre* papou o prêmio de melhor ator (Ge You) e, junto com *Soleil Trompeur*, o Grand Prix do Júri.

Mas houve quem considerasse *Vivre* um dramalhão mexicano falado em chinês, com You no papel de um viciado em jogo que perde a casa e a família (mulher e filha, interpretada pela bela Gong Li) mas dá a volta por cima – apenas para ser pego na curva pela Revolução Cultural.

Gong Li e Ge You (premiado como melhor ator), os intérpretes de *Vivre*, do chinês Zhang Yimou

Argeli

CARO DIÁRIO
Obra-Prima Confessional

Caro Diário, de Nanni Moretti, é um filme como nenhum outro exibido no festival – a bem da verdade, difere de tudo que passou nos cinemas no último ano. É um verdadeiro diário – confessional e na primeira pessoa, bem-humorado e estrelado pelo próprio diretor (a exemplo de seus seis últimos filmes).

São três episódios: no primeiro, uma declaração de amor a Roma (apesar das mudanças por que passou a cidade nos últimos trinta anos) e ao cinema italiano, com Nanni filosofando a bordo de uma motoneta Vespa; a seguir, uma visita a ilhas do Sul da Itália, em busca de paz e inspiração para trabalhar; por fim, um relato sobre a progressão de uma doença que afligiu o diretor na vida real, uma micose que se revela, após diagnósticos diversos e quantidades maciças de medicamentos, um câncer fatal (do qual ele se curaria mais tarde).

Caro Diário nasceu a partir do primeiro episódio, inicialmente bolado como um curta. O mais complexo dos três, porém, foi o episódio sobre a doença de Nanni. "O importante", disse ele na entrevista após a exibição do filme à imprensa, "era me certificar de que eu não iria ser sádico ou mórbido em relação ao público, nem complacente em relação a mim mesmo". Ao filmar o último episódio, o diretor reviveu "toda a ansiedade da doença, mas consegui driblar essa sensação me concentrando no tabalho".

Apesar dos elogios recebidos por *Caro Diário* (a sessão para a imprensa foi entrecortada de aplausos efusivos e gritos de "bravo!"), a premiação de Moretti – tido como um diretor do escalão de um Fellini – provocou descontentamento entre parte da imprensa francesa. Talvez a França esperasse que *A Rainha Margot* fosse consagrado no mínimo com o prêmio de direção para Patrice Chéreau.

GROSSE FATIGUE
Fama versus Identidade

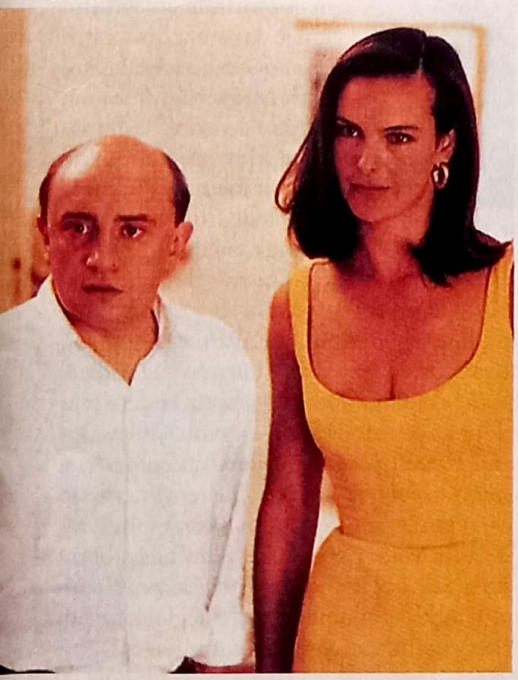
O baixinho Michel Blanc quebrou quase oito anos de silêncio e inatividade com uma comédia inteligentíssima e divertida sobre fama e identidade. De quebra, levou os prêmios de melhor roteiro e o equivalente a um prêmio de efeitos especiais.

Grosse Fatigue segue a vida do próprio Michel Blanc, enquanto ele paga o pato pelos crimes e safadezas cometidos por um sósia, um tal Patrick Olivier (ele mesmo). A única aliada do verdadeiro Michel é a atriz Carole Bouquet (ela mesma), à medida em que o sósia Patrick vai envolvendo de Gérard Depardieu a Gilles Jacob (o *cappo* da seleção oficial de Cannes) numa trama que, no fim, custa a Michel sua própria identidade.

"Não é esse o pesadelo supremo de todos nós, artistas?", indagou Michel durante uma coletiva após a exibição do filme à imprensa, "de repente perder toda a fama e o prestígio, todo o respeito?"

Declaração de amor ao cinema francês, *Grosse Fatigue* pode não conquistar muitos amigos americanos devido às duras críticas que faz a Hollywood. Mas o *Variety* (alter ego da indústria de cinema dos EUA) elogiou o filme à americana: sugeriu um remake imediato, com Woody Allen no papel principal.

Ah, sim, o prêmio de efeitos especiais: por fazer dois papéis ao mesmo tempo, Michel precisa contracenar consigo mesmo. E o resultado – com direito a passagem de foco na mesma cena – é simplesmente brilhante.



Gaumont

Carole Bouquet e Michel Blanc, que levou o prêmio de roteiro por *Grosse Fatigue*

CROISETTE

• Enquanto não assistia às sessões dos filmes em competição, **Clint Eastwood** ou comprava objetos de arte (sempre cercado de três seguranças) ou ficava numa vila privê perto de Cannes, fugindo da badalação junto com esposa e a filha pequena.

Stills

O "mala" Mickey Rourke

• **Mickey Rourke** foi eleito "O Mala" de Cannes, enchendo a paciência de gregos e troianos com acessos de estrelismo e grosseria. Razões para o "prêmio" não faltaram: houve a vez em que Mickey abandonou uma entrevista para "esfriar a cabeça"; outra vez chamou um jornalista para a briga quando o rapaz quis saber detalhes sobre o título do filme FTW (*Fuck The World*); chocou uma fã limpando com cuspe o beijo que ela lhe dera na bochecha; e gabou-se em público da dimensão de seus documentos (22 cm, ele jura).

• Só não saiu pela metade da sessão de *Barnabo des Montagnes* quem estava dormindo e roncando. Lentíssimo e quase sem diálogos, o filme do italiano **Mario Brenta** – sobre um guarda florestal e sua luta contra a própria covardia – foi acusado de "destruidor do cinema europeu".

• E quem disse que Hollywood não foi a Cannes? Um número considerável de astros, diretores e produtores desembarcou na Croisette para badalar e negociar. Um dos filmes americanos mais beneficiados foi *The Mask*. A siderada fantasia de **Charles Russel** tem **Jim Carrey** no papel de um tímido caixa de banco cuja vida e personalidade mudam quando ele veste uma misteriosa máscara. A badalação em Cannes rendeu ao filme distribuição garantida no mundo inteiro e recompensou os produtores com um contrato para uma seqüência de *The Mask* antes mesmo de o filme estrear nos EUA. Carrey também sorria de orelha a orelha: antes de voltar para casa estava escalado para a seqüência de *Mask* e de *Ace Ventura: Pet Detective* – por um total de US$ 12 milhões!

New Line

The Mask

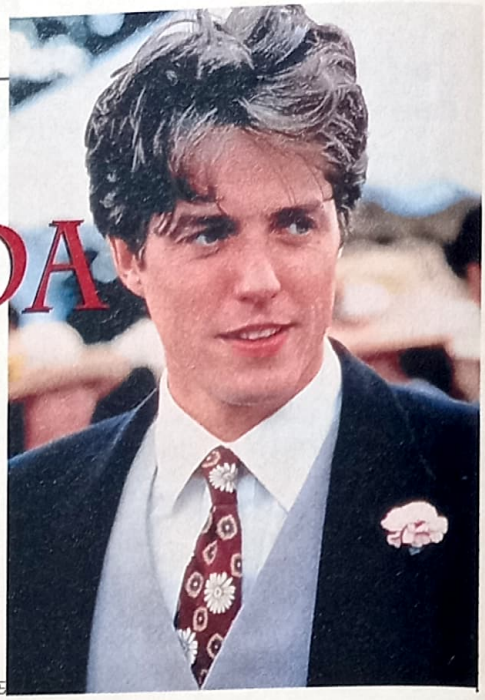
• **Bruce Willis** otimizou sua presença na Croisette promovendo nada menos que cinco filmes! Além de ser uma das estrelas do premiado *Pulp Fiction*, ele apresentou dez minutos de seu thriller erótico *Color of Night* e badalou *North*. De quebra, limpou o terreno para *Nobody's Fool* e o esperadíssimo *Duro de Matar 3*.

• Ninguém sabe a quem coube a ingrata tarefa de explicar a **Kathleen Turner** que nem ela nem seu *Serial Mom* participavam da competição – o filme de **John Waters** fechou o festival, mas sem concorrer a prêmios. Só quando desembarcou é que Kathleen recebeu a má notícia de que estava lá apenas para um "amistoso".

• Mau perdedor é assim: ao ver que seu *Rouge* não ganhara nem "bom-dia" do Júri, o produtor **Marin Karmits** disparou um comunicado à imprensa dizendo que "o verdadeiro julgamento virá do público", e enfatizou que todos os jornalistas "de sua estima" haviam se posicionado a favor do filme do diretor **Krzysztof Kieslowski**.

***Barnabo des Montagnes* pôs todo mundo para dormir**

HUGH GRANT
ESTRELA ROUBADA



Os americanos respiram aliviados: já têm um novo inglês de estimação em suas telas

O cinema americano, como se sabe, não resiste a ter sempre em seu panteão alguma estrela roubada às ilhas britânicas. E, depois de adotar Emma Thompson, os produtores, público e crítica dos EUA vêm abrindo outra vaga em seu coração para Hugh Grant, mais conhecido aqui como o marido bocó de *Lua de Fel*.

A razão que fez Grant ocupar as páginas de um considerável lote de revistas americanas nos últimos meses – até na comedida *Time* – é *Quatro Casamentos e um Funeral*, uma deliciosa comédia romântica que liderou por algumas semanas as bilheterias dos EUA.

Até já acharam uma definição para Hugh Grant: ele seria "o novo Cary Grant" (de quem não é parente). As semelhanças estariam na elegância, no "timing" para a comédia apoiada em diálogos rápidos e apimentados e no romantismo sutil. Mas, longe das câmeras, Hugh defende arduamente a bandeira do senso de humor britânico e já está ficando conhecido também pelo sarcasmo e tiradas secas com que "entretém" seus entrevistadores. E, ao contrário de Cary, é capaz de se mostrar vulnerável nas telas e de se aventurar em personagens que, para um astro dos anos 50, seriam impensáveis.

O primeiro grande papel de Hugh no cinema foi em *Maurice*, adaptação de James Ivory do livro de E. M. Forster, em que interpretava o objeto da paixão de um inglês às voltas com sua homossexualidade no início do século. Embora o diretor Ivory o tivesse escalado justamente para dar um toque de humor a *Maurice*, Hugh ficou preso na classificação "drama" e, daí para frente, inaugurou uma linhagem de "reprimidos", segundo sua própria definição.

Em *George e Frederic*, foi o frágil Frederic Chopin, apavorado com as intenções românticas e carnais da escritora George Sand. Voltou a trabalhar com James Ivory em *Vestígios do Dia*, no papel do caricato sobrinho do patrão de Anthony Hopkins. No australiano *Sirens* (inédito aqui), ele é um pastor que enfrenta ao mesmo tempo o despertar sexual de sua esposa e a sedução da modelo Elle MacPherson. Em *Lua de Fel*, de Roman Polanski, Hugh Grant chamou a atenção do diretor Mike Newell com sua caracterização quase humorística do inglês que, durante um cruzeiro pretensamente romântico com sua mulher, se vê envolvido num misto de repulsa e excitação pelos relatos íntimos de um escritor.

E daí acabou em *Quatro Casamentos*, na pele de um sujeito cheio de ex-namoradas mas incapaz de se comprometer com uma mulher – até conhecer uma linda e atirada americana (Andie MacDowell, outra "queridinha" do momento). O próprio Hugh não tem experiências muito felizes com cerimônias de casamento, como contou à revista *Premiere*: "Uns dois anos atrás, fui a um casamento achando que estava muito elegante e sexy na minha roupa. Sentei num dos bancos da igreja e, com horror, descobri que minha mãe também tinha sido convidada. Ela se sentou a meu lado, tirou uma escova da bolsa e começou a *escovar meu cabelo*!" – atenção logo retribuída pelo ator com um chute na canela de sua mãe.

Alvorada

Hugh Grant consola-se com Phoebe Nichols após deixar sua paixão homossexual em *Maurice*

O londrino Hugh Grant, 33 anos, filho de uma professora (a do episódio acima) e de um vendedor de tapetes, passou a maior parte de sua carreira longe das atenções da imprensa – exceto no Japão, onde *Maurice* fez dele uma espécie de ícone. "Mal sabiam eles que eu queria era o dinheiro deles, e não seu amor", disse à *Time*. Agora também os ocidentais poderão descobrir que Hugh não só fala um inglês perfeito (formou-se em literatura em Oxford) e tem um sorriso peculiar, como é um tipo que andava meio em falta: um galã em potencial, mas dotado de inteligência e comicidade. Outras fontes, porém, atestam que ele não é bem um poço de doçura. "Ele tem uma visão das pessoas que pode ser muito, muito cruel", diz Mike Newell. De olho nessa outra faceta do ator, o diretor já realiza com ele *An Awfully Big Adventure*, em que Hugh faz um ator-diretor um tanto mesquinho.

I. B.

QUATRO CASAMENTOS E UM FUNERAL

Comédia romântica repete o sucesso de *Sintonia de Amor* e revela o talento de um cineasta inglês

Pode ser o túnel sob o canal da Mancha, a ligeira mas promissora recuperação econômica, a primavera ou qualquer outra coisa. O fato é que os ingleses andam mais felizes e bem-humorados – ou pelo menos os cineastas ingleses. Ou pelo menos Ian Softley, diretor de *Backbeat*, e Mike Newell, autor de *Quatro Casamentos e um Funeral*, sucesso tão instantâneo quanto inesperado nas bilheterias americanas depois de ter sido realizado por meros US$ 4,5 milhões.

Casal apaixonado enfrenta sucessivos desencontros amorosos. Com essa sinopse, *Quatro Casamentos* poderia ser igual a tantas outras comédias românticas produzidas desde a década de 30. Poderia ser, mas não é. Primeiro, há o roteiro de Richard Curtis, veterano de produções para a BBC que traz da imensa experiência teatral britânica a capacidade de concentrar a ação no que ela tem de mais essencial. Depois, há a habilidade de Mike Newell (*Dançando com um Estranho*) em interpretar as nuances do roteiro e seu talento em dirigir atores – estes, um capítulo à parte.

Finalmente, há uma grande sacada: com exceção de uma cena aqui e outra ali, todo o filme se passa nas cinco cerimônias do título, freqüentadas sempre pelo mesmo círculo de amigos – que ficam assim dispensados de envolver o espectador em coisas chatas como trabalho, problemas, preocupações etc. Fora o funeral, é só diversão. E, mesmo neste, o diretor Newell consegue criar uma cena memorável, com a leitura de um poema de W.H. Auden (1907-1973), "Funeral Blues", que vem se tornando cult nos Estados Unidos graças ao filme.

Aos fatos: Charles (Hugh Grant) é um desses sujeitos charmosos e boa-praças que são sempre convidados para ser padrinho de casamento dos outros – embora ele próprio tenha horror à idéia de "atar o nó". É lógico que as convicções de Charles serão abaladas logo no primeiro casamento do título, quando ele conhece Carrie (Andie MacDowell), uma linda e desembaraçada americana por quem se deixa seduzir alegremente.

PlayArte

Andie MacDowell e Hugh Grant dizem sim ao amor – sem medo de ser feliz

E aí o filme mostra a que veio. Sob as inúmeras piadas e jogos do roteiro, o que move os personagens – todos na faixa dos "trinta e poucos" – é o medo de ficar só, a indecisão entre escolher um parceiro entre as pessoas disponíveis ou esperar que a paixão surja como uma trovoada, e o temor de que essa "trovoada" não aconteça jamais.

O que dá vida a toda essa encenação são as performances dos atores. Com sua elegância levemente estabanada e seu senso de humor seco, Hugh Grant merece o auê que vem sendo feito em torno dele, e Andie MacDowell é tudo que seu personagem deveria ser – doce, linda e etérea. Sem falar no magistral elenco de apoio, com destaque para Kristin Scott Thomas (a mulher de Grant em *Lua de Fel*) como a amiga ferina; Simon Callow como o gay que é sempre a alma da festa e James Fleet como seu namorado; Charlotte Coleman como a despirocada companheira de quarto de Charles; e, o melhor de tudo, Rowan Atkinson numa hilariante ponta como o padre que troca os nomes dos noivos e tudo o mais a que tem direito durante a celebração do segundo casamento.

Não importa se, desde o início, já se imagina qual será o final: o legal é a maneira como se chega até ele, é imaginar qual será o próximo casamento, torcer para que o funeral não seja deste ou daquele personagem e ver como eles escapam das artimanhas criadas por um bando de gente cujo maior propósito é deliciar o espectador. Diga "sim" a *Quatro Casamentos e um Funeral*.

Isabela Boscov

Four Weddings and a Funeral, Inglaterra, 1994 ■ DIREÇÃO: Mike Newell ■ ROTEIRO: Richard Curtis ■ FOTOGRAFIA: Michael Coulter ■ MÚSICA: Richard Rodney Bennett ■ FIGURINOS: Lindy Hemming ■ Com Hugh Grant, Andie MacDowell, Kristin Scott Thomas, Simon Callow, James Fleet, John Hannah, Charlotte Coleman, David Bower, Corin Redgrave, Rowan Atkinson ■ DISTRIBUIÇÃO: PlayArte ■ DURAÇÃO: 116 min.

ALVO DUPLO

Chega aos cinemas brasileiros a obra-prima do chinês John Woo

Como se trata de um filme de John Woo, esqueça o título em português – variação das mais sem-vergonhas de *O Alvo*, sucesso de 1993 com Van Damme – e se fixe no que o original, *A Better Tomorrow*, quer dizer, porque o diretor não dá ponto sem nó, ou melhor, atira no "escuro" e acerta o alvo.

A Better Tomorrow é o filme de Hong Kong com a maior bilheteria de todos os tempos. É também o responsável pela mudança no modo como os longas de ação são idealizados naquele país, principalmente pela abordagem emocional da trama. Todos os ingredientes básicos que fazem de John Woo um grande cineasta de ação estão presentes aqui. E muito mais do que em *O Alvo* – o primeiro longa do diretor na América e o único conhecido no Brasil –, os personagens de *A Better Tomorrow* buscam morrer, sim, mas com honra.

O argumento pode parecer o mesmo de sempre: gângster melancólico (Ti Lung) quer subir na vida; no contraponto, seu irmão mais novo (Leslie Cheung) tem uma carreira promissora na academia de polícia e não se conforma com o assassinato do pai pela máfia. No entanto, sob a varinha de condão do mago chinês, tudo é simplesmente diferente do que já se viu antes.

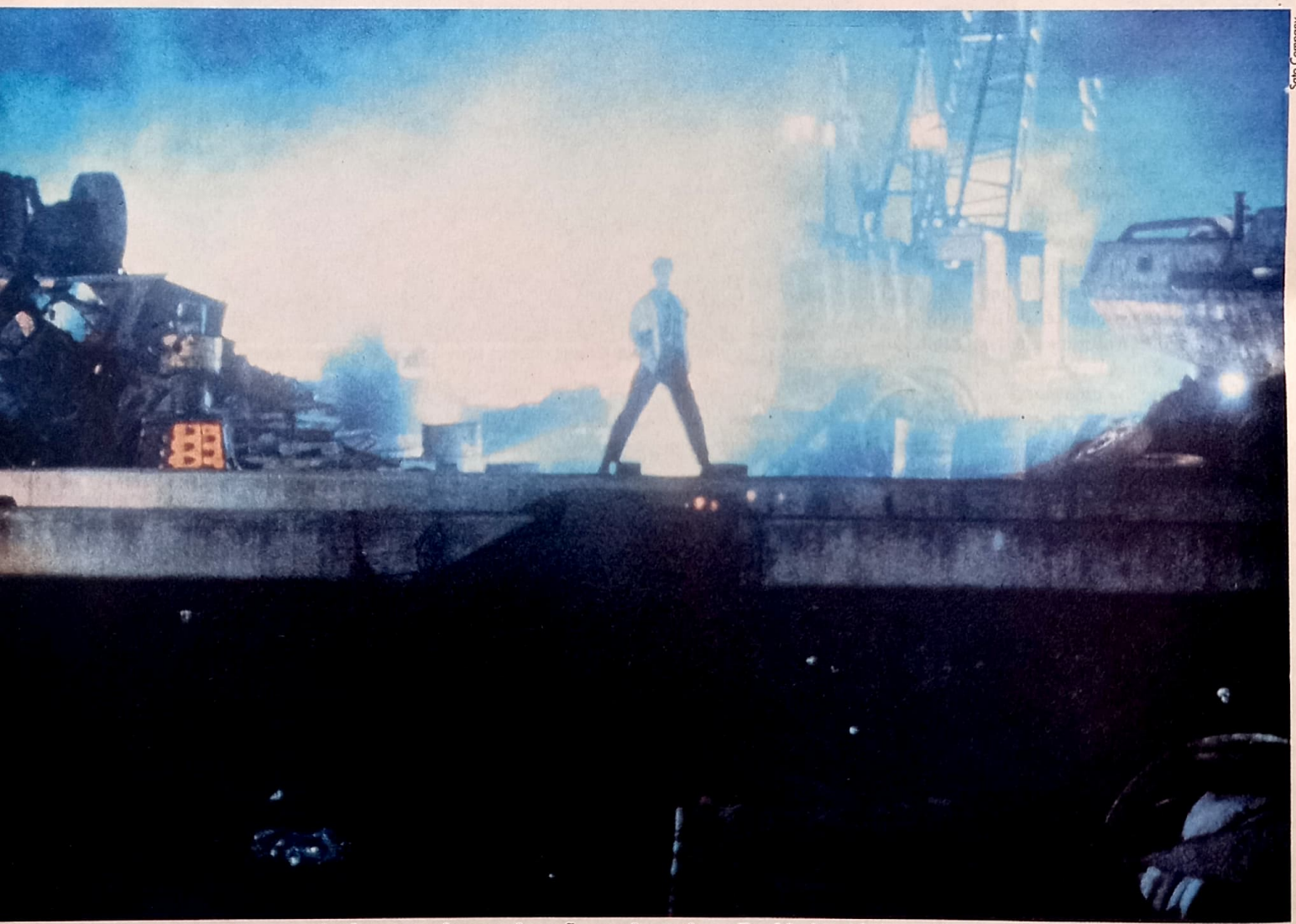
John Woo sempre se confessou fã do cinema americano, e aproveita *A Better Tomorrow* para homenagear os cineastas que admira. Martin Scorsese é um deles: uma das cenas, violentíssima por sinal, é inspirada em *Touro Indomável*, exatamente a do sangue jorrando depois que De Niro recebe um soco no rosto.

A honra dos personagens de Woo está mais enraizada no gângster Mark, vivido por Chow Yun-Fat – o ator preferido do diretor –, que rouba praticamente todo o filme. Logo de cara Chow mostra a que veio: numa gráfica de dólares falsos, ele pega uma nota de cem e acende um cigarro com um sorriso indescritível. Depois disso, você fica o tempo todo esperando Chow aparecer na tela com toda sua integridade, seu longo casaco e o cigarro no canto da boca – mesmo sabendo que ele é um criminoso perigoso.

A Better Tomorrow é um filme violento, cheio de ação, explosões, tiros, mortes e sangue aos borbotões, mas sua beleza está nas entrelinhas do roteiro, naquilo que os personagens não dizem e mostram com suas atitudes e com o olhar. É John Woo em estado bruto, que é a melhor maneira de se entender a obra de um diretor que filma com o coração.

Deborah Peleias

A Better Tomorrow, Hong Kong, 1987 ■ DIREÇÃO: John Woo ■ ROTEIRO: Chan Hing Kai e Leung Suk Wah ■ FOTOGRAFIA: Wong Wing Hung ■ Com Ti Lung, Leslie Cheung, Chow Yun-Fat, Emily Chu ■ DISTRIBUIÇÃO: Sato Company ■ DURAÇÃO: 130 min.



Sato Company

O chinês John Woo revolucionou o cinema de ação explorando a dignidade até dos vilões mais cruéis

Look Filmes

A igualdade é cínica no segundo filme da trilogia de Kieslowski, com a bela Julie Delpy

A IGUALDADE É BRANCA

Kieslowski elabora uma visão cruel e cínica das relações humanas

A igualdade através do dinheiro. A igualdade através da vingança. A igualdade na hora do orgasmo. São essas as idéias básicas que o diretor Krzysztof Kieslowski (e seu co-roteirista Krzysztof Piesiewicz) defende na segunda parte de sua trilogia sobre os direitos do cidadão moderno instituídos após a Revolução Francesa. É uma visão cínica e nada hipócrita da realidade humana, uma quase antítese de seu *A Liberdade É Azul*, filme passional e dolorido.

A Igualdade É Branca – que levou o prêmio de melhor diretor no Festival de Berlim deste ano – é uma obra econômica, absolutamente impiedosa. Em alguns momentos, parece uma comédia. Imagine rir em um filme de Kieslowski! Trata-se, porém, de uma comédia "branca", fria, com todos os sentimentos entalados na garganta.

Um importante diferencial entre os dois filmes é a função exercida pela música de Zbigniew Preisner. Na parte *Azul*, ela integra a narrativa, pontuando a respiração da história. A parte *Branca* tem uma introdução em Paris, durante a qual a música de Preisner quase inexiste. É quando Karol Karol (Zbigniew Zamachowski), polonês (mal) residente na França, precisa depor em seu processo de divórcio pedido pela esposa, a francesa Dominique (Julie Delpy), que afirma que o casamento não se consumou. Karol come o pão que o diabo amassou até voltar para Varsóvia.

Aparece a neve, o branco do gelo, e a música de Preisner aos poucos se impõe para narrar agora a saga deste homem comum que, no Leste Europeu pós-glasnost, percebe que a nova verdade é o dinheiro e consegue enriquecer com contrabando de mercadorias. Consegue também resolver seu impasse amoroso com Dominique, atingindo o orgasmo quando esta visita Varsóvia, longe do cruel país "hóspede". Nessa hora, a tela embranquece absolutamente. Que toque de sarcasmo!

Se no filme anterior Juliette Binoche – que aqui aparece rapidamente na cena do tribunal, entra muda e sai calada, fechando assim o ciclo – tem uma forte ligação com um móbile de pedras azuis, aqui Karol fica obcecado por um rosto feminino de porcelana branca, que o remete a Dominique. Kieslowski narra sua história sem moral, de forma amarga, silenciosa, com um final belo e assustador.

A falsa ingenuidade no rosto de Zamachowski e a arrebatadora frieza de Delpy anulam-se para o bem da assepsia almejada pelo diretor, aquele tipo de assepsia que esconde uma explosão emocional que talvez nunca ocorra. Fica entalada, como uma dor interna oriunda de um soco na boca do estômago. Como será a fraternidade vermelha, na visão de Kieslowski?

Christian Petermann

Trois Couleurs: Blanc, França/Polônia, 1994 ■ DIREÇÃO: Krzysztof Kieslowski ■ ROTEIRO: Kieslowski e Krzysztof Piesiewicz ■ MÚSICA: Zbigniew Preisner ■ FOTOGRAFIA: Edward Klosinski ■ MONTAGEM: Urszula Lesiak ■ Com Zbigniew Zamachowski, Julie Delpy, Janusz Gajos, Jerzy Stuhr ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 89 min.

Columbia TriStar

MacLaine e Cage provam ser atores versáteis

GUARDA-COSTAS E PRIMEIRA-DAMA

Os talentos de Shirley MacLaine e Nicolas Cage seguram comédia

Guarda-Costas e Primeira-Dama, de Hugh Wilson, tem um argumento original e interessante: o relacionamento entre uma turrona ex-primeira-dama (Shirley MacLaine) e seu guarda-costas, um agente do Serviço Secreto (Nicolas Cage). O agente, que sonha fazer trabalhos "mais sérios" – como proteger o presidente de terroristas – não se conforma em ter de ficar como babá de uma sessentona chata e arrogante.

O filme pode ser dividido em duas partes: a primeira metade mostra as brigas entre protetor e protegida. São uns bons 45 minutos de momentos agradáveis e cenas engraçadas, em que Cage mostra que é a versão pós-moderna de James Stewart, com sua cara de paspalho simpático. Mesmo nas cenas em que demonstra ódio, a platéia se identifica com ele e ri. MacLaine faz o papel da velha antipática com uma competência tão irritante que por momentos a platéia torce para que Cage lhe dê uns merecidos bicos no queixo.

Durante essa primeira parte, *Guarda-Costas e Primeira-Dama* chega a parecer uma adaptação adulta de *Esqueceram de Mim*, com MacLaine fugindo de Cage e desmoralizando o agente. A química entre Cage e MacLaine produz bons momentos cômicos, apesar da simplicidade do roteiro e de algumas cenas previsíveis. É uma boa comédia... Pelo menos até a metade.

A segunda metade do filme, no entanto, é um horror. O roteiro do diretor Wilson e de Peter Torokvei se transforma num pastiche de drama envolvendo o seqüestro da ex-primeira-dama e a conseqüente crise de consciência do guarda-costas. É um final piegas e moralista para um filme que vinha correndo leve, solto e divertido.

Enquanto não estava se levando muito a sério, funcionava. É engraçado ver um ícone hollywoodiano como Shirley MacLaine no papel de uma velha rabugenta. E Nicolas Cage continua provando que é um dos atores jovens mais versáteis da atualidade, capaz de atuar em dramas, comédias e thrillers sem perder seu carisma. É uma pena que o roteiro não mantenha o clima anárquico do filme até o final. Ao optar por um final "sério" e "com mensagem", Hugh Wilson transformou um filme que poderia ter sido especial em mais um dos fracassos que permanecerão para sempre enterrados nas prateleiras das videolocadoras. É o preço que se paga pela falta de ousadia.

André Barcinski

Guarding Tess, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Hugh Wilson ■ ROTEIRO: Hugh Wilson e Peter Torokvei ■ FOTOGRAFIA: Brian J. Reynolds ■ MÚSICA: Michael Convertion ■ Com Nicolas Cage, Shirley MacLaine ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar.

A POLEGARZINHA DE DON BLUTH

A mais recente animação de Don Bluth é indicada apenas para as crianças

Adulto fazendo crítica de filme para criança pequena – leia-se na faixa etária até mais ou menos cinco anos – muitas vezes não dá certo. E é exatamente isso que aconteceu com esta última animação de Don Bluth, malhada pelos americanos. Para se ter uma idéia, em sua crítica o *Variety* disse que "Bluth falha ao tentar colocar o talento dos dubladores, a música de Barry Manilow e a habilidade dos animadores em um conjunto dramático, em um filme coeso". Mas será que o público-alvo, as crianças, estão interessadas nisso? Provavelmente não. O que elas querem é uma história legal, sem seguir a linha lógica e racional dos "velhos".

O que Bluth fez foi pegar o conto do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) e transportá-lo para a linguagem cinematográfica. E o realizou com olhos infantis. Está tudo ali: os perigos da floresta, os momentos de felicidade, o medo das coisas que parecem ser muito maiores do que são e muita, muita cor e música.

A história de Andersen é sobre uma mulher que sempre desejou uma filha e para isso pede ajuda a uma fada, que lhe dá uma semente. Quando a flor desabrocha, nasce Thumbelina, uma garota do tamanho de um polegar. Em uma noite em que ela sonhava

Warner

Thumbelina se perde na floresta e é salva

encontrar seu príncipe encantado, ou pessoas de seu tamanho, Thumbelina conhece Cornelius, um príncipe de verdade e, melhor ainda, de estatura semelhante. Apaixonados, marcam um encontro na manhã seguinte para assim oficializar o noivado com os respectivos pais. Só que Thumbelina é raptada pela mãe de um sapo (horroroso) que quer se casar com a doce menina. Cornelius sai em busca da amada e assim começam os perigos, desventuras e desesperanças dos dois. Como todo conto de fadas, este também tem obrigatoriamente um final feliz.

As animações de Don Bluth – que realizou *A Ratinha Valente* (1982) e *Fievel – Um Conto Americano* (1986) – não têm o padrão de qualidade dos estúdios Disney – em que trabalhou antes da fase atual, que trouxe *A Bela e a Fera* e *Aladdin* – mas têm personalidade por exatamente não tentar copiar esse padrão a que renunciou. Podem até dizer que sua animação é dura; no entanto, isso não acontece aqui. Com certeza a criançada vai adorar, e as meninas que sonham com um dia usar "véu e grinalda" se sentirão felizes porque, como canta Jacquimo, um dos melhores amigos de nossa heroína, "tudo é possível quando se segue o coração".

Deborah Peleias

Hans Christian Andersen's Thumbelina, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Don Bluth e Gary Goldman ■ ROTEIRO: Don Bluth, a partir do conto de Hans Christian Andersen ■ SUPERVISOR DE DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO: John Pomeroy ■ ANIMAÇÃO: John Hill, Richard Bazley, Jean Morel, Len Simon, Piet Derycker, Dave Kupczyk ■ MÚSICA: Barry Manilow ■ DUBLAGEM DOS DIÁLOGOS: Marisa Leal (Polegarzinha), Marcelo Meirelles (príncipe Cornelius), Pietro Mário (Jacquimo) ■ DUBLAGEM DAS CANÇÕES: Mariana (Polegarzinha), Marcelo Coutinho (Cornelius), Márcio Lotti (Jacquimo) ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 90 min.

pelos corajosos animais que ali vivem

DISPOSTO A TUDO

Musical retalhado traz Nick Nolte como um bom pai

Por bem ou por mal, *Disposto a Tudo* será eternamente conhecido não pelo que ele é, mas pelo que nunca foi.

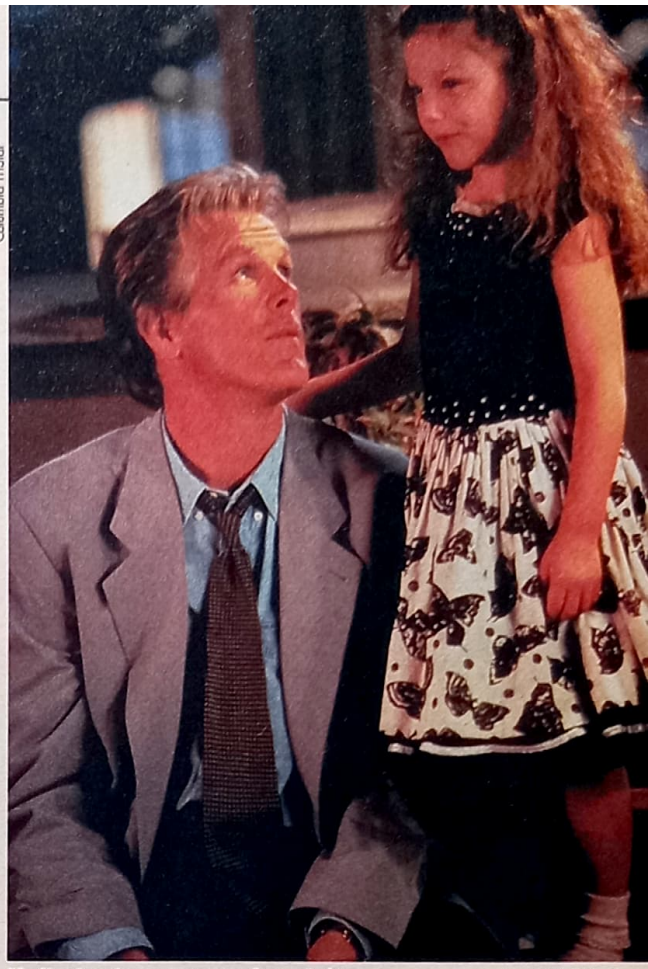
Inicialmente bolado pelo roteirista e diretor James L. Brooks (o homem por detrás de marcos do cinema como *Laços de Ternura* e *Broadcast News*; na TV, produtor dos seriados *Os Simpsons* e, mais recentemente, *O Crítico*) para ser um musical, *Disposto a Tudo* mudou radicalmente após exibições-teste desastrosas (boa parte do público levantava e ia embora sem a menor cerimônia). De todas as canções compostas por Prince e Sinnead O'Connor sobrou apenas uma. Dos números de dança coreografados por Twyla Tharp não restou vestígio sequer.

É preciso dizer que, transmutado, o filme não chega a ser uma desgraça sem salvação – ao contrário dos relatos que comparavam o resultado final a um Frankenstein. Como ficou, é uma fábula sobre a falta de escrúpulos numa cidade corporativa onde uma pessoa vale apenas o quanto seu último filme rendeu na bilheteria.

O filme conta a história de um ator desempregado, Matt Hobbs (Nick Nolte), talentoso mas bonzinho demais para sobreviver na selva de vaidades e traições que é Hollywood. Repentinamente, Matt se vê encarregado da guarda da filha de seis anos, Jeannie (Whittni Wright), mal-educada e exigente. Para criá-la, ele topa enterrar o (pequeno) ego e ganhar a vida como pode – basicamente, como contínuo e motorista de um produtor (Albert Brooks) – enquanto seus pretensos aliados, ao invés de ajudá-lo, protegem suas respectivas carreiras. Mas, aos poucos, a filha revela-se um talento dramático maior – e muito mais valorizado – que o próprio pai.

José Emilio Rondeau

I'll Do Anything, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: James L. Brooks ■ FOTOGRAFIA: Michael Ballhaus ■ FIGURINOS: Marlene Stewart ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ Com Nick Nolte, Whittni Wright, Albert Brooks, Julie Kavner, Tracey Ullman ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 115 min.



Columbia TriStar

Nolte tenta ser um pai perfeito para a esperta Whittni

Laserland

ACESSO LIVRE

Via SEDEX para todo Brasil

AOS MELHORES MAIS NOVOS E MAIS RAROS LASER VIDEOS DISCS IMPORTADOS DO JAPÃO E DOS E.U.A.

Av. Rebouças, 2736, Pinheiros, S. Paulo, SP
05402-500
tel (011) 282 0922 fax (011) 881 3117

R. Domingos Leme, 675, V.N.Conceição, S. Paulo, SP
04510-040
tel / fax (011) 829 7235

Av. Pres. Vargas, 935, Sumaré, Ribeirão Preto, SP
14020-260
tel (016) 623 3069 fax (016) 623 3001

O JORNAL

Michael Keaton é um chefe de reportagem indeciso entre continuar trabalhando no tablóide de que tanto gosta ou aceitar a oferta de um jornal mais "respeitável" e "sério". Ele briga diariamente com uma malhumorada editora (Glenn Close) e só encontra apoio no compreensivo editor-chefe (Robert Duvall). Os personagens de Keaton e Close se enfrentam num conflito abissal quando ele descobre que o jornal publicou uma matéria que acusava injustamente dois adolescentes negros por um assassinato. Ron Howard às vezes acerta a mão e, em seus momentos mais inspirados, consegue fazer comédias competentes (como *Cocoon* e *O Tiro que não Saiu pela Culatra*). Em *O Jornal*, Howard não se arrisca. Ele tem nas mãos um elenco de primeira e um roteiro esperto e dirige com sua habitual perfeição hollywoodiana. Um filme capaz de animar qualquer fim de semana. A.B.

(The Paper, EUA, 1994) Direção: Ron Howard. Com Michael Keaton, Glenn Close, Robert Duvall, Marisa Tomei, Randy Quaid, Jason Robards. UIP.

BLINK – NUM PISCAR DE OLHOS

A violinista Emma (Madeleine Stowe) recupera a visão numa operação, após ter passado quase a vida inteira na escuridão. Mas a cirurgia provoca nela o fenômeno chamado "visão retroativa", distúrbio que faz com que Emma "enxergue" as coisas somente um dia após tê-las visto. Justamente depois da cirugia, Emma vê o homem que pode ou não ter assassinado sua vizinha; e ela vira um misto de testemunha quase inútil e vítima potencial. Este thriller hábil de Michael Apted não chega a arrepiar, mas oferece efeitos especiais inéditos (as visões de Emma) e momentos intrigantes antes de nos dar uma resolução formulaica e insatisfatória. *J.E.R.*

(Blink, EUA, 1994) Direção: Michael Apted. Com Madeleine Stowe, Aidan Quinn, Laurie Metcalf, James Remar. PlayArte.

ACE VENTURA: UM DETETIVE DIFERENTE

Uma das comédias mais sem graça dos últimos anos. O "astro" desta besteira é Jim Carrey, um ator de televisão famoso nos EUA por seu humor físico (nome respeitoso dado a atores que só sabem fazer caretas). Carrey interepreta Ace, um detetive que é chamado para investigar o seqüestro de um golfinho, mascote de um time de futebol americano. A quantidade de clichês é inacreditável. Não

UIP

há um minuto sequer de inteligência no roteiro. Carrey é um ser que constrange a raça humana com sua falta de graça. Mesmo assim, os americanos adoram a figura e o público fez filas para assisti-lo. Lucrou quase US$ 60 milhões e transformou o "bozo" em celebridade. A.B.

(Ace Ventura, Pet Detective, EUA, 1994) Direção: Tom Shadyac. Com Jim Carrey, Courteney Cox, Sean Young, Dan Marino. Warner.

KIKA

Depois de virar de ponta-cabeça a sociedade espanhola em seus filmes anteriores, Pedro Almodóvar pretende mostrar o processo de liberação de uma mulher, a maquiadora Kika. Há também a repórter de TV Andrea Caracortada, certamente o personagem mais anti-almodovariano de todos os tempos, usando um capacete-câmera e outros dispositivos high-tech, andando pela cidade numa moto à procura de tragédias para converter em espetáculo, como os *media-warriors* de Los Angeles. Apresentadora do programa *O Pior do Dia*, com as mais escabrosas imagens da dor alheia, é utilizada por Almodóvar como uma crítica séria aos *reality shows* que invadiram a TV espanhola. No entanto, o diretor se sai melhor quando se trata de paródia debochada, que não é bem o caso de *Kika*. A.A.F.

(Kika, Espanha, 1993) Direção: Pedro Almodóvar. Com Veronica Forqué, Victoria Abril, Peter Coyote, Rossy De Palma, Alex Casanovas. Lumiere.

OS FLINTSTONES

Versão para o cinema da animação de TV, veiculada pela primeira vez na rede ABC em 1960. Steven Spielberg iniciou o projeto em 1987 e o mesmo time de *Jurassic Park* – a Industrial Light & Magic de George Lucas, as oficinas de Stan Winston e Michael Lantieri – está envolvido nos efeitos especiais e visuais do filme para criar Dino, o DictaPássaro, o carro da família e diversos animais "utilitários". *J.E.R.*

(The Flintstones, EUA, 1994) Direção: Brian Levant. Com John Goodman, Rick Moranis, Rosie O'Donnell, Elizabeth Perkins, Elizabeth Taylor. UIP.

BOLSA DE CINEMA

A magistral comédia dos irmãos Coen é um exemplo de que despretensão e boas idéias são o que fazem a cabeça dos cinéfilos

	Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luciano Trigo O Globo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Cristiane Couto MTV	Cleber Eduardo Diário Popular	Antonio Querino Neto Isto É	José Emílio Rondeau SET	Média
Na Roda da Fortuna **(Lumiere)**	–	9	8	8	9	6	7	9	8.0
Tão Longe, Tão Perto **(Columbia)**	5	8	7	–	8	9	8	–	7.5
Tombstone – A Justiça Está Chegando **(Columbia)**	6	9	6	6	–	7	–	7	6.8
Recordações **(Warner)**	6	7	6	4	–	–	7	7	6.1
O Jornal **(UIP)**	–	2	–	–	–	–	7	8	5.6
A Casa dos Espíritos **(Paris Filmes)**	4	–	7	4	8	6	5	–	5.6
Blink – Num Piscar de Olhos **(PlayArte)**	–	–	6	3	–	–	–	7	5.3
Malícia **(PlayArte)**	3	8	6	3	–	4	6	–	5.0
Esse Mundo É dos Chatos **(Pandora)**	–	5	–	–	–	3	7	–	5.0
Mr. Jones **(Columbia)**	–	2	6	4	–	6	6	–	4.8

adm/pitiuk

JAPAN POP SOM

A Sanyo está trazendo para o Brasil um dos maiores sucessos musicais do Japão. O Compact System DC-D30. Com ele, você vai conhecer os grandes hits mundiais da tecnologia. Como o equalizador, que oferece um ajuste específico para cada estilo de música. São 8 opções pré-programadas e 3 programáveis, além de um visor digital que apresenta analisador de espectro com 5 modos de visualização. A gravação do CD para fita é totalmente computadorizada, com quatro formas diferentes de edição. E como parte do show, o Sanyo DC-D30 ainda oferece timer, sleep, wake-up (despertador), rádio digital AM/FM com 36 posições de memórias, entrada para microfone, toca-discos e videocassete ou videodisco. Sanyo DC-D30. A tecnologia traduzida em fidelidade, potência e decibéis.

SANYO

LASER

DIRETORES E MAESTROS

Para quem gosta de ópera e não pode assistir a espetáculos no exterior – já que no Brasil eles são cada vez mais raros e pouco expressivos – o vídeo e o laserdisc são a grande pedida. Eles põem a nosso alcance algumas das melhores encenações dos teatros estrangeiros, permitindo-nos estar atualizados quanto ao que se produz de melhor no gênero no mundo inteiro. Em São Paulo, lojas como a Gramophone ou a Planet Music não só oferecem vários títulos como aceitam encomendas dos que não estejam imediatamente disponíveis. Dentre os lançamentos recentes em videodisco, eis alguns dos mais significativos:

BORÍS GODUNÓV
(direção de Andréi Tarkóvski, Decca)

Pouco antes de fazer *O Sacrifício*, seu último filme, Andréi Tarkóvski (1932-1986) encenou *Borís Godunóv* no Covent Garden de Londres. Em 1990, essa montagem da ópera de Módest Mússorgski foi reconstituída por Steven Lawless no palco do Teatro Maríinski (ex-Kírov), na Leningrado rebatizada de São Petersburgo.

O que o vídeo da Decca nos oferece é o oitavo filme desse grande cineasta russo prematuramente desaparecido, pois sua concepção do espetáculo é fundamentalmente cinematográfica. O cenário é único: uma ampla esplanada tendo ao fundo uma série de arcadas que podem sugerir, de acordo com o jogo de luz, a fachada de um palácio, o pátio de um convento, uma praça pública. A iluminação isola os grupos de personagens em planos que reduzem ou ampliam o espaço do palco. E Tarkóvski lança mão de recursos de cinema, como a montagem paralela, fazendo um flashback do que está sendo narrado desenrolar-se no fundo do palco, numa materialização da memória das personagens.

O elenco é todo russo, mas o papel-título é feito pelo cantor da montagem original: o inglês Robert Lloyd, numa das melhores interpretações de sua carreira. A regência é de Valiéry Guérguiev que, nos últimos anos, renovou o Kírov/Maríinski, dando-lhe projeção internacional.

Comparada ao convencionalismo de montagens do Bolshói, de Moscou, também existentes em vídeo, este *Borís* é a demonstração de como se pode fazer uma releitura inteligente e modernizadora de uma obra consagrada.

Gramophone: (011) 820-8273
Planet Music: (011) 881-2165

LA TRAVIATA
(direção de Liliana Cavani, Sony Classical)

Presenciar o nascimento de um talento é uma experiência fascinante. Pois este vídeo da Sony Classical permite assistir ao espetáculo, no Scala de Milão, que revelou Tiziana Fabbricini, nova coqueluche do público italiano. A voz não é excepcional – em alguns momentos até se comporta no limite do sofrível – mas ela é uma atriz de muito talento, capaz de criar com comovente espontaneidade a figura de Violetta Valéry, a personagem central de *La Traviata*, de Giuseppe Verdi.

A direção desse espetáculo, regido por Ricardo Muti em março de 1992, é de Liliana Cavani, a diretora de *Porteiro da Noite*; e ela faz a ópera desenrolar-se de forma ágil e visualmente atraente, especialmente nas cenas dos atos I e III, que mobilizam grande número de figurantes. Roberto d'Alagna (Alfredo) é o contrário de Fabbricini: tem uma voz bonita mas, em cena, é limitado e, às vezes, inexpressivo. Mas isso não importa, pois é Tiziana quem ocupa o centro do palco; e de uma forma que chega a fazer o espectador passar para um segundo plano seus problemas técnicos – bem mais visíveis, por sinal, à audição do CD, lançado no Brasil pela Sony, sem o apoio das imagens do vídeo.

PORGY AND BESS
(direção de Trevor Nunn, EMI Classical)

Em 1989, o diretor de teatro inglês Trevor Nunn adaptou, para a televisão BBC, a montagem de palco de *Porgy and Bess*, de George Gershwin, que dirigira em Glyndebourne no ano anterior, sob a regência de Simon Rattle.

O filme, comercializado pela EMI Classics, com os mesmos intérpretes do espetáculo encenado nesse renomado festival de verão britânico, é a primeira documentação em vídeo da ópera de Gershwin. Faz-se assim justiça a uma das maiores óperas da história do gênero, vítima de um preconceito estúpido: por conciliar as formas eruditas com as populares e folclóricas, e por ter apenas personagens negras, ela só foi aceita no repertório do Metropolitan de Nova York no fim da década de 80.

À exceção de Willard White e Cynthia Haymon como o casal do título, não há nomes conhecidos no enorme elenco; mas o grupo é homogêneo, o espetáculo é fluente, e Cynthia Clarey faz uma linda leitura de *Summertime*, logo no início do ato I.

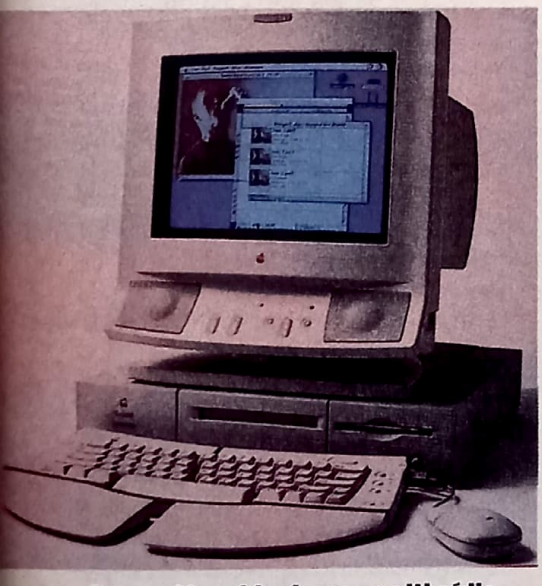
Lauro Machado Coelho

EQUIPAMENTOS

COMPUTADORES PODEROSOS

MACINTOSH 6100, 7100 e 8100
(Apple, de US$ 3.150 a US$ 11.750)

O computador pessoal mais comentado hoje em dia é sem dúvida o PowerMacintosh. A nova linha de máquinas recém-lançadas pela Apple é baseada no chip PowerPC, assinado pela Motorola. Utilizando a tecnologia RISC (Reduced Instruction Set Computing, que significa cálculos com número reduzido de instruções), a versão corrente do chip permite que um Mac trabalhe até quatro vezes mais rapidamente que sua versão anterior, usando programas já configurados para o novo sistema. Mas os programas antigos não precisam ser jogados fora, já que os novos Macs emulam (em velocidade mais baixa) o sistema operacional pré-PowerPC e – milagres da computação! – o processador 286 do PC. Um programa incluído em algumas versões do PowerMac, o SoftWindows, roda no Mac o Windows 3.1 e o DOS 6.2. Os três modelos de estréia da nova família (6100, 7100 e 8100) têm versões AV (áudio+vídeo), com placas para entrada e saída de vídeo, máquinas ideais para os interessados em multimídia. E os usuários de Macs Centris e Quadra podem optar por apenas comprar a placa lógica que transforma seus computadores em PowerMacs. Os preços dos novos Macs, no Brasil, estão variando entre US$ 3.150 (modelo 6100) e US$ 11.750 (8100 AV); as respectivas placas lógicas estão entre US$ 2.400 e US$ 5.100.



Power Mac: ideal para multimídia

As 5 polegadas que vão a todo canto

EM CASA E NO CAMPO

MODEL 17
(Memorex, US$ 800)

Videófilos radicais podem querer assistir a vídeos até em piqueniques. É para eles que se destina o Model 17 da Memorex: um videocassete para fitas com bitola de 8 mm integrado a um monitorzinho de TV de cinco polegadas. Pode ser ligado em tomadas de 110 V ou na bateria do carro, através de um adaptador. Em termos de recursos adicionais, o Model 17 é bem espartano mas, por US$ 800, ele é uma alternativa econômica aos modelos mais compactos oferecidos pela Sony.

RECARREGANDO ENERGIA

SPM-10 POWERMAX PULSE CHARGE
(SIMA, US$ 79,95)

É muito chato ficar esperando a bateria da câmera carregar novamente. Para diminuir um pouco essa chatice, o SPM-10 PowerMax Pulse Charge da Sima reduz o tempo de recarga para baterias de 6 volts. E também é equipado com um adaptador para ser conectado à bateria de um automóvel. Custa US$ 79,95, nos EUA.

Marcos Smirkoff

LIVROS

ENSAIOS SOBRE CINEMA

Imagens Nº 1
(Editora Unicamp, 142 páginas)

Está certo que uma revista dedicada à comunicação visual tenha quase a obrigação de oferecer ao leitor um projeto gráfico moderno, elegante e agradável, mas é obrigatório destacar que a primeira edição de *Imagens* caprichou na embalagem.

No formato da saudosa *Filme Cultura*, anuncia-se quadrimestral e reúne dezesseis textos divididos em dois blocos, o temático – na estréia, sobre "cinema hoje" – e o de pesquisas. No primeiro, o cineasta Francisco Ramalho Jr. e o crítico Leon Cakoff analisam o mercado cinematográfico brasileiro, enquanto David França Mendes relaciona o cinema de autor ao independente. Reflexões de Teixeira Coelho, Roberto Moreira e do francês Jacques Aumont completam o pacote.

A abrangência temática da revista expõe-se sobretudo no segundo núcleo de textos, destinado a trabalhos de pesquisadores como José Inácio de Mello e Souza ("Paulo Emílio antes do cinema"), Olgária Matos ("Mentira e política no cinema de Júlio Bressane") e Suely Rolnik ("Hal Hartley e o realismo do invisível"), além dos próprios editores executivos de *Imagens*, Fernão Ramos ("Indicialidade e narratividade na constituição da imagem-câmera") e Lúcia Nagib (que analisa O *Império dos Sentidos*, de Nagisa Oshima).

Resenhas de livros e um bate-papo estimulante entre Jean-Claude Bernadet e a crítica francesa Sylvie Pierre também contribuem para que esta primeira edição seja capaz de agradar a um público amplo – embora quem não domine *academês* tenha provavelmente dificuldade em acompanhar alguns artigos. Referência desde já obrigatória, *Imagens* nasce madura e animadora.

Sérgio Rizzo

INGRID BERGMAN

SANTA PECADORA

Alternando glória e escândalo, a atriz de *Casablanca* fez sempre o que queria, na vida pessoal e nas telas

RKO

Desde criança queria ser atriz. E famosa. Parecia um sonho impossível, já que aquela menina solitária, filha única que perdeu a mãe quando tinha dois anos e o pai logo após completar doze, era extremamente tímida. Mas Ingrid Bergman alcançou seu objetivo. Como tudo em sua vida, foi uma questão de tempo (e *Questão de Tempo* é um entre as dezenas de filmes em que atuou). Por coincidência, um tempo iniciado e encerrado num mesmo dia – 29 de agosto – em anos diferentes; ela nasceu em Estocolmo nessa data (em 1915) e morreu em Londres (1982) logo após a discreta celebração de seu 67º aniversário.

Perseverante e metódica, Ingrid iniciou na adolescência um diário que foi de grande ajuda para sua biografia, escrita em 1980 junto com Alan Burgess (*Histórias de uma Vida*, editora Francisco Alves). No livro, ela lembra a importância de ter sido aceita pela Escola Real de Arte Dramática de Estocolmo em 1932, após o teste em que representou trechos de peças de Rostand e Strindberg. "Tornei-me uma pessoa incrivelmente feliz, expansiva, porque estava fazendo exatamente o que queria. E era tão fácil para mim."

Essa facilidade permitiu que ela fosse sempre natural e verdadeira no cinema – em que estreou em 1933, com um pequeno papel na comédia *Munkbrogreven*, produzida pela Svenskfilmindustri. Até 1939 já tinha atuado em mais de nove filmes, entre os quais *Intermezzo* (1936), no papel da parceira de um violinista casado. Adultério e música clássica configuravam uma combinação rara, um sucesso, e a realização de Gustav Molander chegou a Nova York em 1938. Resultado: o produtor David O'Selznick (o mesmo de *...E o Vento Levou*) se interessou pela história e por aquela atriz diferente.

Ingrid hesitou em ir para Hollywood. Desde 1937 estava casada com o dentista Petter Lindstron, pai de sua filha Pia. Mas em 1939 já filmava a versão americana de *Intermezzo*, sob a direção de Gregory Ratoff e ao lado de Leslie Howard. O êxito foi estrondoso. Diante da intensificação da Segunda Guerra, assinou um contrato de exclusividade por sete anos com Selznick. Logo levou para os EUA a filha e Petter.

Era a segunda sueca a dar certo em Hollywood. Mas, ao contrário de Greta Garbo que, em declínio, resolveu ficar sozinha no início dos anos 40, Ingrid ascendia em popularidade, conquistando público e crítica com suas personagens sensuais e divididas (*Casablanca*) ou frágeis e desamparadas (*Por quem os Sinos Dobram* e *À Meia-*

Luz, que lhe valeu o Oscar de melhor atriz em 1944). Mas, apesar do prestígio aumentar com suas atuações nos filmes de Alfred Hitchcock, parecia insatisfeita.

Numa noite de 1948, Ingrid e seu marido Petter entraram num pequeno cinema de Hollywood e assistiram a *Roma, Cidade Aberta*. Ao término da projeção, ela estava emocionada. Talvez fosse essa a resposta à sua insatisfação. Mas nem de longe poderia imaginar que aquele filme de Roberto Rossellini, carro-chefe do movimento neorealista italiano, seria o ponto inicial de uma dramática mudança em sua vida.

"Nunca mais quero ver um filme com essa vagabunda." A reação de uma dona-de-casa brasileira em fins de 1949 fazia eco ao que se dizia nos Estados Unidos e outros países. O motivo do escândalo era a gravidez anunciada de Ingrid, fruto de seu adultério com Rossellini – ocorrido durante as filmagens de *Stromboli*.

Afinal, o público ainda a tinha na memória como a freira de *Os Sinos de Santa Maria* ou a mística guerreira de *Joana D'Arc*. Ao dar à luz a Robertino em 2 de fevereiro de 1950, sem o divórcio de Petter ter sido concedido, a pecadora da mídia já estava banida de Hollywood.

Ingrid fixou-se na Europa e fez vários filmes com Rossellini – com quem ainda teve as gêmeas Ingrid e Isabella (a atriz de *Veludo Azul* e tantos outros filmes). Mas o cineasta era um marido sufocante, que não a deixava trabalhar com outros diretores. Só Jean Renoir conseguiu vencer essa barreira obtusa, fazendo com que a atriz se mostrasse radiosa em *As Estranhas Coisas de Paris* (*Elena et les Hommes*, 1956).

No mesmo ano, já com o casamento em crise, deu-se a volta ao cinema norte-americano pelas mãos de Anatole Litvak. Filmado na Inglaterra, *Anastácia, a Princesa Esquecida* rendeu a Ingrid o prêmio de melhor atriz da Associação dos Críticos de Nova York. Ao recebê-lo, em janeiro de 1957, só encontrou festas e aplausos. A América pedia perdão pelo desprezo de outrora.

O filme propiciou não só esse doce retorno e o Oscar de melhor atriz, mas também fez Ingrid intensificar a carreira. Sem a tutela repressiva de Rossellini ou de Selznick e já casada com o empresário sueco Lars Schmidt, ela podia escolher os roteiros, peças e diretores que lhe interessassem. Atuava em comédias leves (*Indiscreta*), filmes de suspense (*Assassinato no Expresso Oriente*, que deu a ela o Oscar de atriz coadjuvante de 1974) ou dramas como *Sonata de Outono*, de seu compatriota Ingmar Bergman.

Durante as filmagens com Bergman, em 1977, Ingrid detectou os primeiros sinais do câncer que a mataria. Mas enfrentou a doença com estoicismo e não vacilou em contrariar as ordens médicas: em 1981, aceitou o papel-título de *Golda*, minissérie sobre a estadista israelense Golda Meir.

Ingrid Bergman morreu com serenidade em sua casa, cercada do carinho de alguns de seus filhos, de seu ex-marido Lars (de quem se separou em 1975) e da mulher deste. Encerrava-se a notável trajetória de brilho e luta daquela que se mostrou a mais luminosa de todas as atrizes.

Alfredo Sternheim

RKO

Warner

A sueca Ingrid Bergman em *Joana D'Arc* e com Humphrey Bogart em *Casablanca*

INGRID BERGMAN

Atriz, nascida a 29 de agosto de 1915 em Estocolmo, Suécia. Faleceu em 1982.

1934: MUNKBROGREVEN ■ 1935: BRÄNNINGAR; SWEDENHIELMS (de Gustaf Molander); VALBORGSMÄSSOAFTON ■ 1936: INTERMEZZO (de Gustaf Molander); PÅ SOLSIDAN (de Gustaf Molander) ■ 1938: DIE 4 GESELLEN; DOLLAR (de Gustaf Molander); EN ENDA NATT (de Gustaf Molander); EN KVINNAS ANSIKTE (de Gustaf Molander) ■ 1939: INTERMEZZO, UMA HISTÓRIA DE AMOR (*Intermezzo: A Love Story*, de Gregory Ratoff) ■ 1940: JUNIATTEN (de Per Lindberg) ■ 1941: FÚRIA NO CÉU (*Rage in Heaven*, de W. S. Van Dyke II); OS 4 FILHOS DE ADÃO (*Adam Had Four Sons*, de Gregory Ratoff); O MÉDICO E O MONSTRO (*Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de Victor Fleming) ■ 1942: CASABLANCA* (de Michael Curtiz) ■ 1943: POR QUEM OS SINOS DOBRAM* (*For Whom the Bell Tolls*, de Sam Wood) ■ 1944: À MEIA LUZ (*Gaslight*, de George Cukor) ■ 1945: OS SINOS DE SANTA MARIA* (*The Bells of St. Mary's*, de Leo McCarey); QUANDO FALA O CORAÇÃO (*Spellbound*, de Alfred Hitchcock); MULHER EXÓTICA (*Saratoga Trunk*, de Sam Wood) ■ 1946: INTERLÚDIO* (*Notorious*, de Alfred Hitchcock) ■ 1948: O ARCO DO TRIUNFO (*Arch of Triumph*, de Lewis Milestone); JOANA D'ARC (*Joan of Arc*, de Victor Fleming) ■ 1949: SOB O SIGNO DE CAPRICÓRNIO (*Under Capricorn*, de Alfred Hitchcock); STROMBOLI (*Stromboli, Terra di Dio*, de Roberto Rossellini) ■ 1951: EUROPA 51 (de Roberto Rossellini) ■ 1953: NÓS, AS MULHERES* (*Siamo Donne*, episódio "Il Pollo", de Roberto Rossellini); VIAGGIO IN ITALIA (de Roberto Rossellini) ■ 1954: GIOVANNA D'ARCO AL ROGO (de Roberto Rossellini) ■ 1955: LA PAURA (de Roberto Rossellini) ■ 1956: ANASTÁCIA, A PRINCESA ESQUECIDA (*Anastasia*, de Anatole Litvak); AS ESTRANHAS COISAS DE PARIS* (*Elena et les Hommes*, de Jean Renoir) ■ 1958: INDISCRETA (*Indiscreet*, de Stanley Donen); A MORADA DA SEXTA FELICIDADE (*The Inn of the Sixth Happiness*, de Mark Robson) ■ 1961: MAIS UMA VEZ ADEUS (*Goodbye Again*, de Anatole Litvak) ■ 1964: A VISITA (*Der Besuch/The Visit*, de Bernhard Wicki); O ROLLS ROYCE AMARELO (*The Yellow Rolls-Royce*, de Anthony Asquith) ■ 1967: STIMULANTIA (episódio "Smycket", de Gustaf Molander) ■ 1969: FLOR DE CACTO (*Cactus Flower*, de Gene Saks) ■ 1970: CAMINHANDO SOB A CHUVA DA PRIMAVERA (*A Walk in the Spring Rain*, de Guy Green) ■ 1973: A AVENTURA DA DESCOBERTA* (*From the Mixed-Up Files of Mrs. Basil E. Frankweiler/The Hideaways*, de Fielder Cook) ■ 1974: ASSASSINATO NO EXPRESSO ORIENTE* (*Murder on the Orient Express*, de Sidney Lumet) ■ 1976: NINA/QUESTÃO DE TEMPO* (*A Matter of Time*, de Vincente Minnelli) ■ 1978: SONATA DE OUTONO (*Hostsonaten*, de Ingmar Bergman) ■ 1982: UMA MULHER CHAMADA GOLDA (*A Woman Called Golda*, de Alan Gibson, minissérie para a TV)

RKO

Alvorada Cinematográfica

HUGH GRANT

Ator, nascido a 9 de setembro de 1960 em Londres. Estreou em 1982 com o filme *Privileged*, da Oxford Film Foundation.

1987: MAURICE* (de James Ivory) ■ 1988: INCONTROLÁVEL PAIXÃO* (*White Mischief*, de Michael Radford); O DESPERTAR DE UMA REALIDADE* (*The Dawning*, de Robert Knights); A MALDIÇÃO DA SERPENTE* (*The Lair of the White Worm*, de Ken Russell); AS NOITES DE BENGALI* (*La Nuit Bengali*, de Alexandre Trauner, Didier Naert, Jean-Paul Mugel, Dominique Hennequin); REMANDO AL VIENTO ■ 1990: LUTA DECISIVA* (*The Big Man/Crossing the Line*, de David Leland) ■ 1991: GEORGE E FREDERIC* (*Impromptu*, de James Lapine) ■ 1992: LUA DE FEL* (*Bitter Moon*, de Roman Polanski) ■ 1993: VESTÍGIOS DO DIA (*The Remains of the Day*, de James Ivory) ■ 1994: SIRENS (de John Duigan); QUATRO CASAMENTOS E UM FUNERAL (*Four Weddings and a Funeral*, de Mike Newell); AN AWFULLY BIG ADVENTURE (de Mike Newell, em produção)

RICHARD DONNER

Diretor, também produtor, nascido em Nova York em 1939.

1961: O AVIÃO FOGUETE X-15 (*X-15*) ■ 1968: UMA DUPLA EM PONTO DE BALA (*Salt and Pepper*) ■ 1969: TWINKY* (*Twinky/Lola/The Statutory Affair*) ■ 1974: LUCAS TANNER (para a TV); SENIOR YEAR (para a TV) ■ 1975: A SHADOW IN THE STREETS (para a TV); SARAH T. – PORTRAIT OF A TEENAGE ALCOHOLIC (para a TV) ■ 1976: A PROFECIA* (*The Omen*) ■ 1978: SUPERMAN – O FILME* (*Superman – The Movie*) ■ 1980: OS RAPAZES DO BAR MAX (*Inside Moves*) ■ 1981: A PROFECIA 3 – O CONFLITO FINAL* (*The Final Conflict*, de Graham Baker, como produtor executivo) ■ 1982: O BRINQUEDO* (*The Toy*) ■ 1985: OS GOONIES* (*The Goonies*, também como co-produtor); LADYHAWKE, O FEITIÇO DE ÁQUILA* (*Ladyhawke*, também como co-produtor) ■ 1987: MÁQUINA MORTÍFERA* (*Lethal Weapon*, também como co-produtor); OS GAROTOS PERDIDOS* (*The Lost Boys*, de Joel Schumacher, como produtor executivo) ■ 1988: OS FANTASMAS CONTRA-ATACAM* (*Scrooged*, também como co-produtor) ■ 1989: LENDAS DO ALÉM-TÚMULO* (*Tales from the Crypt*, junto a Walter Hill e Robert Zemeckis); MÁQUINA MORTÍFERA 2* (*Lethal Weapon 2*, também como co-produtor) ■ 1992: RADIO FLYER*; MÁQUINA MORTÍFERA 3* (*Lethal Weapon 3*, também como co-produtor) ■ 1994: MAVERICK (também como co-produtor)

**disponível em vídeo*

EROTISMO À FLOR DA TELA.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

Dulce Damasceno de Brito

A SUPERIORIDADE DOS BAIXINHOS

Universal

Entre 1939 e 1941, o rei das bilheterias cinematográficas do mundo inteiro era um ator quase anão pelos padrões hollywoodianos: Mickey Rooney. Não tinha a menor pinta de galã, mas recebia mais cartas de fãs do que os bonitões Robert Taylor e Clark Gable, do mesmo estúdio. Tudo graças às comédias românticas e grandes musicais da Metro que estrelou.

Na verdade, Rooney possuía muito talento – ativo até hoje, aos 73 anos – e um inexplicável carisma, capaz de justificar a explosão de seu charme também na vida real. Dizem que transou praticamente com todas as estrelas da MGM, com exceção da sua partner e amiga Judy Garland (mãe de Liza Minnelli), por quem nutria um amor fratenal. O auge de suas conquistas foi a belíssima Ava Gardner, com quem se casou de papel passado em 1942. O minúsculo ator ainda se casaria outras sete vezes, sempre com mulheres supercharmosas e... mais altas do que ele.

Na mesma época do sucesso de Rooney, atores mais vaidosos procuravam um meio de disfarçar a estatura diante de um John Wayne (1,96 m), um Gary Cooper (1,93 m) ou um Gregory Peck (1,89 m). Consta que foi George Raft (1,58 m) quem inventou os sapatos de plataforma para homens. Aparentemente invisível, o artefato consistia de palmilhas acolchoadas de 3 a 4 centímetros colocadas dentro dos sapatos. Outros atores aderiram ao esquema, como James Cagney e Humphrey Bogart.

Mas o baixinho que mais trabalho deu aos diretores de Hollywood foi Alan Ladd. Apesar de medir meros 156 centímetros, Ladd estrelou cerca de sessenta filmes entre 1940 e 1964, como galã das mais belas estrelas do cinema. Ladd preferia fazer westerns; assim podia usar botas de salto alto, como no clássico *Os Brutos Também Amam*, em que parecia um gigante na tela.

Mas lembro-me de um engraçado episódio que me foi confirmado pelo grande diretor Jean Negulesco. Quando filmavam *A Lenda da Estátua Nua* nas praias da Grécia, não havia jeito de disfarçar a estatura de Alan Ladd diante da estrela Sophia Loren, de 1,70 m. Quando os dois se encontravam e, cara a cara, deveriam se beijar "em pé", o que fez Negulesco? Mandou cavar um buraco na areia e "enterrou" Sophia até os joelhos.

Ladd disfarça seu 1,56 m em pose junto a Dulce (de 1,54 m) em 1952; acima, Michael J. Fox, que tem a mesma altura que Ladd

Poucos sabem que Alan Ladd recusou o papel do texano pobre que enriquece com petróleo e luta pelo amor de Elizabeth Taylor em *Assim Caminha a Humanidade*. Ele temia contracenar com o altíssimo Rock Hudson, de 1,98 m. O papel foi cair nas mãos de outro baixinho mais autoconfiante: James Dean, de 1,58 m.

Dizem que, atualmente, o público não se importa mais com a altura dos galãs, admirando da mesma maneira o pequeno Jean-Claude Van Damme e os enormes Arnold Schwarzenegger ou Sylvester Stallone. Por isso, Dustin Hoffman (1,64 m) fez par com Vanessa Redgrave (1,80 m) em O *Mistério de Agatha*. Também Dudley Moore (1,54 m) satirizou sua própria estatura em *Mulher Nota 10* e nas comédias sobre o milionário Arthur.

Recentemente, uma revista americana atribuiu os recentes fracassos de Michael J. Fox (1,56 m) ao fato de ser baixinho – o que não impediu o sucesso da trilogia *De Volta para o Futuro*. Mas a verdade é que Fox, aos 33 anos, perdeu a carinha de adolescente e não convence mais em papéis adultos. O que é uma pena.

VÍDEO SET

JULHO

Robert Altman extrai poesia da banalidade em
SHORT CUTS

Scorsese e De Niro juntos no clássico
TAXI DRIVER

LAMARCA
O filme nacional que fez o público ir ao cinema

DR. FANTÁSTICO
A devastadora sátira antimilitarista de Kubrick

• BEETHOVEN 2 • OS TRÊS MOSQUETEIROS • UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

Arnold Schwarzenegger é
O ÚLTIMO GRANDE HERÓI

JÁ NAS LOCADORAS!

SENSUAL E PERVERSO

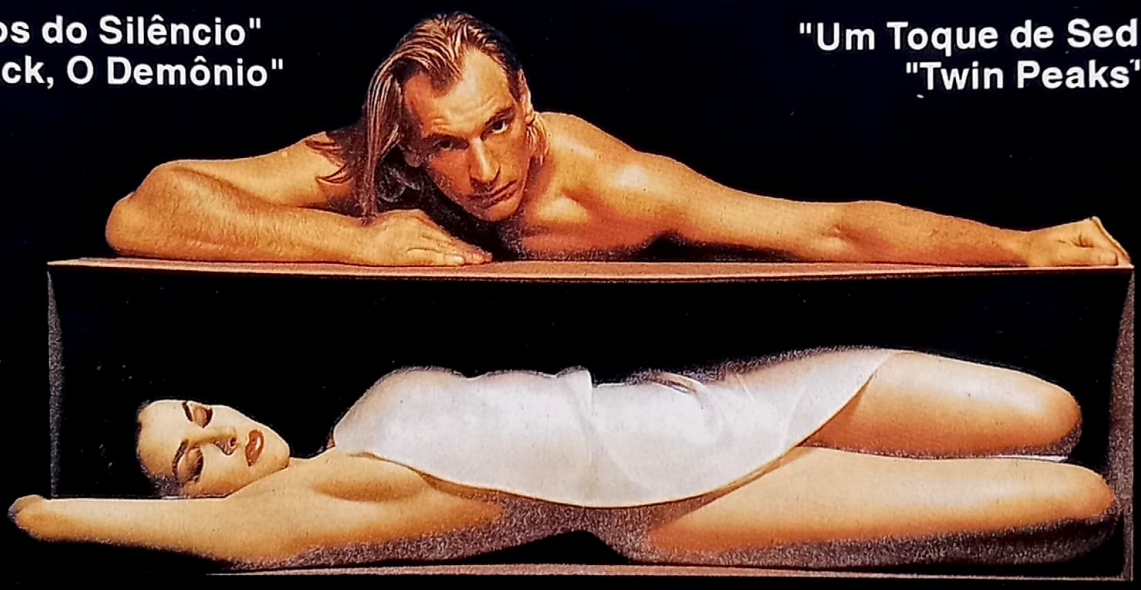
Nunca o público ficou tão excitado num ambiente tão perverso.

Nunca a beleza foi tão agredida.

Nunca um final foi tão surpreendente.

JULIAN SANDS
"Gritos do Silêncio"
"Warlock, O Demônio"

SHERILYN FENN
"Um Toque de Sedução "
"Twin Peaks"



ENCAIXOTANDO HELENA

"BOXING HELENA"

direção
JENNIFER LYNCH

PARIS VIDEO FILMES

O FILME QUE PROVOCOU UM ESCÂNDALO JUDICIAL NOS EUA QUANDO KIM BASINGER DESISTIU DE FAZÊ-LO EM FUNÇÃO DAS FORTES CENAS DE SEXO.

Programa

AÇÃO

69 O ÚLTIMO GRANDE HERÓI
Aventura do tamanho de Schwarzenegger

70 OS TRÊS MOSQUETEIROS
A Disney revisita o clássico juvenil

AUTORES

56 SHORT CUTS
Altman flagra a banalidade da vida

57 TAXI DRIVER
Scorsese e De Niro revelam a neurose urbana

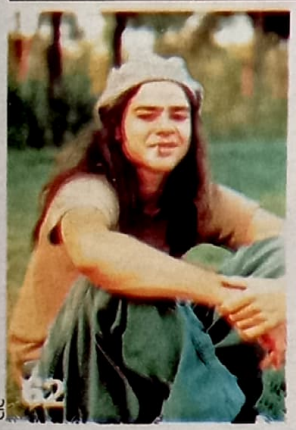
PlayArte

63 OLHOS DE SERPENTE
O cinema visceral de Abel Ferrara

64 O PECADO MORA AO LADO
Billy Wilder e Marilyn brincam com a infidelidade

66 DR. FANTÁSTICO
Kubrick e Peter Sellers satirizam o militarismo

RETRATOS DA SOCIEDADE



CIC

60 O DESPERTAR PARA A VIDA
A deficiência física sem demagogia

60 E A VIDA CONTINUA
Grande elenco conta a história da Aids

62 JOVENS, LOUCOS E REBELDES
Panorama dos anos 70

63 PERIGO PARA A SOCIEDADE
A juventude sem perspectiva

NACIONAIS

58 FOREVER
Khouri discute sedução e morte

58 LAMARCA
Personagem histórico vira mito

Lamarca

Sagres/RioFilme

TRAPALHADAS

64 TOP GANG! 2
Charlie Sheen ridiculariza Rambo

65 OS VISITANTES
Pastelão à francesa

64

Abril Video

TERROR E RISOS

72 UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES
O melhor trabalho de John Landis

73 A LOJA DOS HORRORES
O filme que virou cult em dois dias

INFANTIS

Beethoven 2

CIC

74 BEETHOVEN 2
Filhotes conquistam o espectador

74 A INCRÍVEL JORNADA
Dois cães e uma gatinha unem forças

EM FAMÍLIA

57 TIA DANIELLE
A velhice nua e crua

59 OLIVIER, OLIVIER
Os traumas da perda e do reencontro

59 SOFIE
Liv Ullmann estréia na direção

Sofie

United

D R A M A

SHORT CUTS – CENAS DA VIDA ★★★★★

Altman mostra seu virtuosismo

Em *Short Cuts*, Robert Altman adapta nove contos de Raymond Carver (1939-1988); mas não o faz sob a forma de episódios independentes; narra as nove histórias simultaneamente, encaixando uma na outra e descobrindo atalhos (os "short cuts" do título) que as ligam, fazendo com que se ecoem, oponham-se ou se complementem. "Vejo toda a obra de Carver como se fosse apenas uma história", declara Altman no prefácio à edição dos contos que utilizou – publicada aqui pela Rocco. E ao montar esse mosaico do dia-a-dia americano, o faz de forma muito fiel a seu próprio estilo: como em *Nashville* ou *Cerimônia de Casamento*, entrelaça histórias paralelas e trabalha polifonicamente com uma multidão de personagens diferentes.

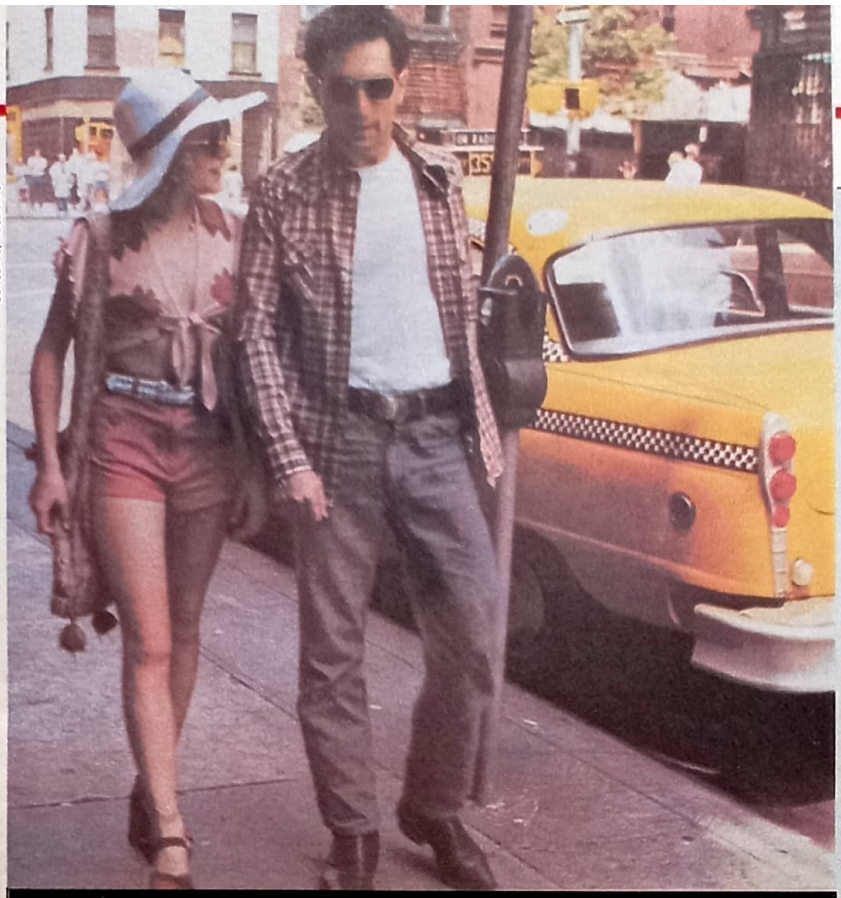
Altman e seu co-roteirista Frank Barhydt tratam com liberdade os textos de Carver, mas preservam seu espírito. Fazem um filme de estrutura aberta que "poderia ir adiante indefinidamente, porque é como a vida". E, como na vida real, todos os tons estão presentes: do cômico (o piloto que se desforra da mulher infiel destruindo sua casa) ao trágico (o casal que perde o filho atropelado); do humor negro (os pescadores que encontram um cadáver no rio mas nem por isso interrompem a pescaria) ao patético (o suicídio da violoncelista carente e negligenciada pela mãe cantora – personagens, aliás, inventadas pelos roteiristas); da ternura (o carinho que, apesar de tudo, a garçonete Doreen e seu marido fracassado têm um pelo outro) à violência (o gratuito assassinato da garota ciclista na estrada). Num batalhão de atores excelentes, a quem destacar? Talvez a Jack Lemmon, comovente como o avô do garoto atropelado.

Mas as interpretações individuais se fundem no virtuosismo do agridoce painel da vida em seus aspectos mais prosaicos. De uma banalidade que não é chacoalhada sequer nas cenas finais: essas vidas miúdas prosseguirão, com seus sonhos e frustrações, seus momentos de grandeza e de ridículo, como as de todos nós.

(Short Cuts, EUA, 1993) Direção: Robert Altman. Com Anne Archer, Bruce Davison, Jennifer Jason Leigh, Jack Lemmon, Andie McDowell, Matthew Modine, Tim Robbins, Lori Singer, Madeleine Stowe, Lily Tomlin, Tom Waits. 184 min. PlayArte.

LAURO MACHADO COELHO

Huey Lewis, Fred Ward e Buck Henry são os pescadores que encontram uma "surpresa" boiando no rio em *Short Cuts*



Concorde/Tocantins

Jodie Foster, ainda menina, é o objeto da obsessão de Robert De Niro

TAXI DRIVER ★★★★★

Colaborações memoráveis

De todos os fracassados que voltaram do Vietnã e ficaram pelo mundo sem eira nem beira (hoje eles são um capítulo do cinema americano), nenhum teve a força trágica deste Travis que Robert De Niro interpretou de maneira sublime em *Taxi Driver*. Personagem noturno, razoavelmente arranjado na vida – está bem melhor do que Rambo e outros, em todo caso –, ele passeia por Nova York menos à procura de clientes do que de uma missão.

A missão aparece quando topa com uma jovem prostituta (Jodie Foster) e decide libertá-la de seu cafetão. É como se, no mundo de trevas em que vive o chofer, ela fosse a luz à qual devesse se apegar, aquela que daria sentido à sua vida.

Martin Scorsese tira partido desse princípio sombrio e faz aqui um dos mais belos filmes de sua carreira, aproveitando até o osso a conjugação favorável proporcionada por uma série de colaborações felizes. O roteiro de Paul Schrader, a fotografia de Michael Chapman, a música de Bernard Herrmann ajudam a fazer de *Taxi Driver* um momento memorável do cinema dos anos 70.

(EUA, 1976) Direção: Martin Scorsese. Com Robert De Niro, Cybill Shepherd, Harvey Keitel, Peter Boyle, Jodie Foster. 113 min. Concorde/Tocantins.

Inácio Araujo

O CLUBE DAS VIÚVAS ★★★ INÉDITO NO CINEMA

(The Cemetery Club, EUA, 1992) Direção: Bill Duke. Com Ellen Burstyn, Olympia Dukakis, Diane Ladd, Danny Aiello. 106 min. Abril Vídeo.

Esta comédia sensível e divertida valeria só pelo elenco. Mas ela tem também um roteiro interessante, que amarra as reações de três senhoras judias após a morte dos maridos. Em comum, elas têm o encontro no cemitério e a solidariedade nos dilemas femininos. O diretor Duke (*Mudança de Hábito 2*) costura bem os diálogos e equilibra as situações cômicas e dramáticas. Por isso, não se assuste se, em meio a um jantar em que se fala de perucas masculinas, você se emocionar.

Fatima Gigliotti

SOZINHA NA ESCURIDÃO★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Fire in the Dark, EUA, 1992) Direção: David Jones. Com Olympia Dukakis, Lindsay Wagner, Jean Stapleton, Ray Wise. 88 min. Capital.

Do mesmo diretor de *Nunca te Vi, Sempre te Amei*, este filme finca os pés na problemática da terceira idade – mas sem levantar tanta poeira como *Conduzindo Miss Daisy* ou o clássico *Providence*, de Alain Resnais. Há uma grande atriz, com uma atuação dificultada pela maquiagem que lembra borracha em goma. Na família que se desmancha com a decadência física da mãe, saem-se bem Wise e Stapleton. De qualquer forma, não é filme de se esnobar. Olympia Dukakis vale pelas três estrelas.

Francisco Costa

PERVERSA E PERIGOSA – TIA DANIELLE ★★★

Look

Velhice sem demagogia

Discípula de Marcel Marceau, Tsilla Chelton fez carreira em teatro. O diretor Chatiliez (de *A Vida é um Longo Rio Tranqüilo*, 1987) deu-lhe esta chance de ouro para registrar em cinema uma pequena amostra de seu talento. *Tia Danielle* é mais sério e pesado do que permite supor a reunião de adjetivos do título brasileiro. Chelton faz uma viúva de 82 anos que divide seu tempo entre conversar com o retrato do marido e perpetrar maldades contra quem estiver por perto. Quando a empregada morre, muda-se de Auxerre para Paris e passa a torturar psicologicamente a família do sobrinho.

A trama resvala – com inversão de papéis – pelos exageros caricaturais de *Parente é Serpente* (1992), mas expõe de maneira incisiva e sem demagogia algumas mazelas da velhice, como solidão e dependência. Antipática e desagradável, a tia Danielle de Chelton incomoda.

(Tatie Danielle, França, 1991) Direção: Étienne Chatiliez. Com Tsilla Chelton, Catherine Jacob, Isabelle Nanty, Neige Dolsky, Eric Prat. 100 min. Look.

Sérgio Rizzo

Titia (Tsilla Chelton) encontra um páreo duro em Sandrine (Isabelle Nanty)

Sagres/Riofilme

Betti (Lamarca) e Carla Camuratti (Clara) na dura vida da guerrilha

LAMARCA ★★★

Herói versus história

O general Nilton Cerqueira tem razão ao reclamar de *Lamarca*. Ele foi o chefe da operação militar que terminou com a morte de Carlos Lamarca, líder guerrilheiro e ex-capitão do Exército. Queixa-se de um detalhe relevante: Lamarca não foi morto dormindo.

Essa liberdade histórica não tinha o objetivo de diminuir o então major (isso se deu em 1971). Mas um filme que relata fatos históricos depende essencialmente de seu valor documental. Pode-se interpretar os fatos de várias maneiras (a favor ou contra a guerrilha). Não se pode alterá-los.

Feliz como artesanato, infeliz nos diálogos, *Lamarca* é problemático sobretudo historicamente. O ex-capitão que desertou do Exército para se tornar líder da guerrilha, em 1969, é certamente um personagem importante. Através dele, seria possível ter idéia do que foi um período atribulado, contraditório e, no geral, muito rico do Brasil.

É esse fio da história que se perde, em favor de um retrato heróico, sem dúvida, mas bastante parcial do personagem.

(Brasil, 1994) Direção: Sérgio Rezende. Com Paulo Betti, Carla Camuratti, José de Abreu, Deborah Evelyn, Eliezer de Almeida, Ernani Moraes. 130 min. Sagres/RioFilme.

INÁCIO ARAUJO

FOREVER – JUNTOS PARA SEMPRE ★★★★

Khouri sem angústia

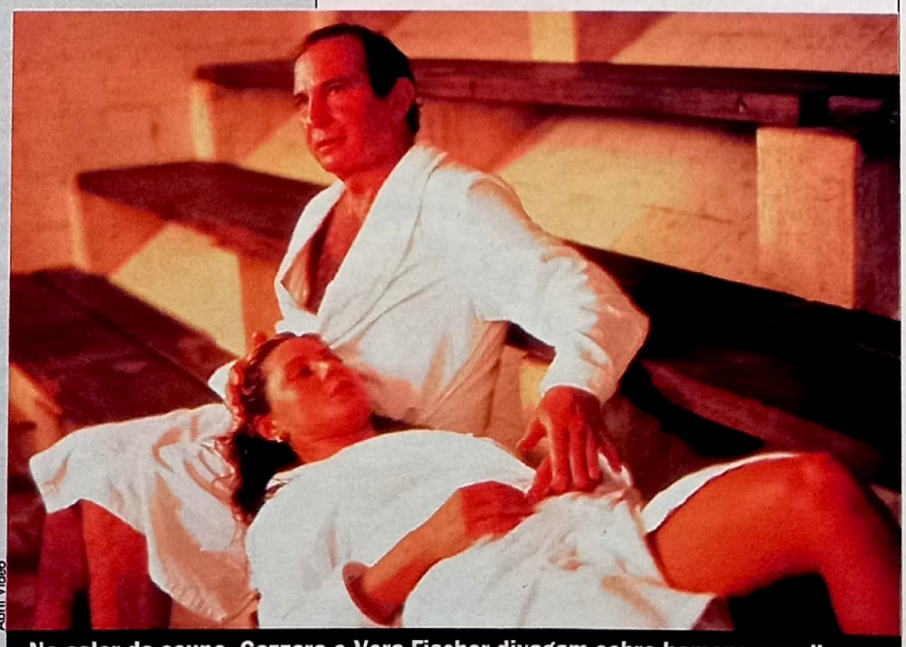
Forever pode ser visto como mera continuidade do trabalho de Walter Hugo Khouri. Há, como sempre, um homem cercado de mulheres, sedutor e entediado.

Aí começam as mudanças. O homem é Ben Gazzara, o que confere à sedução uma credibilidade absoluta. Mas o essencial é a abordagem da morte. Talvez por se aventurar num tema radical, Khouri desvia-se do aspecto mais contestável de seu trabalho: uma angústia meio vaga, permanente demais para que não pareça postiça.

Forever é um filme sem angústia. A investigação sobre a morte de Gazzara é um requisitório irrespondível sobre as insatisfações do amor, ao longo de uma trama em que o diretor cerca seu tema com força e paixão. Por fim, Khouri dá outra guinada em relação à maioria de seus filmes: embora as mulheres sejam essenciais, desta vez é o homem o objeto central de sua preocupação.

(França/Brasil, 1993) Direção: Walter Hugo Khouri. Com Ben Gazzara, Vera Fischer, Eva Grimaldi, Ana Paula Arosio, Corinne Clery. 94 min. Abril Vídeo.

INÁCIO ARAUJO



Abril Vídeo

No calor da sauna, Gazzara e Vera Fischer divagam sobre homens e mulheres

UMA MULHER PERIGOSA ★★
(A Dangerous Woman, EUA, 1993) Direção: Stephen Gyllenhaal. Com Debra Winger, Barbara Hershey, Gabriel Byrne. 101 min. Look.

Alguns problemas interferem nesta produção. O primeiro é que a história de Martha, uma garota ultratímida (Winger) que não sabe mentir e que desde os nove anos fora criada pela irmã do pai (Hershey) é tratada com maniqueísmo pelo roteiro de Naomi Foner (esposa do diretor e Oscar de roteiro por *O Peso de um Passado*). Entre um dia de trabalho na lavanderia e a entrega à sedução de um carpinteiro (Byrne), Martha tenta driblar as falsidades que a cercam, é acusada de um roubo que não cometeu e, por fim, acaba matando o namorado da única amiga sem querer. O outro problema é que o diretor Gyllenhaal (*Terra D'Água*) abusa nas tintas e resolve o filme rapidinho com um final feliz. Vale por Winger e Hershey, que dão uma aula de interpretação.

D.P.

MUDANÇA DE RUMO ★★
(Fires Within, EUA, 1991) Direção: Gillian Armstrong. Com Greta Scacchi, Jimmy Smits, Vincent D'Onofrio. 86 min. Paris.

INÉDITO NO CINEMA

Após oito anos de separação, a cubana Isabel acolhe em Miami seu marido Nestor, ex-prisioneiro político do regime castrista. O problema é que Isabel meio que já refez sua vida junto a Sam, pescador que a resgatou de um bote quando ela fugia de Cuba com a filha. Agora, ela oscila entre a lealdade ao marido – a quem culpa por amar mais a política que a família – ou ao amante. Mas o maior problema de Isabel é a direção para lá de quadrada de Armstrong (*Mrs. Soffel*). A diretora não se decide entre o melô e o drama político, ficando com o pior dos dois gêneros.

I.B.

Karen-Lise Mynster vive a personagem-título no filme de Liv Ullmann

United

SOFIE ★★★★

Antídoto à pirotecnia

A estréia de Liv Ullmann na direção é um drama psicológico tipicamente escandinavo. Na Copenhague do final do século 19, a jovem judia Sofie (Karen-Lise Mynster) é levada a casar-se com um primo do interior, embora ame de fato um artista não-judeu.

Do embate entre as paixões mais profundas de Sofie e o ambiente opressivo a que está presa, a ex-musa de Bergman construiu uma obra delicada e grave, com uma câmera atenta às nuances do rosto humano.

Por conta dos gestos e olhares mais sutis, percebe-se, sob a superfície aparentemente calma das relações familiares e sociais, o latejar do desejo e ressentimentos de cada personagem. Filme de planos longos, música melancólica (Schubert), interpretações precisas e movimentos lentos de câmera, *Sofie* só peca por estender um pouco demais sua história. No conjunto, é um belo antídoto ao cinema pirotécnico que atulha as videolocadoras.

(Suécia/Dinamarca/Noruega, 1992) Direção: Liv Ullmann. Com Karen-Lise Mynster, Ghita Norby, Erland Josephson. 146 min. United.

JOSÉ GERALDO COUTO

ETHAN FROME ★★★ *(EUA, 1993) Direção: John Madden. Com Liam Neeson, Patricia Arquette, Joan Allen. 107 min.* Mundial.

INÉDITO NO CINEMA

Adaptação do romance homônimo de Edith Wharton, autora de *A Época da Inocência*. Só que a ambientação aqui é bem diferente: numa cidadezinha da gelada Nova Inglaterra, o recém-chegado reverendo vai aos poucos inteirando-se sobre a trágica história de Ethan Frome (Neeson, de *A Lista de Schindler*), até descobrir como ele chegou à sua atual condição de alejado e pária do vilarejo. Boas interpretações de Neeson, Allen (como a possessiva e hipocondríaca esposa de Ethan) e Arquette, no papel da jovem prima pobre por quem o protagonista se apaixona, desencadeando os fatos trágicos do enredo. Destaque também para a belíssima fotografia.

I.B.

O ESCÂNDALO DO SÉCULO ★★★ *(Zelda, EUA, 1993) Direção: Pat O'Connor. Com Natasha Richardson, Timothy Hutton, Jon de Vries. 96 min.* Europa/Carat.

INÉDITO NO CINEMA

Nos anos 20, Zelda Fitzgerald foi notícia pelo comportamento irreverente que exibia ao lado do marido F. Scott Fitzgerald, o festejado autor de *Belos e Malditos* e outros romances excepcionais. Este telefilme, longe de ser uma biografia completa da moça, resultou num belo e comovente registro de boa parte dessa trajetória de amor e loucura. Com um estilo sereno e intimista, o diretor O'Connor (*Vidas que o Destino Marcou*) cria um clima de melancolia que parece saído das páginas de Fitzgerald e realça os ótimos trabalhos de Hutton (filho do falecido ator Jim Hutton) e de Natasha (filha de Vanessa Redgrave e do falecido diretor Tony Richardson).

ALFREDO STERNHEIM

OLIVIER, OLIVIER ★★★★

Quebra-cabeças familiar

É difícil dizer em que momento Olivier subverte mais a vida dos que o cercam. Se ao desaparecer, aos nove anos (um belo dia, some sem deixar rastro, de bicicleta e bonezinho). Ou se ao reaparecer, seis anos depois (quando se localiza, em Paris, um adolescente que corresponde à descrição do desaparecido).

Olivier, Olivier, escrito e dirigido por Agnieszka Holland, disseca os traumas produzidos por essa perda e reencontro: sentimentos de culpa e acusações mútuas; o casamento difícil dos pais, que se desfaz e, com a reintegração da família, tenta reatar-se; a alegria do pai em recuperar um filho com quem pode compartilhar a cumplicidade de uma amizade masculina; as emoções contraditórias da irmã, rejeitando o intruso que vem disputar com ela o amor da mãe, mas sentindo por ele incontrolável atração física. Situações muito bem sugeridas pelo homogêneo elenco, e que se agravam ao resolver-se o mistério do desaparecimento de Olivier, abrindo caminho a desenvolvimentos imprevisíveis.

Desenvolvimentos para os quais, entretanto, Holland tem a habilidade de não impor resposta alguma: apenas suspende seu filme num momento crucial, deixando ao espectador a tarefa de refletir sobre as múltiplas possibilidades oferecidas por esse quebra-cabeças de relacionamentos.

(França, 1992) Direção: Agnieszka Holland. Com Elisabeth Roüan, François Cluzet, Grégoire Colin, Marina Golovine. 110min. Europa/Carat.

LAURO MACHADO COELHO

Europa/Carat

Perplexidade e emoção cercam o reencontro de Olivier com sua família

HVC

Stoltz interpreta um escritor que se torna paraplégico após um acidente

O DESPERTAR PARA A VIDA ★★★★

Emoção sem melodrama

Baseada em fatos reais, esta é uma realização cujos protagonistas interpretam paraplégicos. Não, não mude de texto: o filme não segue o esquema piedoso do gênero "doença da semana". Claro sinal de sua forte empatia junto ao espectador é o prêmio do público que levou no Festival de Sundance – patrocinado por Robert Redford e voltado para a produção independente – de 1992. Com roteiro e co-direção do igualmente paraplégico Neal Jimenez, o filme transmite sem autocomiseração o dia-a-dia de pacientes num hospital especializado, a difícil adaptação à nova realidade e aos seres humanos "normais" que continuam à volta.

Apesar de não ser choroso, o filme não revela qualquer "despertar para a vida", como diz o título brasileiro. Pelo contrário, mostra da forma mais realista possível a vida difícil que cada um terá pela frente. Totalmente apoiado no excelente trabalho dos atores, em especial do casal interpretado por Stoltz e Hunt (da telessérie *Louco por Amor*), o filme também revela o bom gosto emocional do diretor Steinberg, cujo filme posterior, *Corpos em Movimento* (1993), foi produzido pelo seu agora amigo e admirador Stoltz. Rico e humano, merece ser descoberto.

(The Waterdance, EUA, 1991) Direção: Neal Jimenez e Michael Steinberg. Com Eric Stoltz, Wesley Snipes, William Forsythe, Helen Hunt, Elizabeth Peña, Grace Zabriskie. 107 min. HVC.

CHRISTIAN PETERMANN

O SACRIFÍCIO DE UMA VIDA ★★

(Lambarene, Canadá, 1992) Direção: Gray Hofmeyr. Com Malcolm McDowell, Susan Strasberg, Andrew Davis. 96 min. VTI.

Desde *Laranja Mecânica*, Malcolm McDowell interpreta o tipo louco e neurótico. Nesta produção canadense, ele aparece completamente diferente, na pele do médico Albert Schweitzer, vencedor do Nobel da Paz de 1952 por seu trabalho junto aos nativos da margem do rio Lambarene, na África. Mas McDowell não está à vontade e tem pouca sintonia com Susan Strasberg, que faz sua esposa. O idealismo de Schweitzer é tratado de maneira superficial, e seu respeito aos nativos acaba parecendo contraditório quando o médico decide enfrentar um curandeiro. Com locações na Europa e África, o roteiro é inferior à produção, resolvendo apressadamente os conflitos.

CESAR GARCIA LIMA

O ENIGMA DAS CARTAS ★★

(House of Cards, EUA/Itália, 1993) Direção: Michael Lessac. Com Kathleen Turner, Tommy Lee Jones, Asha Menina. 109 min. PlayArte.

Após perder o marido durante escavações em ruínas maias na América Central, arquiteta (Turner) volta aos EUA com seus filhos. Para dificultar ainda mais a readaptação ao país de origem, a filha pequena (Asha Menina), influenciada pela exótica espiritualidade maia, fecha-se cada vez mais em si mesma, manifestando sintomas de autismo. Entra em cena um psiquiatra (Jones) empenhado em mostrar à mãe relutante que a menina necessita de tratamento. Muitas vezes intrigante e cheio de clima, só não leva três estrelas pelo psicologismo fácil ao ponto de ser irritante.

I.B.

Odessa

Matthew Modine e Lily Tomlin no leito de morte de Ian McKellen

E A VIDA CONTINUA ★★★

A história da Aids

Importante realização que adapta o livro *And the Band Played On: People, Politics and the Aids Epidemic*, de Randy Shilts, o primeiro jornalista a se preocupar exclusivamente com a questão da Aids. Shilts faleceu, vítima da doença, em fevereiro deste ano, mas antes ele já havia dado seu aval a esta produção.

Ele foi o primeiro a afirmar que esta versão cinematográfica – com consultoria de Bill Couturie, diretor de *Querida América – Cartas do Vietnã* (87) – atenua vários aspectos de sua obra, que traça um histórico da epidemia, desde a primeira constatação, em Amsterdã (78), até o dia em que ela finalmente recebeu um nome (85). E o diretor Spottiswoode não evita algumas situações melodramáticas e de gosto duvidoso. De qualquer forma, a obra desnuda honestamente as investigações científicas, a burocracia política, a manipulação de informações e o preconceito.

Vários dos atores participaram com cachês reduzidos ou até mesmo sem cachê – entre as pontas, nomes como Richard Gere, Anjelica Huston e Steve Martin. O epílogo é emocionante. Apesar dos escorregões no exagero, o filme é um marco na abordagem do assunto.

(And the Band Played On, EUA, 1993) Direção: Roger Spottiswoode. Com Matthew Modine, Alan Alda, Lily Tomlin, Ian McKellen, Tcheky Karyo, Phil Collins. 140 min. Odessa.

CHRISTIAN PETERMANN

A FORÇA POLICIAL DO FUTURO, ACABA DE RECEBER UM REFORÇO FANTÁSTICO.

QUEM TEM A GANHAR MUITO COM ISSO, É A SUA DIVERSÃO!

ROBOCOP™

DUBLADO OU LEGENDADO

A MISSÃO FINAL

PARTE HOMEM, PARTE MÁQUINA
ELE ESTÁ DE VOLTA PARA CUMPRIR A LEI.

RICHARD EDEN
(Solar Crisis, Com o Dinheiro dos Outros)

com
Blu Mankuma
(Tocaia II, Alta Tensão, Olha Quem Está Falando)

Sarah Campbell
(Anatomia de Um Assassino)

escrito por
Edward Neumeier
Michael Miner
(Robocop-O Herói do Futuro)

dirigido por
Paul Lynch
(Jornada Nas Estrelas-Deep Space Nine, Jornada Nas Estrelas-A Nova Geração)

Ele está de volta para cumprir a lei e durante a investigação de vários assassinatos de indigentes, descobre um dos mais obscuros segredos da cidade.

JÁ DISPONÍVEL NA SUA LOCADORA!

AVENTURA
PRODUÇÃO 1994

Rua Mauá, 836 - casa 18 - Sta. Efigênia
CEP 01028-000 - São Paulo SP
Tel.: (011) 230-0200 -TRONCO CHAVE
Fax: (011) 227-1957

ALPHA FILMES

RAM 262-4046

CIC

O elenco jovem usa suas memórias de infância para compor o astral

JOVENS, LOUCOS E REBELDES ★★★★

INÉDITO NO CINEMA

Revival dos anos 70

O diretor/roteirista/co-produtor Richard Linklater, *darling* dos independentes americanos depois de sua estréia com *Slacker* (1991, inédito aqui), desenvolve uma trama casual, partindo de reminiscências próprias. É 28 de maio de 1976, último dia de aula de um grupo de adolescentes do interior do Texas. A ação se concentra nessas 24 horas, com os rebuscados rituais de iniciação, às vésperas da entrada na faculdade, e a vontade louca do grupo em agitar uma big festa para comemorar a efeméride.

Linklater realiza uma espécie de *Loucuras de Verão* (73) da geração que viveu a psicodelia e o vazio existencial da década de 70. Apresenta o mosaico, porém, através de uma ótica distante, egressa do cinema de Jim Jarmusch e Hal Hartley. Não há mensagens morais nem fórmulas narrativas. A espontaneidade dita o tom, incrementado pelo elenco pouco conhecido, que imprime incrível credibilidade aos papéis. O nome mais famoso é o da modelo russa Milla Jovovich (*Chaplin*), que não tem falas mas canta um tema folk ao violão. Esteticamente, o filme segue a cartilha cool do atual universo independente. Seu grande mérito, porém, é o de recuperar a dimensão humana desta que foi a década mais malhada do século.

(Dazed and Confused, EUA, 1993) Direção: Richard Linklater. Com Rory Cochrane, Adam Goldberg, Milla Jovovich, Anthony Rapp, Christine Harnos. 98 min. CIC.

CHRISTIAN PETERMANN

CORAÇÃO INDOMÁVEL ★★

(Untamed Heart, EUA, 1993) Direção: Tony Bill. Com Marisa Tomei, Christian Slater, Rosie Perez. 102 min. Warner.

Marisa Tomei conseguiu este papel depois do Oscar que recebeu por *Meu Primo Vinny*. A personagem da garçonete em busca do príncipe encantado lhe cai como uma luva – mas o que o destino lhe oferece não é bem um príncipe, e sim o ajudante de cozinha da lanchonete, o introvertido e dono de um coração transplantado Christian Slater – sim, este detalhe tem tudo a ver com a história. Note-se que é o primeiro papel em que Christian não representa um delinqüente, e se sai muito bem. Os dois se apaixonam e iniciam um romance quase adolescente, em que a cada encontro vão revelando um ao outro seu mundinho particular. O mesmo diretor que assina os díspares *Shampoo* e *Pee-wee's Big Adventure*, Tony Bill, conta uma história de amor sincera e com um final bonito. Infelizmente, não passa disso.

D.P.

ALGUÉM PARA DIVIDIR OS SONHOS ★★

(The Saint of Fort Washington, EUA, 1993) Direção: Tim Hunter. Com Matt Dillon, Danny Glover, Nina Siemaszko, Joe Seneca. 108 min. Vídeo Arte.

Quando Hollywood ensaia passos, mesmo que tímidos, no universo da análise social, ela maquia a realidade para apresentá-la de forma digerível ao grande público. A questão dos sem-teto é tratada aqui em tom de fábula, na qual o personagem de Matt Dillon, sozinho no mundo e vítima de um certo desvio mental, "adota" a figura paterna do mendigo interpretado por Danny Glover, veterano das ruas de Nova York. O roteiro tem furos (Glover, com pedra no rim, grita de dor e segundos depois sai correndo da polícia numa boa) e a trilha sonora, exagerada, acentua o caráter melodramático da trama. Mesmo sendo sem-teto do Primeiro Mundo, nunca nada é tão róseo.

Ch.P.

Capital

River Phoenix segura em seus braços a moribunda Awbonnie

O ESPÍRITO DO SILÊNCIO ★★

INÉDITO NO CINEMA

River Phoenix em drama místico

Sam Shepard se dedicou a dramas passados no Velho Oeste durante toda a década de 70 para contar sua visão do massacre indígena. É a esse tema que retorna neste drama intimista e espiritualista.

Em 1873, o deficiente mental River Phoenix perde a esposa Awbonnie no parto e, inconformado, não permite que o corpo seja enterrado. Seu pai (Richard Harris), preocupado com sua saúde, resolve procurar novamente o charlatão (Alan Bates) que havia lhe vendido Awbonnie no ano anterior, a fim de comprar-lhe a filha mais nova, Velada, ambas filhas da índia Silent Tongue.

Enquanto Harris tenta convencer Bates a vender-lhe Velada, o espírito de Awbonnie volta para pedir que seu corpo seja libertado, e ameaça perseguir seus malfeitores com maldições.

Misturando duas culturas distintas com espiritualismo, Shepard realizou um filme com excelente fotografia e boas atuações; no entanto, o resultado é extremamente baixo astral. Phoenix, em seu último trabalho completo, passa a sensação de que "o espírito do silêncio" já rondava sua alma.

(Silent Tongue, EUA, 1992) Direção: Sam Shepard. Com Richard Harris, Alan Bates, River Phoenix, Shella Tousey, Jeri Arredondo, Dermot Mulroney. 101 min. Capital.

DEBORAH PELEIAS

HOJE É DIA DE ROCK ★★★
(Red Hot, EUA, 1991) Direção: Paul Hoggs. Com Balthazar Getty, Carla Gugino, Donald Sutherland. 96 min. Condor.

Ambientado na URSS do pós-guerra, este filme deixa a política de lado para criticar a repressão de costumes. Enquanto o rock surge com sucesso nos EUA, os russos são relegados à música permitida pelo regime comunista. A perspectiva é romântica, mostrando o namoro de dois jovens e suas diferentes formas de encarar as proibições. Se não alcança a dimensão política de tramas como a de *O Círculo do Poder*, de Konchalovsky, ao menos é equilibrado em sua realização. Além disso, Armin Muller-Stahl, de *Muito Mais que um Crime*, exibe sua habitual competência em pequeno papel.

C.G.L.

Mundial

PERIGO PARA A SOCIEDADE ★★★

Estreantes de fôlego

Os irmãos gêmeos Hughes fazem videoclips desde os dezoito anos. Aos 21, concluíram *Perigo para a Sociedade*. O universo barra-pesada retratado pelo filme tem um pouco a ver com a realidade classe média em que foram criados, o que os levou a pesquisar como vive a população negra nos subúrbios de Los Angeles. Embora não mostre grandes novidades, o resultado prova que fizeram direitinho a lição de casa.

Ao contrário de *Os Donos da Rua* (1991), cujo personagem principal sobrevive à violência e à miséria que o cercam, o protagonista sucumbe aqui ao determinismo social. Caine (Tyrin Turner) é um adolescente que na infância viu o pai matar à toa um parceiro de jogo enquanto a mãe se drogava. Educado pelos avós, caminha sobre o fio da navalha: como bom estudante, tem a chance de escapar do inferno, mas as amizades o conduzem em sentido contrário.

Para atenuar a atmosfera sangrenta, os irmãos Hughes recorrem a elipses eficientes. E, ainda que às vezes se deixem levar por maneirismos, demonstram um fôlego que os credencia a vôos maiores.

(Menace II Society, EUA, 1993) Direção: Allen e Albert Hughes. Com Tyrin Turner, Larenz Tate, Jada Pinkett, MC Eiht, Samuel L. Jackson. 97 min. Mundial.

SÉRGIO RIZZO

O elenco olha de frente o perigo para a sociedade

Paris

Keitel tenta obter uma atuação visceral de Madonna no filme de Abel Ferrara

OLHOS DE SERPENTE ★★★★

O retrato do criador moderno

Abel Ferrara, definitivamente, é um caso à parte no cenário cinematográfico americano. Depois de *Vício Frenético*, no qual Harvey Keitel é seu alter ego no que compete ao consumo de drogas e à obsessão católica, Ferrara mergulha ainda mais fundo em sua autodissecação existencial e se transforma em três personagens, agora com o elemento "cinema" intrinsecamente inserido.

Keitel é o diretor do filme dentro do filme, *A Mãe dos Espelhos*, e ele extravasa suas dúvidas e neuras no constante e tenso workshop que conduz com sua dupla de atores. O roteiro perde os limites entre realidade e arte à medida que a relação entre Madonna (feia, judiada e melhor atriz que nunca) e seu partner de cena James Russo (excelente) caminha para a autodestruição, dentro e fora das telas. O filme é um dos mais sombrios da história do cinema; quase todas as cenas se concentram num foco de luz externo ao enquadramento, que mergulha cenários e atores numa penumbra que remete ao limbo psicológico dos personagens.

Parece uma *bad trip* uterina, no limiar da sanidade e nos limites (literais) da visibilidade e sensibilidade. É uma tradução fiel e inquieta do impasse criativo de um artista contemporâneo. Não é uma bela imagem; é apenas muito forte.

(Snake Eyes/Dangerous Game, EUA, 1993) Direção: Abel Ferrara. Com Harvey Keitel, Madonna, James Russo. 107 min. Paris.

CHRISTIAN PETERMANN

ERROL FLYNN – MEU ÍDOLO ESQUECIDO ★★
(My Forgotten Man, Austrália, 1993) Direção: Frank Howson. Com Guy Pearce, Claudia Karvan, John Savage. 99 min. Condor.

INÉDITO NO CINEMA

O roteiro, co-escrito pelo diretor, destrincha os anos anteriores à entrada no cinema do galã Errol Flynn (que se deu em 1935). Flynn descobriu cedo o mar e mergulhou fundo (quase literalmente) em aventuras pela Nova Guiné, Índia e Hong Kong, entre outros recantos. Mulherengo, ladrão, mentiroso, o retrato composto aqui é o de um grande cafajeste, caráter acentuado pela interpretação antipática de Guy Pearce. Se ele se transformou num astro (ator sério ele nunca foi), deve isso a uma ironia do destino. Equivocado, o filme não sabe se o reverencia ou se destrói o mito.

C.P.

COMÉDIA

Marilyn, Tom Ewell e um champanhe protagonizam encontro desastrado

O PECADO MORA AO LADO ★★★★★

O mundo em movimento

Sete anos, diz a lenda, é o tempo certo para se desencadear uma bela crise de matrimônio. Que tal se essa crise estiver encubada, se a mulher for passar as férias sozinha com o filho e se, no apartamento de cima, vier morar ninguém menos do que Marilyn Monroe?

Bem, é exatamente isso o que acontece com Tom Ewell em *O Pecado Mora ao Lado*. Mas, como o autor do filme é Billy Wilder, não há razão para chorar. Wilder permanece fiel a seus mestres.

Como Hawks, entende que a comédia consiste em colocar o homem comum em uma situação incômoda. Como Lubitsch, acredita que se deve tirar todo partido da ambigüidade dos sentimentos, de uma maneira discreta o bastante para se impor a elegância e clara o bastante para que não restem dúvidas sobre a natureza móvel dos sentimentos humanos.

O resultado dessas duas filiações leva a um trabalho original, em que Wilder segue seu princípio mais constante: é da proximidade entre os seres que nasce a saudável instabilidade das coisas e o movimento do mundo.

(The Seven Year Itch, EUA, 1955) Direção: Billy Wilder. Com Marilyn Monroe, Tom Ewell, Evelyn Keyes, Sonny Tufts. 105 min. Abril Vídeo.

INÁCIO ARAUJO

DOIS PALERMAS EM OXFORD★★★★
(A Chump at Oxford, EUA, 1940) Direção: Alfred Goulding. Com Stan Laurel, Oliver Hardy, Anita Garvin, Peter Cushing. 63 min. VTI.

O GORDO E O MAGRO VOL. 5 ★★★★
(Any Old Port/Berthmarks/Come Clean, EUA) Direção: James W. Horne, Lewis Foster. Com Jaqueline Wells, Walter Long, Charles Hall, Paulette Godard, May Bush, Gertrude Astor. 57 min. Continental.

Dois vídeos antológicos da dupla, com o melhor e o mais variado de sua produção. É o qüiprocó com as esposas em "Fale a Verdade", ou a confusão arrumada por se arvorarem salvadores de uma donzela contra o vilão Walter Long (sempre em grande estilo) em "Marujo Não Leva Desaforo". Não falta a cena clássica do trem, no beliche, em que os dois trapalhões se enroscam tentando tirar a roupa. Esses momentos já bastariam. Mas há ainda uma grande produção de 1940 de Hal Roach, *Dois Palermas em Oxford*, em que um outro grande ator, Peter Cushing, faz uma de suas primeiras aparições em Hollywood. Imperdível.

F.C.

IDÍLIO CAMPESTRE ★★★
(Sunnyside, EUA, 1919) Direção: Charles Chaplin. Com Chaplin, Edna Purviance. 28 min. Continental.

Idílio Campestre tem várias gagues envelhecidas. Mesmo assim, essa história em que Chaplin é o explorado empregado do hotel de uma aldeia permite momentos de impacto (a seqüência onírica) e de humor negro (a solução dada ao irmão da namorada). Completa a fita *O Casamento de Carlitos* (1914), dirigido por Mack Sennett. Menos lírico e sentimental, mostra o ator como um cruel malandro que explora a rude filha de um fazendeiro (Marie Dressler, em enérgica e gaiata atuação). Dinâmico, é o primeiro longa com Chaplin e um dos primeiros da história do cinema; no original tinha 70 minutos. Já saiu em vídeo pela Century com o título *Carlitos, o Inesquecível*.

A.S.

TOP GANG! 2 – A MISSÃO ★★★

Metralhadora giratória

Impossível dizer quantas bobagens *Hot Shots II* dispara por minuto. É uma avalanche de gagues visuais e textuais que lembra a fase clássica da revista *Mad* (1952-55), quando Harvey Kurtzman e sua gangue reduziam a cacos os ícones pop americanos. O diretor Jim Abrahams desta vez transforma o herói (?) Topper Harley (Charlie Sheen), que no primeiro filme foi um dublê de Tom Cruise, num Rambo tão descerebrado quanto o original.

Não bastasse, Abrahams satiriza tudo o que pode (e o que não pode): *Casablanca, A Dama e o Vagabundo, Apocalypse Now, Guerra nas Estrelas, Instinto Selvagem* etc. *Top Gang! 2* é um filme para ser visto mais de uma vez. São tantas gagues que você sempre descobre alguma besteira que havia passado despercebida na primeira vez. A história? Que história?

(Hot Shots! Part Deux, EUA, 1993) Direção: Jim Abrahams. Com Charlie Sheen, Lloyd Bridges, Valeria Golino, Richard Crenna. 89 min. Abril Vídeo.

EDSON ARANTES

Abril Vídeo

Richard Crenna repete seu papel em *Rambo* enquanto Sheen paquera Valeria

Abril Vídeo

Christian Clavier e Jean Reno em pleno mergulho no presente

OS VISITANTES – ELES NÃO NASCERAM ONTEM ★★

Pastelão medieval

Uma bela oportunidade de verificar por que a Idade Média é chamada de "Idade das Trevas" – e também de conferir que o humor tipo Trapalhões não faz sucesso só por aqui. As trapalhadas, no caso, ficam por conta do conde Godofredo e de seu servo Jacquouille, transportados do ano de 1122 para o de 1993 quando pretendiam retroceder algumas horas no tempo para consertar uma gafe do conde, que matara acidentalmente seu sogro.

É claro que, ao desembarcar com sua linguagem e costumes estranhos nos dias de hoje, eles passam por loucos ou mendigos, são confundidos com parentes desaparecidos etc. Só quem dá uma chance aos dois é Béatrice (Valérie Lemercier, César de coadjuvante por este papel), descendente de Godofredo e a cara de sua prometida Cremilda. E, enquanto Godofredo busca um meio de voltar à Idade Média, sucedem-se lances do mais descarado pastelão e piadas escatológicas. Foi nessa base que *Os Visitantes* conquistou 14 milhões de espectadores só na França. Mas gostar de pastelão é como ser janista – nem todo mundo confessa abertamente. Se você é um desses, então, não se faça de rogado: arranje uma peruca e um nariz falso e vá correndo pegar sua cópia dublada ou legendada.

(Les Visiteurs, França, 1993) Direção: Jean-Marc Poiré. Com Christian Clavier, Jean Reno, Valérie Lemercier, Marie-Anne Chazel. 107 min. Abril Vídeo.

ISABELA BOSCOV

MORRENDO E APRENDENDO ★★

(Heart and Soul, EUA, 1993) Direção: Ron Underwood. Com Robert Downey, Jr., Charles Grodin, Kyra Sedgwick. 99 min. CIC.

A longa linhagem de filmes "espíritas" de Hollywood ganha mais um item nesta comédia. Downey, Jr. é um sujeito que nasce pouco após um acidente que matou cinco pessoas. Quatro delas (uma garota, um cantor, um malandro e uma senhora) se tornam seus "anjos da guarda" enquanto os problemas que os prenderam a este mundo não forem resolvidos. Os momentos de comédia poderiam se chamar "Quatro Espíritos Baixaram em Mim", porque Downey banca um aprendiz de Steve Martin com competência. O problema é o excesso de água com açúcar (cenas "emotivas" mais canções dos anos 50/60), forçando a todo custo um efeito *Ghost* nas bilheterias. As palmas vão para os efeitos especiais, a cargo da produtora Pacific Data Images.

MARCOS SMIRKOFF

CISCO KID, O ROBIN HOOD DO OESTE ★★

(The Cisco Kid, EUA/México, 1994) Direção: Luís Valdez. Com Jimmi Smits, Cheech Marin, Ron Perlman, Bruce Payne, Sadie Frost. 94 min. Europa/Carat.

Aproveitando que o western tem sido revisitado com sucesso pelo cinema americano, seus vizinhos mexicanos decidiram contar sua versão de Cisco Kid – aqui muito mal caracterizado por Smits. O filme expõe com relativa fidelidade a expulsão, pelos revolucionários mexicanos, dos representantes europeus em seu país em 1867. O problema é que o tom ufanista prende o comediante Cheech Marin – da popular dupla Cheech e Chong, notória por satirizar temas polêmicos como drogas ou imigrantes ilegais – a clichês humorísticos dos anos 50. O constrangedor subtítulo nacional é um desestímulo extra.

NIKI NIXON

UMA APOSTA MUITO LOUCA ★★★

Crescendo e aparecendo

TV Vídeo

A partir de uma história de Mark Twain, o ex-*brat packer* Anthony Michael Hall debuta na direção aos 25 anos com esta deliciosa comédia romântica. Ele é o atrapalhado Julius Caesar que, após herdar a mansão dos pais, abandona a escola para se dedicar à sua banda – chamada Hail Caesar.

Julius é também o namorado da milionária e intragável Buffer. A fim de ver o rapaz longe da filha, o pai faz a seguinte aposta com Julius: se ele ganhar US$ 100 mil em seis meses, pode ficar com Buffer para sempre. Julius então topa o emprego numa fábrica de borracha do sogro e descobre os negócios sujos do patrão.

Além de escrever e interpretar todas as músicas de sua banda, Hall convidou os amigos – também ex-*brats* – Robert Downey Jr. e Judd Nelson para pontas expressivas. Não deixe de assistir, e delicie-se com Michael Hall fazendo cover de Billy Idol.

(Hail Caesar, EUA, 1993) Direção: Anthony Michael Hall. Com Anthony Michael Hall, Robert Downey, Jr., Samuel L. Jackson, Judd Nelson, Nicholas Pryor. 97 min. Flashstar.

DEBORAH PELEIAS

Michael Hall e Ilia Volokin sonham com o sucesso de sua banda

Sellers briga com sua mão em piada célebre de *Dr. Fantástico*

Concorde/Tocantins

DR. FANTÁSTICO ★★★★★

Inventário da demência

Dr. Fantástico podia ter virado uma dessas relíquias da Guerra Fria. Mais especificamente, de um tempo em que a bomba atômica inspirava terror e era sinal evidente de fim do humanismo.

Não virou. E a história deste filme é o que há de datado. Um militar maluco decide se apossar de base aérea e desfechar um ataque surpresa contra os soviéticos. No mesmo instante, o presidente dos EUA (Peter Sellers) reúne seu Estado Maior para decidir o que fazer diante da delicada situação. Ele notará que está cercado de uns malucos.

A comédia se desenvolve a partir dessas duas situações, retomando a idéia de Kubrick, que parece disposto a fazer um inventário da demência (em particular, no setor militarismo), e supera os limites de seu tempo.

Basta mostrar aqueles militares e cientistas loucos em cena e vemos que a questão não é a Guerra Fria: é o gosto pela destruição e o prazer da morte (encarnados pelos militaristas). Kubrick faz rir a bandeiras despregadas, com uma comédia que não será exagero colocar à altura de seus melhores filmes.

(Dr. Strangelove or: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb, Inglaterra, 1964) Direção: Stanley Kubrick. Com Peter Sellers, George C. Scott, Sterling Haydn. 93 min. Concorde/Tocantins.

INÁCIO ARAUJO

SUSPENSE

O SILÊNCIO DO LAGO ★★

Refilmagem decepciona

É incrível como algo tão bom pode ficar tão medíocre nas mãos do mesmo diretor. Mas o fato é que esta refilmagem americana de *L'Homme qui Volait Savoir*, obra franco-holandesa escrita e dirigida por George Sluizer em 88, não passa de uma pálida cópia do original.

A história é a mesma: obcecado pelo desaparecimento da namorada, rapaz procura-a sem descanso, até encontrar o raptor e deparar-se com uma terrível revelação. Agora, aos pecados: o roteiro foi "mastigado" para se tornar mais linear, e o inesperado e brutal desfecho virou uma fantasia digna de suspense "B". Kiefer Sutherland (o namorado) e Jeff Bridges (o raptor) também não se entregam a seus papéis com a força necessária, e a coisa piora ainda mais quando se chega à namorada. No filme de 1988, esse papel coube a Johanna Ter Steege, que compôs uma personagem luminosa e alegre, justificando plenamente a busca insana promovida por seu namorado. Agora a namorada é Sandra Bullock (de *O Demolidor*), bonitinha mas sem sal, o que rouba ao filme metade de seu charme. O único consolo é Nancy Travis, como a nova namorada do rapaz atormentado.

Resumindo: prefira o original, disponível em vídeo com o mesmo título.

(The Vanishing, EUA, 1993 Direção: George Sluizer. Com Kiefer Sutherland, Jeff Bridges, Nancy Travis, Sandra Bullock. 110 min. Abril Vídeo.

ISABELA BOSCOV

O MAGO DA CHANTAGEM ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Frauds, Austrália, 1993) Direção: Stephan Elliott. Com Phil Collins, Hugo Weaving, Josephine Byrnes. 96 min. HVC.

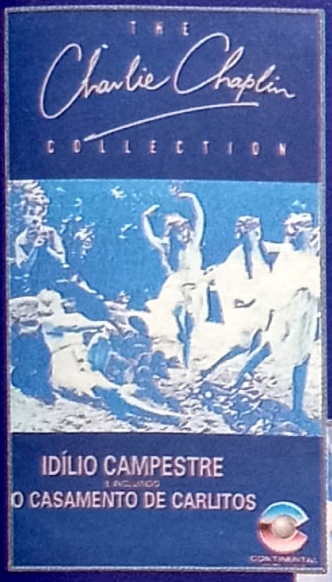
Mais uma prova de que o cinema australiano vai muito bem, mesmo quando não está empenhado em produzir cults. Aqui o assunto é o jogo de gato e rato que se desenvolve entre um casal modernin-ho (a simpática Byrnes e o ótimo Hugo Weaving, protagonista de *A Prova*) e um sádico, inescrupuloso e manipulativo corretor de seguros – encarnado à perfeição pelo astro pop Phil Collins. O que no início parece ser uma situação clara– a mulher mata um intruso que roubava sua casa – vai ganhando desdobramentos inesperados, explorados com muito humor pelo roteiro. Vale o que custa, embora no final peque pelo exagero ao transformar o corretor numa espécie de Coringa, tão paranóico quanto o adversário de Batman.

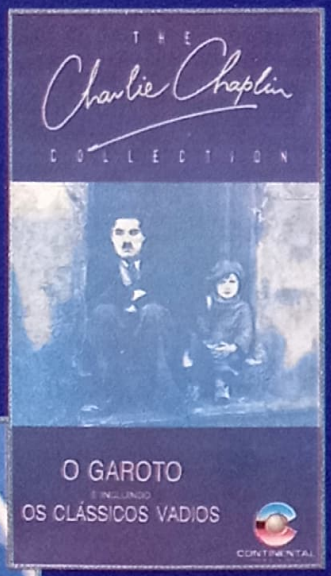
I.B.

Abril Vídeo

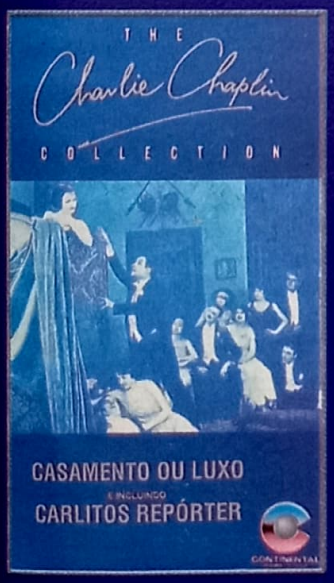
Kiefer Sutherland discute com Nancy Travis, papel que foi "esticado" nesta refilmagem

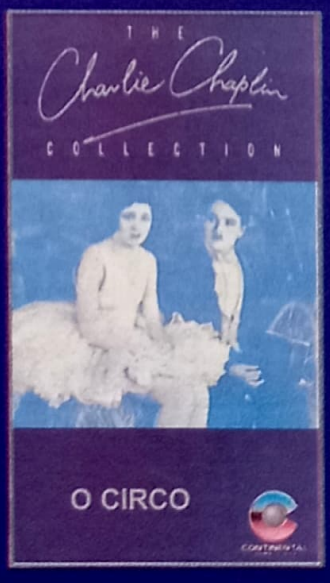
THE Charlie Chaplin COLLECTION

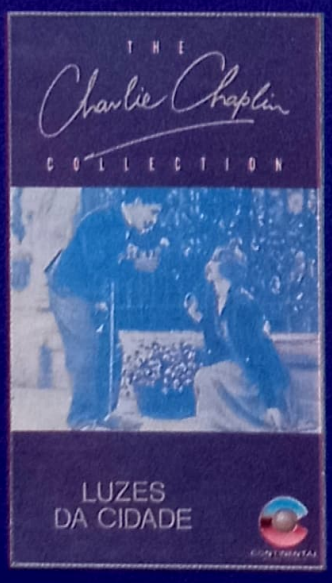




TEMPOS MODERNOS







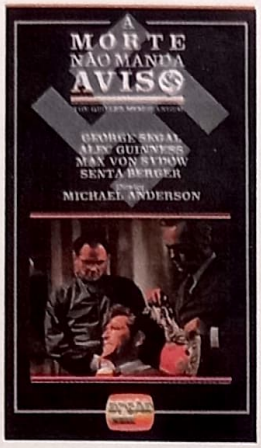
SP (011) 284-9479 / 287-6485

CONTINENTAL
HOME VIDEO

RJ (021) 262-5212 / 262-0751

Videolançamentos

AVENTURA



A MORTE NÃO MANDA AVISO ★★
(The Quiller Memorandum, Inglaterra, 1966) Direção: Michael Anderson. Com George Segal, Alec Guinness, Max Von Sydow, Senta Berger, George Sanders. 105 min. Opção.

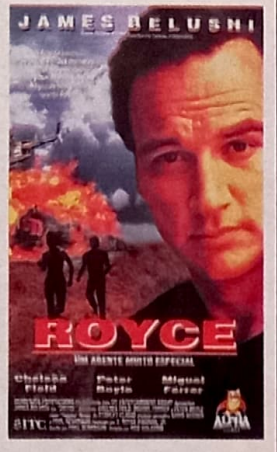
Agente secreto inglês (Segal) investiga movimento neo-nazista (liderado por Von Sydow) na Berlim dos anos 60. Entre uma perseguição e outra, o espião acaba se apaixonando – e a namorada, claro, cai nas mãos dos vilões. O roteiro de Harold Pinter tem um humor cínico, mas não salva a trama fraca do escritor Elleston Trevor, na qual o filme é baseado. *A Morte Não Manda Aviso* não tem as peripécias das aventuras de James Bond/Ian Fleming nem a sutileza dos livros de John Le Carré. O diretor Michael Anderson (*A Volta ao Mundo em 80 Dias*) também não se esforça muito e faz um trabalho apenas rotineiro. Leva duas estrelas pelo elenco, de primeiríssima linha.

E.A.

GIGANTES EM LUTA★★
(The War Wagon, EUA, 1967) Direção: Burt Kennedy. Com John Wayne, Kirk Douglas, Howard Keel. 100 min. Concorde/Tocantins.

O ponto de partida desta produção de Wayne é o mesmo de outros westerns: ele é um pistoleiro voltando para punir o corrupto que o fez ser preso injustamente. A vingança vai ser o roubo do ouro que o bandido transporta em carruagem blindada. A originalidade e o vigor do sétimo e irônico filme de Kennedy (um especialista no gênero) estão justamente nesse veículo e na parte do assalto. Mas não espere ver muita ação com o pesado Wayne (então com 60 anos); Douglas, que estava com 51, vive as cenas mais ágeis. Curiosidade: Bruce Dern, em início de carreira, aparece como o jovem pistoleiro que morre no começo.

A.S.



ROYCE ★★
(E U A , 1993) Direção: Rod Holcomb. Com James Belushi, Miguel Ferrer, Chelsea Field, Peter Boyle. 95 min. Alpha.

INÉDITO NO CINEMA

Fita de espionagem que é quase um enlatado. O canastrão James Belushi interpreta Sane Royce, um agente secreto da CIA que tem seu escritório e toda a força-tarefa desmontada pelo senador e burocrata Michael Shannon. A Guerra Fria já passou e a produção aproveita-se da situação atual para iniciar o filme em Sarajevo, Bósnia. É só um chamariz para que haja um certo ar politicamente correto. Miguel Ferrer (*Twin Peaks*), outro agente despedido, não se conforma com a nova situação e resolve juntar um bando de ex-agentes para seqüestrar o filho do senador "malvado". Filme cheio de clichês, sem inspiração. Indicado para sabadões insones.

F.C.

A SOMBRA DE UM DISFARCE ★★
(Fixing the Shadow, EUA, 1992) Direção: Larry Ferguson. Com Charlie Sheen, Michael Madsen, Linda Fiorentino, Rip Torn. 97 min. LK-Tel/Vídeo.

Sem preconceitos e sem brincadeira: é filme para macho e tem tudo para dar certo em vídeo. Charlie Sheen é um policial que, ameaçado de perder seu posto, é obrigado a se disfarçar de motoqueiro tipo Hell's Angels para desbaratar um esquema de tráfico de drogas e armas. O filme é satisfatório, com muita porrada, perseguições, tiros, tatuagens, motos envenenadas, barbas, jaquetas jeans supercurtidas, cocaína, rock pesado e mulheres-objeto. Até mesmo Linda Fiorentino comparece como o interesse amoroso de Sheen, sempre pronta a mostrar as coxas. Esse é o menu, o público-alvo identificará a fita.

C.P.

TRÊS DESEJOS ★★★
(Bitter Harvest, EUA, 1993) Direção: Duane Clark. Com Patsy Kensit, Jennifer Rubin, Stephen Baldwin. 98 min. Odessa.

INÉDITO NO CINEMA

LK-Tel/Vídeo

Arnold Schwarzenegger faz mira em tudo que vê pela frente em *O Último Grande Herói*

De repente, duas loiraças (Kensit e Rubin) entram na vida de Baldwin, um rapaz atormentado pelas surras que levava do pai – de quem herda uma coleção rara de moedas. Os fatos subseqüentes deixariam qualquer um intrigado – menos Baldwin: enquanto um bando de assaltantes de bancos ronda a região, as loiras seduzem o travado Baldwin e se instalam em sua casa. Certo dia, dois dos ladrões se refugiam na fazenda. Baldwin mata um deles, e as garotas convencem-no a continuar com os assaltos. O plano dá errado e aí ele descobre quem na verdade são suas namoradas. Mesmo com uma trama manjada que se apóia no sexo e violência gratuita, o que vale é o final, um dos mais honestos dos últimos tempos.

D.P.

O ÚLTIMO GRANDE HERÓI ★★★

As desventuras de um ídolo

Anunciado por seus produtores como o arrasa-quarteirão do verão de 1993 nos Estados Unidos, *O Último Grande Herói* fracassou nas bilheterias e foi malhado até a última vírgula pela crítica. O primeiro revés é compreensível: a aventura estrelada por Schwarzenegger chegou aos cinemas quase simultaneamente a *Jurassic Park* – este sim o maior sucesso de público de todos os tempos. Quanto à malhação, bem, é um pouco como bater em gato morto: a única pretensão deste filme é unir ação e humor, o que não faz nem melhor nem pior do que muitos outros antes dele – e outros tantos que ainda virão.

É certo que o garotinho Austin O'Brien é muito chato, e é verdade também que a direção de John McTiernan (*Duro de Matar*) às vezes beira a histeria. Mas o garotinho de *Shane* também era insuportável e nem por isso o filme deixa de ser cultuado; e a histeria é a vala comum de 80% das aventuras dos anos 80 e 90, que nem por isso deixam de fazer sucesso. Então o que deu errado? Vai saber.

Bem, pode ter sido o marketing arrogante, a verdadeira campanha difamatória que se armou contra o filme (e que chegou a atingir a carreira de Arnold Schwarzenegger), ou tantas outras coisas. Mas os efeitos especiais são de primeira, o filme tem ritmo e Schwarzenegger continua o mesmo, boa-praça e durão. Arnold é Jack Slater, um herói de filmes de ação idolatrado pelo menino Austin, que acaba sendo transportado para as telas – e para junto de seu herói – por um ingresso mágico. Segue-se o de praxe: eles enfrentam muitos vilões e acabam iniciando uma grande amizade.

Talvez o aspecto mais interessante – e possivelmente o mais frustrante para o público de Schwarzie – é o quanto *O Último Grande Herói* desconhece sua platéia. Primeiro, pela crise "existencial" que Jack Slater enfrenta ao descobrir que não passa de um personagem ficcional. Segundo, pelas gagues com filmes como o *Hamlet* de Laurence Olivier e *O Sétimo Selo*, de Ingmar Bergman. Por mais irreverentes que sejam, devem soar como grego para meio mundo. É o que dá olhar demais para o próprio umbigo, achando que já se sabe tudo sobre o próprio *métier*.

(Last Action Hero, EUA, 1993) Direção: John McTiernan. Com Arnold Schwarzenegger, Austin O'Brien, F. Murray Abraham, Art Carney, Charles Dance, Anthony Quinn, Mercedes Ruehl. 130 min. LK-Tel/Vídeo.

ISABELA BOSCOV

Abril Vídeo

Oliver Platt, Charlie Sheen, Chris O'Donnell e Kiefer Sutherland tentam unir forças e mostrar serviço em *Os Três Mosqueteiros*

OS TRÊS MOSQUETEIROS ★★

Espadachins desanimados

Dispensável versão do clássico de Alexandre Dumas, não só por ser a quinta adaptação americana dessa obra para o cinema (descontando-se as paródias), como também pelo tom morno – e indesculpável – dado às aventuras dos espadachins Athos, Porthos, Aramis e o aspirante D'Artagnan, que inflamaram a imaginação de gerações de leitores.

Aqui não há o que inflamar; apesar da produção bem-cuidada, da matéria-prima já testada com sucesso em outras ocasiões e do elenco repleto de nomes populares e/ou de talento, falta entusiasmo e um senso de humor mais trabalhado a este filme. Decerto que se trata de uma obra de apelo infanto-juvenil – nem por isso precisava ser tão insossa.

Talvez o ponto mais fraco seja a direção – se é que ela existe – de atores. A impressão é a de um teatrinho de marionetes, que acaba nivelando as interpretações de atores tão díspares quanto o mediano Charlie Sheen (Aramis) e o excelente Tim Curry (o maquiavélico cardeal Richelieu).

(The Three Musketeers, EUA, 1993) Direção: Stephen Herek. Com Kiefer Sutherland, Charlie Sheen, Tim Curry, Chris O'Donnell, Oliver Platt, Gabrielle Anwar. 105 min. Abril Vídeo.

ISABELA BOSCOV

OS CAVALEIROS DA SOMBRA ★★

(The Shadow Riders, EUA, 1982) Direção: Andrew V. McLaglen. Com Tom Selleck, Sam Elliott, Katharine Ross, Ben Johnson. 96 min. LK-Tel/Vídeo.

Finda a Guerra Civil americana, os irmãos Mac (Selleck), que lutou pelo Norte, e Dal (Elliott), que ficou do lado do Sul, voltam para casa, dispostos a retomar a vida familiar. Mas logo ficam sabendo que suas irmãs e a noiva de Dal foram seqüestradas por um grupo de rebeldes sulistas, que desejam trocar as moças por armamentos. Mac e Dal juntam-se a seu tio trapaceiro Jack para resgatar as meninas. Por sua vez, são perseguidos por um xerife ansioso por acertar as contas com Jack. Bem-humorado e com elenco simpático, mas morno.

I.B.

FUGA NO ÁRTICO ★★

(Arctic Blue, EUA, 1993) Direção: Peter Masterson. Com Rutger Hauer, Dylan Walsh. 93 min. Europa/Carat.

No Alasca, caçadores nativos chefiados pelo sempre rude Hauer envolvem-se num assassinato. Descobertos pelo xerife local, apenas Hauer é preso, passando a ser escoltado por um ecologista. O idealismo se opõe à realidade da luta pela sobrevivência quando os dois se vêem perdidos no deserto gelado – pretexto para o caçador discursar sobre o homem predador. É claro que não é convincente. O mesmo tema já teve sua abordagem definitiva em 72 no perturbador *Amargo Pesadelo*, de John Boorman. Vale pelas belíssimas paisagens do Alasca.

N.N.

FUGA MORTAL ★★

(Joshua Tree, EUA, 1993) Direção: Vic Armstrong. Com Dolph Lundgren, George Segal, Kristian Alfonso. 108 min. Abril Vídeo.

Não foi desta vez que Lundgren conseguiu um lugar ao sol. A culpa não é dele – seus esforços de interpretação são visíveis. O problema de *Fuga Mortal* está na direção e na história. Lundgren é Santee, um marginal inofensivo envolvido em contrabando de carros importados. Ele cai na armadilha de um policial corrupto, vai preso, consegue fugir e precisa provar sua inocência. Em sua fuga, toma uma policial belezoca como refém e parte num louco rally pelo deserto. O filme é óbvio, mas as cenas de perseguição são boas.

WALTER DE SILVA

OH MEU DEUS! AGORA ELES ESTÃO NO VÍDEO!

ALUGUE JÁ... ANTES QUE ALGUÉM CHEGUE PRIMEIRO!

Um par de tiras malucos fortemente armados estão matando todo mundo... de rir!

A MAIS HILARIANTE SÁTIRA DOS ÚLTIMOS ANOS, UMA COMÉDIA DE AÇÃO, QUE FOI A MAIOR SENSAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS EM 93.

R&M 262-4046

EMILIO ESTEVEZ

Tocaia, Young Guns 2-Jovem Demais Para Morrer

SAMUEL L. JACKSON

Jogos Patrióticos, O Parque dos Dinossauros

participações especiais
CHARLIE SHEEN F. MURRAY ABRAHAM
COREY FELDMAN WHOOPI GOLDBERG
BRUCE WILLIS ERIK ESTRADA
LARRY WILCOX PAUL GLEASON
CHARLES NAPIER JON LOVITZ
TIM CURRY KATHY IRELAND
WILLIAM SHATNER

NEW LINE CINEMA

(C) 1993 - COMÉDIA

Quase MÁQUINA MORTÍFERA 1

"NATIONAL LAMPOON'S LOADED WEAPON 1"

Assista antes que eles façam a Segunda Parte!

CIC HOME VIDEO

TERROR/FICÇÃO

A METADE NEGRA ★★★

Stephen King ao ponto

O título de "mestre do terror" conferido a Stephen King é ambíguo: não se sabe se a alcunha surgiu graças a seus romances horripilantes ou se à assustadora mediocridade de algumas adaptações de sua obra – vide *A Colheita Maldita* ou *Sonâmbulos*, uma experiência de King como roteirista. Felizmente, esse não é o caso de *A Metade Negra*. O filme tem direção de George Romero (que já trabalhara com textos de King em *Creepshow*) e assusta a partir de uma idéia surrada: a dualidade do ser humano.

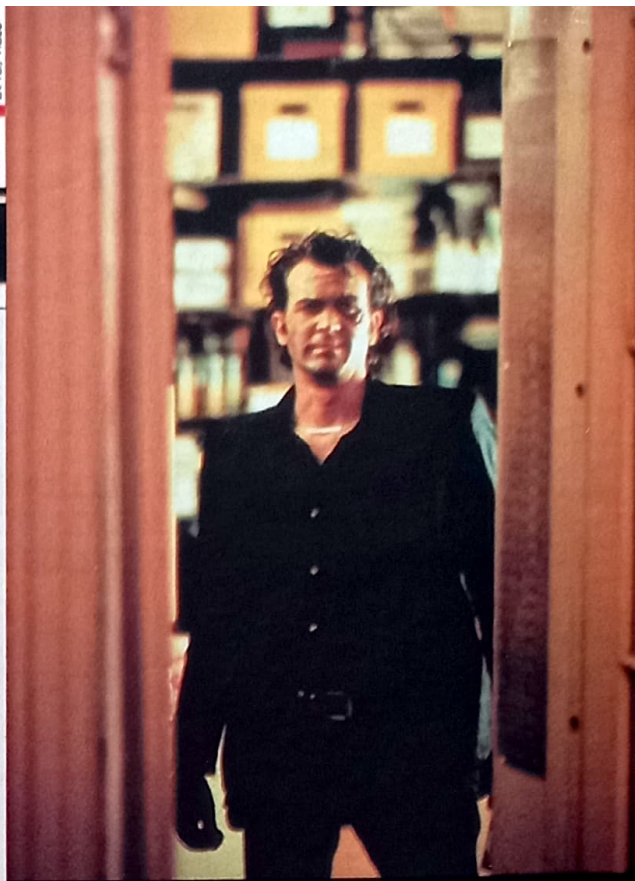
Timothy Hutton (canastra que só ele) é Thad Beaumont, um novelista que nas horas vagas escreve livros repletos de sangue sob o pseudônimo George Stark. Quando Beaumont decide dar cabo do pseudônimo, seus amigos mais próximos começam a ser assassinados da mesma forma que Stark matava em seus livros.

A partir daí, Romero coloca em ação todos os clichês do gênero: vilão caricato (Stark ataca ao som de "Are You Lonesome Tonight", sucesso de Elvis Presley), busca policial e um especialista em ocultismo – até chegar ao inevitável (e decepcionante) duelo entre os personagens. Mas nada tão grave que desagrade aos fãs do gênero.

(The Dark Half, EUA, 1993) Direção: George A. Romero. Com Timothy Hutton, Amy Madigan, Michael Rooker, Julie Harris. 122 min. LK-Tel/Vídeo.

SÉRGIO MARTINS

LK-Tel/Vídeo



Timothy Hutton personifica seu "duplo" maligno

FLASH GORDON CONQUISTA O UNIVERSO ★★★★
(Flash Gordon Conquers the Universe, EUA, 1940) Direção: Ford Berke, Ray Taylor. Com Buster Crabbe, Carol Hughes, Frank Shannon. 220 min. Concorde.

Num mundo perfeito os seriados de Flash Gordon seriam vendidos a preço acessível nas boas lojas do ramo. Num mundo como o nosso, a saga demora a ser lançada e ainda chega pelo fim, com esta série de 1940 – a Universal já fizera *Flash Gordon* (36) e *Flash Gordon's Trip to Mars* (38). Gordon foi encomendado a Alex Raymond pelo King Features, em 34, para rivalizar com Buck Rogers. Não só rivalizou, como superou. Raymond inventou todo um planeta, Mongo, com homens-leão, homens-gavião, homens-tubarão e mulheres-mulheres, deliciosamente seminuas. Dois anos depois, a Universal levou Gordon ao cinema.

Senta que lá vem a história: o imperador Ming ataca a Terra com o vírus Morte Púrpura. Flash volta a Mongo para enfrentar o vilão. Senta que lá vem o problema: esta aqui é uma versão editada. Falta o famoso "to be continued" no final de cada episódio e os letreiros iniciais que resumem o capítulo anterior, iguaizinhos aos de *Guerra nas Estrelas*. Mas todo cinéfilo deve ter esta fita. Você sabe, não vivemos mesmo num mundo perfeito.

E.A.

A VOLTA DOS MORTOS VIVOS 3 ★★★
(Return of the Living Dead 3, EUA, 1993) Direção: Brian Yuzna. Com Mindy Clarke, J. Trevor Edmond. 97 min. Europa/Carat.

Com Yuzna (*A Noiva do Re-Animator*) na direção, a série perde em humor (que só marca presença próximo ao final), mas ganha em escatologia e até em narrativa. Yuzna gosta de cenas carregadas de efeitos. Ele se esbalda com a figura de Julie (Clarke), a heroína que é "zumbificada" e que, para superar sua fome de cérebros e ao mesmo tempo não atingir seu namorado, precisa sentir muita dor. Resultado: ela passa o filme todo se perfurando. É um *Romeu e Julieta* da era do *body piercing*. Um bom trash.

CH.P.

Concorde/Tocantins

O turista americano chega à condição de lobisomem londrino

UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES ★★★★

Diversão e choques

Este é o melhor trabalho de John Landis, que nunca mais realizou um filme tão divertido e chocante. Com roteiro próprio, Landis criou um dos primeiros casamentos harmônicos entre terror e humor (ou "terrir"). O filme também foi o primeiro a receber o Oscar de maquiagem, instituído naquele ano. O resultado é irresistível até hoje, mesmo após tantas imitações.

A maquiagem de Rick Baker foi explorada na íntegra nas seqüências de transformação, só comparáveis às de *Grito de Horror* (também de 1981). O humor macabro e delicioso fica por conta das conversas entre o lobisomem novato (Naughton) e seu amigo recém-morto (Dunne), que passa por um hilário processo de putrefação. Há ainda o clímax em Picadilly Circus, um dos melhores do gênero nos últimos anos. Não se fazem mais filmes de terror como "antigamente".

(An American Werewolf in London, EUA, 1981) Direção: John Landis. Com David Naughton, Jenny Agutter, Griffin Dunne, Frank Oz. 97 min. Concorde/Tocantins.

CHRISTIAN PETERMANN

NECRONOMICON – O LIVRO PROIBIDO DOS MORTOS ★★★

INÉDITO NO CINEMA

Mestres dos efeitos especiais

Um dos diretores e co-produtores desta coletânea de três curtas é Brian Yuzna, uma das "crias" do atual mestre dos filmes "B" Charles Band. Yuzna dirige o prólogo e o episódio final, "Sussurros", e trouxe consigo boa parte da equipe técnica de *A Volta dos Mortos Vivos 3*. Também conta com alguns dos maiores experts em efeitos e maquiagem da atualidade, como o ótimo Screaming Mad George e Tom Savini.

Jeffrey Combs, o cientista maluco de *A Noiva do Re-Animator*, interpreta o escritor H.P. Lovecraft. Este descobre na biblioteca de uma confraria de monges o Necronomicon, o livro dos mortos, e anota três histórias do passado e do futuro sobre maldições, ressurreições e desvios místico-científicos. A conclusão da segunda história, "O Frio" – na qual David Warner interpreta um cientista, como em *Trilogia do Terror* – é muito legal, e mexe com uma idéia, a secreção da glândula pinotal, já explorada no filme *Do Além*, produzido por Band e também inspirado em Lovecraft. Nada muito genial, mas obrigatório para os fãs.

(Necronomicon, EUA, 1993) Direção: Brian Yuzna, Christophe Gans, Shusuke Kaneko. Com Jeffrey Combs, Bruce Payne, Richard Lynch, David Warner, Belinda Bauer. 100 min. HVC.

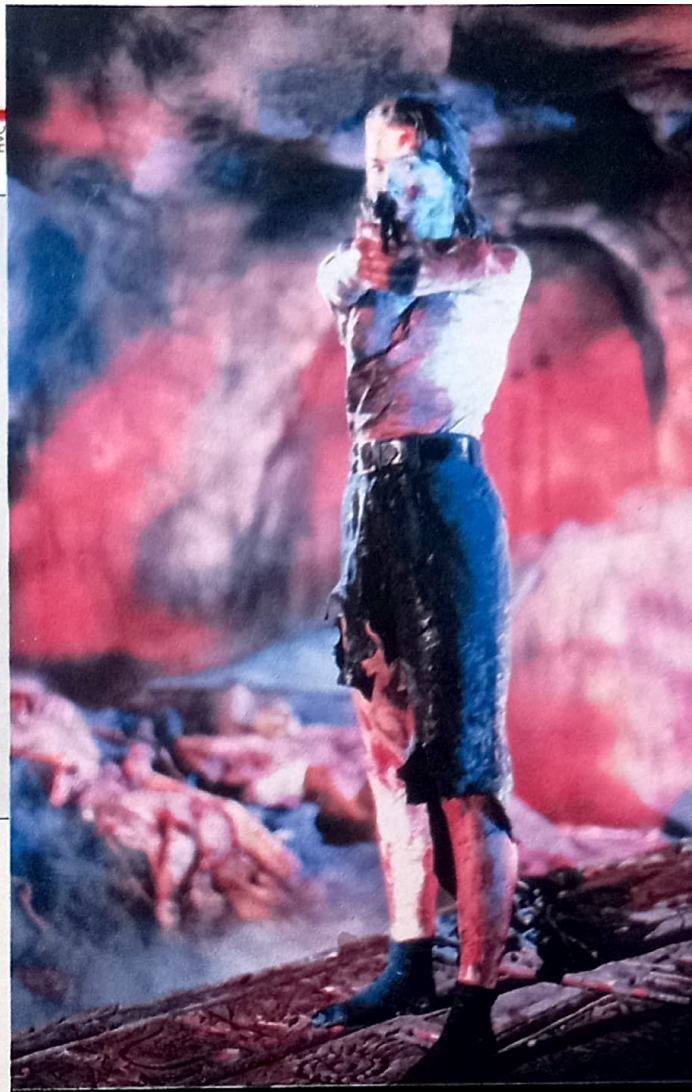
CHRISTIAN PETERMANN

TRILOGIA DO TERROR ★★

(Body Bags, EUA, 1993) Direção: John Carpenter, Tobe Hooper. Com Robert Carradine, Stacy Keach, David Warner, Mark Hammill, Twiggy. 94 min. Mundial.

O diretor John Carpenter (também co-produtor e co-autor da trilha) assume o papel de mestre-de-cerimônias nesta compilação de três curtas – dois dirigidos por ele e o terceiro, por Tobe Hooper. Os episódios são fracos, considerando o currículo dos cineastas. O primeiro conta a noite de pavor de uma garota que vai trabalhar num posto self-service perdido num lugar ermo. O segundo, hilariante até quase o final, tem o megacanastrão Stacy Keach neurotizado por estar ficando careca, o que o leva a um tratamento radical – e nojento. No último, o ex-Luke Skywalker Mark Hammill perde um olho num acidente; um transplante lhe instala uma vista de procedência duvidosa. Se o filme fica chato, sobra uma diversão: identificar os ilustres convidados do elenco – que incluem Debbie Harry, Sheena Easton, Roger Corman, Wes Craven e Sam Raimi.

M.S.



HVC

Policial se defende na última parte de *Necronomicon*

VTI

E mal sabiam eles que a plantinha Audrey tinha um apetite tão peculiar

A LOJA DOS HORRORES ★★★★

INÉDITO NO CINEMA

Humor inimitável

Filmado em apenas dois dias, *A Loja dos Horrores* ganhou o merecido status de cult máximo de Roger Corman. Nada a ver com a versão histérica dirigida por Frank Oz em 1986. Corman é, de longe, melhor, embora grande parte do charme do filme se deva ao roteiro de Charles Griffith. Seymour Krelboing (Jonathan Haze) desenvolve uma planta esquisita, Audrey Jr., para a floricultura em que trabalha. Audrey alimenta-se de sangue e obriga Seymour a matar para que ela viva.

Dito assim parece simples, né? Não é. Nunca se viu tanta neurose junta na tela: tem um cara que come flores, um dentista sádico com um cliente masoquista (Jack Nicholson), uma hipocondríaca que se embebeda com xarope e uma velha judia que perde um parente cada vez que aparece em cena.

O humor de Corman-Griffith é de um cinismo cruel, muito imitado mas jamais igualado. Tem uma cena que dá o clima da coisa. Dois policiais se encontram para investigar o desaparecimento de pessoas nas redondezas. Um deles pergunta: "E então, como vão seus filhos?" O outro responde, sem alterar o tom de voz: "Perdi um ontem. Estava brincando com fósforos".

(The Little Shop of Horrors, EUA, 1960) Direção: Roger Corman. Com Jonathan Haze, Jackie Joseph, Mel Welles, Jack Nicholson. 70 min. VTI.

EDSON ARANTES

CIC

Charles Grodin atrapalha-se com seu cão Beethoven

INFANTIL

BEETHOVEN 2 ★★★

Segunda sinfonia

Uma boa oportunidade para a família se reunir e rir muito é assistir à continuação para lá de romântica das aventuras do cão são-bernardo Beethoven – que encontra sua cara-metade em Missy, com quem tem quatro lindos filhotinhos.

Até aí tudo bem, não fosse a megera Regina (Debi Mazar), dona de Missy e a própria reencarnação da bruxa de *A Bela Adormecida*. Regina não só odeia animais, como separa a mãe de seus filhotes para vendê-los. Mas os filhos mais novos de George Newton (donos de Beethoven) salvam os cãezinhos e os levam para casa escondidos do pai – que descobre a existência dos bichos ao revelar para a família que eles vão passar o feriado de 4 de julho no campo. É durante o feriado que Beethoven reencontra a amada e a megera, que parte para a ofensiva.

Com Ivan Reitman na produção executiva e a direção de Rod Daniel (*K-9 – Um Policial Bom pra Cachorro*), o resultado só poderia ter qualidade, com um elenco afinado e as crianças dando show de interpretação. Vale lembrar que a cópia é dublada.

(Beethoven 2nd, EUA, 1993) Direção: Rod Daniel. Com Charles Grodin, Bonnie Hunt, Nicolle Tom, Christopher Castile, Sarah Rose Karr, Debi Mazar, Chris Penn. 85 min. CIC.

DEBORAH PELEIAS

Abril Vídeo

Os cães Shadow e Chance e a gatinha Sassy durante sua aventura

A INCRÍVEL JORNADA ★★★

Perigos caninos

Selo de qualidade Disney nesta produção sobre dois cães e uma gatinha que, julgando-se abandonados por seus donos, decidem empreender uma perigosa viagem de volta à casa cruzando montanhas, rios e corredeiras e enfrentando toda espécie de predador. E, como em todo filme infantil da Disney, nem só de aventuras e paisagens fazem-se as emoções – sempre há uma "mensagem".

Em *A Incrível Jornada* (refilmagem de um título de 1963 da própria Disney), ela fala de solidariedade: Chance é um cão jovem e meio piradinho, além de carregar o trauma de, em criança, ter ido parar atrás das grades do canil municipal. Durante a viagem, ele aprenderá com o maduro cão Shadow e a gatinha Sassy o valor da amizade e da lealdade. Nota dez ainda para as vozes originais (a fita chega também em versão dublada): Michael J. Fox "interpreta" Chance, o veterano Don Ameche é Shadow e Sally Field faz a dengosa Sassy.

(Homeward Bound – The Incredible Journey, EUA, 1993) Direção: Duwayne Dunham. Com Robert Hays, Kim Greist, Jean Smart, Veronica Lauren, Kevin Chevalia, Benj Thall. 84 min. Abril Vídeo.

ISABELA BOSCOV

MUSICAL

TOMMY ★★★

(Inglaterra, 1975) Direção: Ken Russell. Com Roger Daltrey, Oliver Reed, Ann-Margret, Jack Nicholson, Tina Turner, Elton John. 110 min. PolyGram Vídeo.

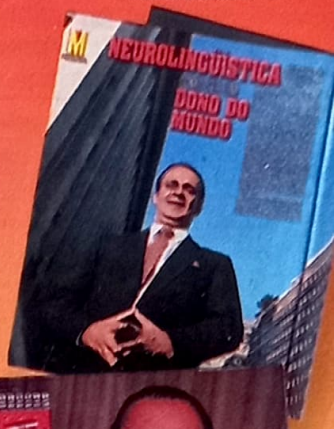
Baseado na ópera mais importante da história do rock, Ken Russell selou positivamente em imagens a premissa hippie dos anos 60, encerrando uma época que dava lugar ao movimento punk. O sonho estava acabando e Russell delirava mais do que nunca. O enorme público roqueiro consagrou *Tommy*, mas a crítica metralhou a linguagem grandiloqüente do diretor. Errou a crítica – que outra forma há de filmar uma ópera-rock? Russell resolveu com perfeição a sintaxe cinematográfica roqueira. Referências ao exagero gestual do cinema mudo (e da ópera) permeiam o filme. *Tommy* é pioneiro por ser pré-MTV e pré-videoclip. As imagens têm força, mas é o som e o humor do Who que carregam a ação, melhor apreciada em *sound surrounded* ou *home theater*.

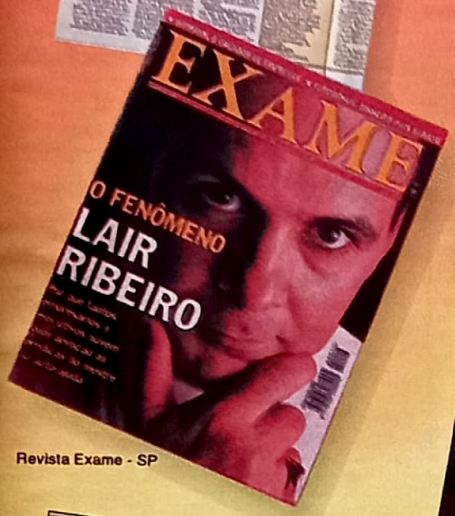
W.S.

O maior sucesso do ano não vem de Hollywood

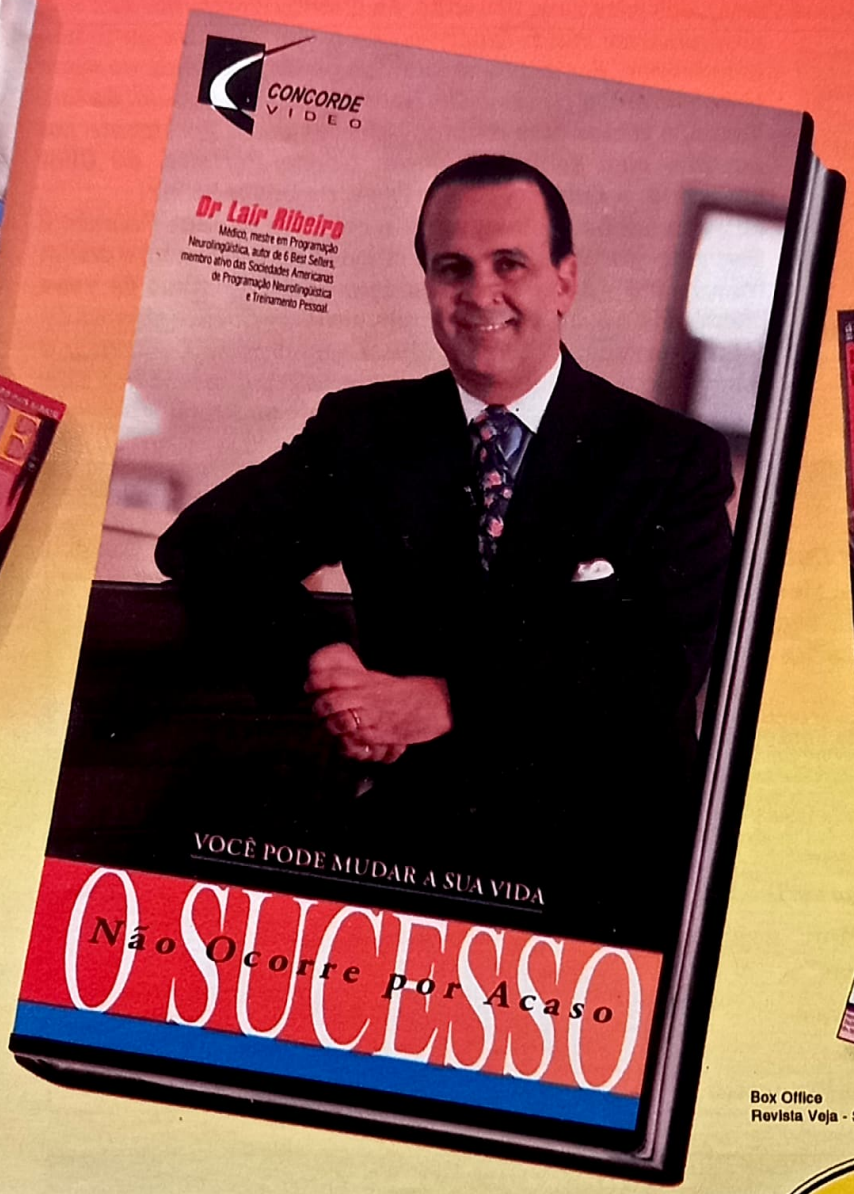
Revista Contigo - SP

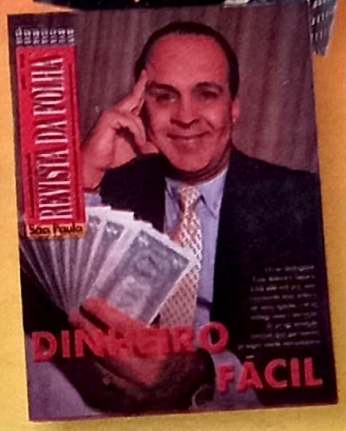
Revista Manchete - RJ





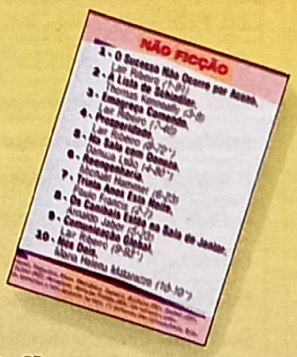
Revista Exame - SP





Revista da Folha - SP

Box Office
Jornal Zero Hora
Porto Alegre - RS



Box Office
Revista Veja - SP

91 Semanas em primeiro lugar na revista Veja

1.500.000 Livros vendidos

JÁ A VENDA

O fenômeno editorial agora em vídeo

CONCORDE VÍDEO MARKET COM. E REPRES. LTDA. R. Marechal Xavier da Câmara, 20 - Casa Verde CEP 02517-190 São Paulo-SP
Fone: (011) 266-6999 Fax: (011) 857-4064 Telemarketing: (011) 858-6621 858-6654 857-1626
Ou consulte o nosso representante local.

CONCORDE VÍDEO

Fox

OPÇÕES NOBRES PARA O HORÁRIO POLÍTICO

Votar conscientemente é um direito e uma obrigação do cidadão brasileiro. É certo, porém, que a partir de agosto vários telespectadores entrarão em pânico com o horário eleitoral gratuito. O movimento das locadoras aumenta e estas preparam pacotes vantajosos para seus usuários. As distribuidoras, por sua vez, programaram vários lançamentos de peso. Entre os filmes americanos, destacam-se sucessos como *Sintonia de Amor* (à esquerda), o clássico *Um Bonde Chamado Desejo*, de Elia Kazan, e títulos com leituras políticas como *Presidente por um Dia*, com Kevin Kline, *Um Mundo Perfeito*, de Clint Eastwood, e *Entre o Céu e a Terra*, de Oliver Stone.

TriStar Pictures

Entre as opções estrangeiras, a comédia italiana *Parente É Serpente*, grande sucesso nos cinemas de São Paulo; o drama francês *IP5 – A Ilha dos Paquidermes*, último filme de Yves Montand; e a aventura *Alvo Duplo*, um filme da fase chinesa de John Woo. Vale ainda ressaltar o adolescente *Se Brincar o Bicho Morde* (acima), que teve grande repercussão nos EUA e passou despercebido quando lançado no Brasil.

BOLSA DE VÍDEO

Surpresa: *Short Cuts*, o badalado filme de Altman, ficou à frente dos clássicos de Stanley Kubrick, Billy Wilder e Martin Scorsese.

	Celso Fioravante – Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten – O Estado de S. Paulo	Wanderley Sanches – Veja São Paulo	José Norberto Flesch – Folha da Tarde	Paulo de Góes – Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires – Zero Hora	Roberto Rios – TVA	Miguel Barbieri Jr. – Diário Popular	Christian Petermann – SET	Média
Short Cuts – Cenas da Vida (PlayArte)	10	8	10	8	9	8	9	10	9	9
Dr. Fantástico (Concorde/Tocantins)	7	9	9	9	9	9	10	7	9	8,6
O Pecado Mora ao Lado (Abril Vídeo)	7	10	8	8	8	7	10	10	8	8,4
Taxi Driver (Concorde/Tocantins)	9	8	9	8	8	9	7	9	9	8,4
Lobisomem Americano em Londres (Tocantins)	7	7	8	8	8	8	8	7	8	7,6
E a Vida Continua (Odessa)	8	7	8	7	8	-	8	8	7	7,6
A Loja dos Horrores (VTI)	6	6	7	7	8	7	7	7	7	6,8
Olivier, Olivier (Europa/Carat)	6	4	8	-	8	8	-	-	7	6,8
Os Visitantes (Abril Vídeo)	8	4	4	7	8	-	-	8	6	6,4
O Último Grande Herói (LK-Tel/Vídeo)	-	5	7	10	6	5	7	6	5	6,3

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril Vídeo	(011) 832-1555	Mundial	(011) 536-0677
Alpha	(011) 230-0200	Odessa	(011) 825-5766
Capital	(011) 257-8377	Paris/América	(011) 533-8300
CIC	(011) 816-0852	PlayArte	(011) 575-6996
Concorde	(011) 266-6999	PolyGram	(021) 494-2626
Condor	(021) 210-2404	Sagres/RioFilme	(021) 253-4782
Continental/Opção	(021) 262-0751	Tocantins	(027) 336-7112
Europa/Carat	(011) 579-6522	Top Tape	(021) 205-5552
Flashstar	(011) 255-9911	United	(011) 195-4020
HVC	(011) 813-1860	Vídeo Arte	(011) 575-6996
LK-Tel/Vídeo	(011) 825-5766	VTI	(021) 580-3130
Look	(011) 536-9366	Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do *Caderno de Vídeo*.

PARADA MAIO

BRASIL

1. ***Risco Total (Cliffhanger)*** – Lk-Tel/Vídeo
2. ***O Fugitivo (The Fugitive)*** – Warner
3. ***Na Linha de Fogo (In the Line of Fire)*** – Lk-Tel/Vídeo
4. ***O Alvo (Hard Target)*** – CIC
5. ***A Firma (The Firm)*** – CIC
6. ***O Piano (The Piano)*** – Paris
7. ***O Demolidor (Demolition Man)*** – Warner
8. ***Nada é para Sempre (A River Runs Through It)*** – Lk-Tel/Vídeo
9. ***A Liberdade é Azul (Trois Couleurs: Bleu)*** – Look
10. ***O Viajante (Voyager)*** – Paris

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal do Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games (MG), Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. ***Mrs. Doubtfire (Uma Babá Quase Perfeita)*** – Fox Vídeo
2. ***Cool Runnings (Jamaica Abaixo de Zero)*** – Walt Disney
3. ***The Fugitive (O Fugitivo)*** – Warner
4. ***A Perfect World (Um Mundo Perfeito)*** – Warner
5. ***The Beverly Hillbillies (A Família Buscapé)*** – Fox Vídeo
6. ***Malice (Malícia)*** – New Line
7. ***Another Stakeout (Uma Nova Tocaia)*** – Touchstone
8. ***The Three Musketeers (Os Três Mosqueteiros)*** – Walt Disney
9. ***Carlito's Way (O Pagamento Final)*** – MCA/Universal
10. ***The Good Son (O Anjo Malvado)*** – Fox Vídeo

Fonte: *Entertainment Weekly* 27/05/94

FITA NOVA JOINTVIDEO

FÁCIL DE COMPRAR

FÁCIL DE LOCAR

FÁCIL DE TROCAR

Difícil é sair da Jointvideo sem a fita que você precisa ou procura, todas com garantia de locação. E, se levar, experimentar e não servir, pode trocar por outra ainda melhor. O que não dá é pra trocar de revenda.

É Jointvideo!

A TROCA:

- **Válida só para fitas novas, em perfeito estado e com sêlo "Fita Legal";**
- **Apresentar Nota Fiscal;**
- **Calcular a depreciação de 2% (dois por cento) ao dia, sobre o valor da compra até a data da troca, no prazo máximo de 30 dias;**
- **Sedex ou transporte da fita por conta do cliente.**

JOINTVIDEO

COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.

Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana
Próximo à Estação Carandirú do Metrô
CEP 02033-000 - São Paulo - SP
Fone: (011)290.0811 - Fax: (011)267.6120

TALENTO EM DOBRO

Parceria não é assunto só de mesa de jogo; também nas telas as "dobradinhas" já produziram fórmulas perfeitas

BEATLES & RICHARD LESTER

O diretor Lester acertou a mão ao levar os Beatles para o cinema no estilo das comédias de Mack Sennett e dos Keystone Kops, misturando ficção e realidade em dois êxitos de bilheteria, *A Hard Day's Night* (1964) e *Help!* (1965).

Em vídeo: *Help* (1965)

DANIEL DAY-LEWIS & JIM SHERIDAN

Filho de pai irlandês e mãe judia, o inglês Day-Lewis diz "amar" a Irlanda. Foi sob a direção do irlandês Sheridan que ele personificou seus dois mais famosos personagens, os também irlandeses Christy Brown (*Meu Pé Esquerdo*, 1989, que lhe deu o Oscar de melhor ator) e Gerry Conlon (*Em Nome do Pai*, 1993). O ator diz que desenvolveu com Sheridan uma comunicação "rápida e fácil".

Em vídeo: *Meu Pé Esquerdo* (My Left Foot, 1989).

ELIZABETH TAYLOR & RICHARD BURTON

O casal de atores alimentou colunistas do mundo inteiro com seus dois casamentos, em 1964 e 1975, um punhado de escândalos e os doze filmes que estrelaram, em especial com a acidez de *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* (1967).

Em vídeo: *Cleópatra* (1963); *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* (Who's Afraid of Virginia Woolf?, 1966); *A Megera Domada* (The Taming of the Shrew, 1967); *Doutor Faustus* (Dr. Faustus, 1968); *Divórcio Dele, Divórcio Dela* (Divorce His – Divorce Hers, 1973).

EMMA THOMPSON & KENNETH BRANAGH

No início, ela era a "mulher de Kenneth Branagh". Depois, ele virou o "marido de Emma Thompson". Casados desde 1989, produzem na tela uma química perfeita. Estrela dos quatro filmes dirigidos por Branagh, Emma também dá suas "escapadas", formando outro par memorável com Anthony Hopkins em *Retorno a Howards End* (1992) e *Vestígios do Dia* (1993).

Em vídeo: *Henrique V* (Henry V, 1989); *Voltar a Morrer* (Dead Again, 1991); *Para o Resto de Nossas Vidas* (Peter's Friends, 1992); *Muito Barulho por Nada* (Much Ado About Nothing, 1993).

Emma Thompson e Kenneth Branagh em *Henrique V*

Paris

FRED ASTAIRE & GINGER ROGERS

Em sua autobiografia, Astaire conta que sua parceira em dez filmes não sabia dançar e tinha os passos dublados na trilha sonora. Maldades à parte, formaram a mais ilustre dupla na história dos musicais, homenageada em *Ginger & Fred* (1986) por Fellini – de quem, pasmem, a verdadeira Ginger quis indenização.

Em vídeo: *O Picolino* (Top Hat, 1935).

JOHN WATERS & DIVINE

Impossível imaginar o que seria do cineasta John Waters sem os 160 quilos e os préstimos impagáveis do travesti Divine (ou Harris Glenn Milstead, 1947-1989), a mais fiel expressão de seu estilo *trash*. Waters dirigiu-o em seis antológicos exemplares da escatologia no cinema, de *Mondo Trasho* (1970) a *Hairspray* (1988).

Em vídeo: *Hairspray – E Éramos Todos Jovens* (Hairspray, 1988).

JOHN WAYNE & JOHN FORD

Wayne era um veterano ator de filmes "B" quando o diretor Ford o escalou em *No Tempo das Diligências* (1939). Juntos, fizeram outros quinze filmes que ajudaram a forjar a mitologia do Velho Oeste e do herói americano.

Em vídeo: *Sangue de Herói* (Fort Apache, 1948); *Depois do Vendaval* (The Quiet Man, 1952); *Rastros de Ódio* (The Searchers, 1956); *A Conquista do Oeste* (How the West Was Won, 1962).

KATHARINE HEPBURN & SPENCER TRACY

Conheceram-se em *A Mulher do Dia* (1943) e deram início a um dos mais célebres romances extraconjugais de Hollywood, que durou 25 anos (até a morte de Tracy, em 1967) e mais oito filmes, incluindo clássicos como *A Costela de Adão* (1949). Ninguém representou melhor do que eles a guerra dos sexos no cinema, sempre com inteligência e bom humor.

Em vídeo: *Adivinhe Quem Vem para Jantar* (Guess Who's Coming to Dinner, 1967).

KIRK DOUGLAS & STANLEY KUBRICK

Astro e produtor de *Spartacus* (1960), Douglas trouxe o jovem diretor com quem

Paul Newman e
Robert Redford em
Butch Cassidy

havia filmado *Glória Feita de Sangue* (1957) para substituir Anthony Mann. Foi a primeira superprodução de Kubrick, que não decepcionou o pai de Michael.

Em vídeo: *Spartacus* (1960).

MEL GIBSON & RICHARD DONNER

O diretor Donner contribuiu para que a carreira do australiano Gibson decolasse nos EUA com o sucesso de seu personagem na série *Máquina Mortífera*, uma overdose de ação sob medida para os músculos do ex-Mad Max.

Em vídeo: *Máquina Mortífera* (Lethal Weapon, 1987); *Máquina Mortífera 2* (Lethal Weapon 2, 1989); *Máquina Mortífera 3* (Lethal Weapon 3, 1992).

MICHAEL KEATON & TIM BURTON

Os fãs de Batman achavam que Michael Keaton era baixinho, feio e fracote para interpretar o herói. Além disso, fizera carreira em comédias. Sob pressão intensa, o diretor Tim Burton garantiu-lhe o emprego. Fidelidade é isso aí.

Em vídeo: *Os Fantasmas se Divertem* (Beetlejuice, 1988); *Batman* (1989); *Batman – O Retorno* (Batman Returns, 1992).

PAUL NEWMAN & ROBERT REDFORD

Reunidos pela primeira vez, transformaram um despretensioso faroeste num dos maiores êxitos de bilheteria da história. No repeteco, fizeram outro arrasa-quarteirão, vencedor de sete Oscar. Quem poderia esperar que a reunião entre esses dois mitos, considerados símbolos dos ideais americanos, desse coisa diferente?

Richard Burton e Elizabeth Taylor em *A Megera Domada*

LK-Tel Columbia

Em vídeo: *Butch Cassidy* (Butch Cassidy and the Sundance Kid, 1969); *Golpe de Mestre* (The Sting, 1973).

PEDRO ALMODÓVAR & CIA.

Na trupe de Almodóvar, Carmen Maura reinou por cinco filmes até romper com o diretor. Quem herdou o posto foi Victoria Abril, estrela de suas obras mais recentes. Já o ator preferido continua sendo Antonio Banderas, que aparece em cinco de seus filmes. O trio deve a Almodóvar sua projeção internacional.

Em vídeo: Banderas & Maura – *Matador* (1986) e *Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos* (Mujeres al Borde de un Ataque de Nervios, 1988); Banderas & Abril – *Áta-me!* (Atame!, 1990) e *De Salto Alto* (Tacones Lejanos, 1991).

PETER SELLERS & BLAKE EDWARDS

Veterano de comédias inglesas, Sellers estreou no cinema americano como o Inspetor Clouseau de *A Pantera Cor-de-Rosa* (1964). O personagem reapareceu em quatro continuações também dirigidas por Edwards, que ainda filmou com o ator a obra-prima *Um Convidado Bem Trapalhão* (1968).

Em vídeo: *A Pantera Cor-de-Rosa* (The Pink Panther, 1964); *Um Convidado Bem Trapalhão* (The Party, 1968); *A Volta da Pantera Cor-de-Rosa* (The Return of the Pink Panther, 1975); *A Nova Transa da Pantera Cor-de-Rosa* (The Pink Panther Strikes Again, 1976).

Antonio Banderas, Victoria Abril e Pedro Almodóvar nas filmagens de *Áta-me!*

Fox

ROBERT DE NIRO & MARTIN SCORSESE

Para o diretor Scorsese, De Niro já engordou trinta quilos (*O Touro Indomável*, 1980), cortou o cabelo como um moicano (*Taxi Driver*, 1976) e até aceitou trabalhar como coadjuvante (*Os Bons Companheiros*, 1990). "Não me incomodo. Faço o que Marty pede. Qualquer projeto com ele é especial", diz o ator. Em abril, os dois começaram a filmar seu oitavo filme juntos.

Em vídeo: *Caminhos Perigosos* (Mean Streets, 1973); *New York, New York* (1977); *O Touro Indomável* (Raging Bull, 1980); *Os Bons Companheiros* (GoodFellas, 1990); *Cabo do Medo* (Cape Fear, 1991).

STEVE MARTIN & CARL REINER

Foi sob a direção de Reiner que Martin estreou no cinema, em *O Panaca* (1979). A parceria entre os dois gerou sucessos de bilheteria e ao menos um cult, *Cliente Morto Não Paga* (1982), em que Martin contracena com todos os grandes nomes do *film noir*, incluindo Humphrey Bogart.

Em vídeo: *O Panaca* (The Jerk, 1979); *Cliente Morto Não Paga* (Dead Men Don't Wear Plaid, 1982); *O Homem com Dois Cérebros* (The Man with Two Brains, 1983); *Um Espírito Baixou em Mim* (All of Me, 1984).

Sérgio Rizzo

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA
TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS
PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS
AGORA TUDO EM
GAMES NOVOS E USADOS!
GARANTIA TOTAL!
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU AMPLIE E FAÇA ÓTIMO NEGÓCIO
Todos os lançamentos a sua disposição com preços abaixo das produtoras!

• Os Três Mosqueteiros • Beethoven 2
• O Último Grande Herói • E Outros

• Cheques pré-datados e cartão de crédito
• Inclusive por telefone

• Remetemos para todo o Brasil
• Aceitamos Permuta
FITAS A PARTIR DE 4 URV"s
• ***OFERTAS:***
• Catálogos usados 15% de desconto a vista
• A cada 10 fitas ganhe uma grátis
• A cada 3 fitas ganhe um brinde

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

FITAS DE VÍDEO

Novas • Seminovas • Usadas
Grande quantidade de títulos

Atendemos colecionadores,
particulares e
montamos vídeo locadoras
Aceitamos todos os Cartões
de Crédito, inclusive
por telefone)

PLANETA NORTE

Fone:
(011) 578-5727
(011) 584-5723
R. Dos Buritis, 257
Metrô Jabaquara

7ª ARTE
VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS

VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS.
• O Último Grande Herói
• Os Três Mosqueteiros
• Beethoven 2
• E Outros

Catálogos a partir de 4 URV's
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30
às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
15% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - Tel.: (011) 267-5567

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

• Beethoven 2
• Aladdin
• O Último Grande Herói
• E Outros

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)

Tel.: (011) 290-4330

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
• Voltamos a financiar a partir de 30 dias com juros bancários!
• Toda linha de acessórios
• Pagamentos com cheques semanais sem juros
• Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento.

10% DE DESCONTO P/ PAGAMENTO A VISTA

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

• Aladdin
• O Último Grande Herói
• Beethoven 2
• E Outros

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE
• ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Por Sedex ou Transpotadora Gratuitamente

Videoteca

Personalidades falam sobre as cenas que as fizeram pular da cadeira

Ronaldo Kohn

BETTY FARIA, atriz:

"Sou sócia de um clube que me traz vídeos em casa. Adoro esse conforto. Só fico triste porque as locadoras não nos dão o prazer de grandes momentos do cinema nacional. Sou o mais eclética possível, e os títulos vão conforme meu estado de espírito. Grandes filmes que não pude ver no cinema também freqüentam minha telinha. Filmes de terror e suspense eu tenho pavor, morro de medo. É um baixo astral enorme. Não gosto nem de lembrar das cenas que mais me assustaram. O *Iluminado* me deixou em pânico. Logo depois que assisti ao filme fiz uma viagem a Portugal. O hotel em que me hospedei era muito parecido com o do filme. Já pensou que paranóia?!"

Jose Luiz Cordeiro

RENATO BORGHI, ator:

"Na minha profissão tudo é referência, e cinema é uma delas. Mas gosto de filmes bons, diversão não é ir à locadora e pegar um filminho qualquer de ação, como esses Van Damme por aí. Vídeos importantes são os de Visconti, Zeffirelli, Wenders e outras feras. Outros filmes não me agradam tanto, talvez porque seja muito sensível à violência. É fácil perceber minha cara retorcida e meus olhos esbugalhados ao ver uma navalha no pescoço de uma personagem. Mesmo assim, assisti à primeira versão americana de *O Vampiro da Noite*. Na cena em que a mulher se assusta com a possível chegada do vampiro e algo vai ao encontro dela, dei um berro no cinema. E nem era o vampiro, era apenas uma ave!"

Luizinho Carvão

COSTANZA PASCOLATO, empresária:

"Se deixar fico sem comer, dormir, esqueço da vida quando assisto a vídeos. É a maneira que encontro de viajar. Normalmente procuro títulos pelos diretores. Gosto muito de Altman, Scorsese, Coppola e Brian De Palma. Os policiais me atraem muito. Os *Drácula*s antigos são ótimos. O maior susto que levei no cinema foi quando, cabulando aula aos quinze anos, assisti a *Drácula*. Dei um berro, pulei da cadeira e caí no chão. No vídeo nunca levei um grande susto, mas alguns me dão medo, como a cena do elevador de *Vestida para Matar*. Sou do tipo que pára a cena e olha atrás das cortinas num momento de tensão. Foi exatamente o que fiz nessa hora!"

SET Recomenda

Prateleiras de Sua Videolocadora Escondem Documentários que Merecem Ser Conhecidos

NA LINHA DA MORTE

(*The Thin Blue Line*, EUA, 1988, 106 min., Look)

O tema: Reconstituição de um crime com o intuito de obter justiça – em 1976, motorista (Randall Adams) é acusado de matar um policial com tiros à queima-roupa; o culpado era um desconhecido a quem tinha dado carona.

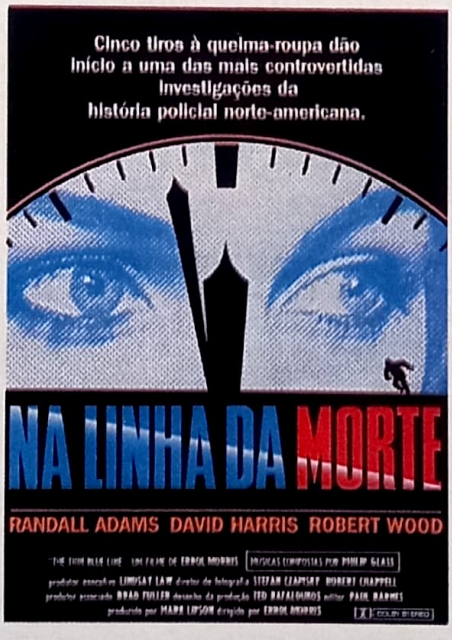
Descrição: o filme, através de uma montagem dinâmica e inquieta, intercala depoimentos, exposição de documentos, uso de mapas, reportagens e reencenação de fatos com atores (desconhecidos), possibilitando apresentar o assunto sob todos os pontos de vista e de forma simples e direta.

Característica: documentário que explora várias linguagens, incluindo cenas rápidas e poéticas que comentam a situação com o mesmo impacto obtido pela trilha sonora minimalista composta por Philip Glass, que se casa à perfeição com o discurso do diretor.

Inventividade: grau máximo; é um dos documentários mais criativos de todos os tempos.

Público-alvo: curiosos por questões jurídicas e experimentações estéticas.

O diretor: Erroll Morris confirmou-se como um dos melhores documentaristas da atualidade com este seu primeiro longa (com roteiro próprio), realizado depois dos elogiados médias *Gates of Heaven* (78) e *Vernon, Florida* (81). Realizou ainda o conceituado *Uma Breve História do Tempo* (91), com e sobre o físico Stephen Hawkin e também com trilha de Philip Glass – anunciado para novembro pela Europa/Carat –, e a decepcionante estréia na ficção policial *A Brisa da Morte* (92), lançamento deste mês da LK-Tel/Vídeo.



Resultado: o caso foi reaberto e Randall Adams foi inocentado.

QUERIDA AMÉRICA – CARTAS DO VIETNÃ

(*Dear America: Letters Home from Vietnam*, EUA, 1987, 87 min., Top Tape)

O tema: A Guerra do Vietnã sob o prisma dos soldados.

Descrição: O documentário reúne tomadas reais (cor e p&b), imagens captadas pelos próprios soldados americanos, com a leitura em *off* de cartas que estes mandaram para suas famílias nos EUA. São imagens sinceras, trêmulas, emocionantes, casadas com palavras de saudade, dor e perplexidade. É uma produção para TV a cabo que adapta o livro homônimo compilado por Bernard Edelman.

Características: As imagens, de força insuspeita, ganham em impacto emocional quando associadas às cartas, lidas por 33 atores famosos (Robert De Niro, Kathleen Turner, Martin Sheen, Robin Williams, Sean Penn e muitos outros). Como complemento, melodias dos anos 60 e 70 nas vozes de Jimi Hendrix, Elvis Presley, Sam Cooke e Bruce Springsteen, entre outros.

Inventividade: nula enquanto estética; o "tchans" do documentário é a opção por imagens e textos feitos pelos próprios envolvidos na questão; para não diminuir o elemento emotivo natural, o discurso quadrado foi mesmo a melhor opção.

Público-alvo: Estudiosos de história, cinéfilos que acompanham os filmes sobre o Vietnã e espectadores que querem se emocionar.

O diretor: Bill Couturie é um nome ainda pouco conhecido no Brasil. A única outra referência acessível ao espectador brasileiro é seu trabalho de consultoria para o filme *E a Vida Continua* (ver Drama no *Caderno de Vídeo*).

Resultado: Uma das melhores traduções do absurdo que foi a Guerra do Vietnã; foi ao menos uma das obras que mais emocionaram o mundo quanto à questão. Infelizmente, não evitou outras intervenções bélicas, como a ocorrida posteriormente no Golfo Pérsico.

A FABULOSA WHOOPI ESTÁ DE VOLTA

DUBLADO OU LEGENDADO

MUDANÇA DE HÁBITO 2:

MAIS LOUCURAS NO CONVENTO

(SISTER ACT 2: BACK IN THE HABIT)

A PARTIR DE 5 DE AGOSTO NA SUA LOCADORA

TOUCHSTONE HOME VIDEO

abril video

STONI

© The Walt Disney Company

Cartas

Grande Buda!

É perceptível na SET nº 5, ano 8, a correta harmonia estabelecida entre o requintado visual e a utilidade informativa. Entrevistas objetivas com Bernardo Bertolucci e Christian Slater; um perfil da obra de Stephen King; um texto agradável e abrangente no enfoque de Kirk Douglas em *Mito*; uma coluna de extremo bom gosto escrita por Dulce Damasceno de Brito; e finalizando, críticas sóbrias, claras e sensíveis. Congratulações!

Estéfano Fideles da Rocha
(São Paulo – SP)

Quero expressar minha grande satisfação ao comprar a edição de maio/94 de SET. Como fã de Stephen King, não poderia receber melhor presente do que uma matéria inteira dedicada à sua obra. Isso sem falar das ótimas entrevistas com Christian Slater e Bernardo Bertolucci.

João Plínio J. Neto
(São Sebastião do Caí – RS)

Após folhearmos a SET nº 5, ano 8, ninguém conseguia crer no que via: Keanu Reeves, lindo, absoluto, na capa da melhor revista de cinema e vídeo! Foi um tal de menina desmaiando de um lado, gente gritando do outro... ninguém resistiu. A matéria com *O Pequeno Buda* foi o melhor presente que poderíamos ganhar.

Samantha Pires, Giovana Lamas, Ana Paula Gonmes, Patrícia Fontenelle, Patrícia Cardoso, Ana Carina Fisher
(Rio de Janeiro – RJ)

SET ultimamente está nos surpreendendo com suas belíssimas edições – a de março/94, inesquecível, e agora a de maio/94, extraordinária. A capa com Keanu Reeves está fascinante, assim como a matéria sobre *O Pequeno Buda*. A seção *Takes* está perfeita e o *Caderno de Vídeo* já provou que veio para ficar. Só lamento a diminuição do número das *Fichas de Cine & Vídeo*.

Jadir Marcos Correia Silva
(Recife – PE)

Bravo! Bravíssimo! A SET simplesmente arrasou ao colocar Keanu Reeves na capa da edição de maio. Melhor ainda (se isto é possível) foi a entrevista com o mestre Bertolucci sobre seu magnífico *O Pequeno Buda*. Não contentes, colocaram Christian Slater numa superentrevista. O que é isso? Querem me matar do coração?

Sabrina LeBruccy
(Rio de Janeiro – RJ)

Sou assinante de SET há um ano e pude comprovar realmente a grande "volta por cima" que a revista deu. Parabéns pela edição nº 5, ano 8.

Carlos Evaristo de Araújo
(Jaŕga Paulista – PE)

Parabenizo a equipe de SET pela excelente edição de maio (nº 5, ano 8), principalmente a matéria sobre *O Pequeno Buda*. O *Caderno de Vídeo* está cada vez melhor.

Odete Ferreira
(São José – SC)

Quem diz que não se deve julgar um livro somente pela capa, mas sim por seu conteúdo, está com toda razão: quando recebi meu exemplar de maio/94 não gostei da capa, mas o conteúdo está impecável.

Vladimir da Silveira
(Bagé – RS)

Parabenizo a excelente edição de maio/94, e a seção *Takes* está impecável. A única exceção continua sendo as *Fichas de Cine & Vídeo*, e espero que os leitores vençam pelo cansaço e que elas voltem a ser oito.

Fernando Bastos
(Brasília – DF)

Zero

Foi com imenso espanto e inacreditável constrangimento que encontrei à página 44 da edição nº 6, ano 8, Rubens Ewald Filho dando uma nota zero para *Olhos de Serpente*, de Abel Ferrara, na *Bolsa de Cinema*. Como psiquiatra, o cinema sempre me surpreende e encanta, e muitas vezes me cativa. Abel Ferrara e sua última obra – *Olhos de Serprente* – colocam-se neste ano em meu rol de "grandes e surpreendentes". No entanto, zero para um filme tão profundo e emocionante em sua metalinguagem (mais sério ainda que *Noite Americana* de Truffaut) só poderia ser dado por um pretenso crítico.

Luiz Antonio Guimarães Ribas
(São Paulo – SP)

Caderno de Vídeo

Tá certo! Por questões desconhecidas, SET só tem colocado em suas capas do *Caderno de Vídeo* filmes americanos de apelo popular. Que tal dar espaço para produções de outros países que não os EUA? No mais, a revista está ótima.

Almir de Carvalho
(São Paulo – SP)

IL&M

Gostaria de obter o endereço da Industrial Light & Magic para futuros contatos, pois trabalho com modelagem para animação em vídeo.

Rodolfo Scheffler
(Cuiabá – MT)

Rodolfo, o endereço não temos, mas vai aí o telefone da IL&M: 001-415-258-2288.

Revista de Cinema

Os leitores Fábio Ferreira, de Goiânia, e Maria Helena Costa, de Boa Viagem, pediram o contato da Revista de Cinema *(publicada na edição nº 4, ano 8). Então, anotem: editora Jorge Zahar, fone (021) 240-0226.*

Correio Entre os Leitores

Quem quiser fazer parte do fã-clube do fascinante *Drácula de Bram Stoker* e Mr. Gary Goldman, escrevam para:

Helena Concer
Rua Antonio Broilo, 260,
CEP 95074-020
(Caxias do Sul – RS)

Vendo ou troco as edições de SET nºs 1 a 63, com as respectivas *Fichas de Cine & Vídeo*. Também tenho as edições especiais *Terror e Ficção*, *Policial e Suspense* e *Guerra*.

Mário Augusto Lopes
R. João de Góes, 216,
CEP 05862-200
(São Paulo – SP)

Troco material de Stallone, Bruce Willis, Elvis Presley, Schwarzenegger, John Travolta e Tom Cruise.

Adailsom B. da Silva
Rua Guarapari, 165,
Bodocongo II, CEP 58107-503
(Campina Grande – PB)

Quero me corresponder com fãs de psico-killers como Freddy, Jason, Chucky, Pinhead, Michael Myers e Leatherface.

C&D Fã-clube Psico-Killers
R. 2, quadra A, casa 14,
conj. Acaraú, CEP 65604-020
(Caxias – MA)

Gostaria de me corresponder com fãs da Hollywood das décadas de 30 a 60.

Gumercindo Antunes Felício
R. Alagoas, 1131,
CEP 86020-360
(Londrina – PR)

Comando William Shatner, fã-clube brasileiro dedicado à vida e carreira do ator. Todas as cartas serão bem-vindas e cuidadosamente respondidas.

Comando William Shatner
Caixa Postal 25058, CEP 20552-970
(Rio de Janeiro – RJ)

Errata

Algumas falhas nas informações sobre os livros de Stephen King (nº 5, ano 8): *Carrie* foi publicado pela editora Nova Cultural; *A Hora do Lobisomem* é de 1983, publicado pela L&PM; o último livro de King é *Nightmares and Dreamscapes*, de 1993, coletânea de contos; *A Maldição do Cigano* é um romance escrito sob o pseudônimo de Richard Bachman e *Os Livros de Bachman* é um volume que reúne quatro livros escritos sob o mesmo pseudônimo. E em "Todas as Adaptações", em *Creepshow*, King interpreta um agricultor e faz o papel principal no episódio.

Adrian Cagnani (Poços de Caldas – MG); Luiz F. Haiml (Taquara – RS); Érica Jung Limeira (Rio de Janeiro – RJ); Fernando dos Santos (Pato Branco – PR); Daniel Nunes Pereira (Novo Hamburgo – RS); José O. C. Abreu (Pelotas – RS)

Em SET nº 3, ano 8, à página 48, o ator com Matt Dillon é Joe Seneca.

Keanu Reeves contracena com Rob Lowe e Patrick Swayze em *Veia de Campeão*.

Entre Dois Amores recebeu sete Oscar: Melhor Filme, Diretor, Roteiro Adaptado, Fotografia, Direção de Arte, Som e Trilha Original.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editores-Assistentes: Deborah Peleias, Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editores-Assistentes de Arte: Maria Amélia de Azevedo, Izaú Norbertino
Coordenadora de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Colaboram nesta edição: Texto: Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Barcinski (Nova York), Cesar Garcia Lima, David França Mendes, Dulce Damasceno de Brito, Edson Arantes, Fátima Gigliotti, Felipe Zobaran, Francisco Costa, Inácio Araujo, José Geraldo Couto, Lauro Machado Coelho, Marcos Smirkoff, Niki Nixon, Sergio Rizzo, Thales de Menezes, Walter da Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Galdeano Bastos, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1592**, edição 85, julho de 1994). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

Fotolito: Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Bureau Azul, Proposta Editorial

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 84/JULHO 94
Pedro Almodóvar em entrevista exclusiva e *Kika*, seu mais recente filme; uma visita ao set de *Os Flintstones;* em vídeo, *A Família Addams 2*.

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo caderno de vídeo com mais de 60 lançamentos.

Nº 80/ FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em *O Pagamento Final*; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, *Muito Barulho por Nada* e *A Doce Vida*.

Nº 79/ JANEIRO 94
O elenco de *A Época da Inocência*; *The Nightmare Before Christmas*; Emma Thompson e Brad Pitt; em vídeo, Kurosawa.

Nº 78/DEZEMBRO 93
Radiografia do mercado de vídeo; homenagens a Fellini, Vincent Price e River Phoenix; em vídeo, *O Gabinete do Dr. Caligari*.

Nº 77/NOVEMBRO 93
Van Damme protagoniza *O Alvo*, do chinês John Woo; Martin Scorsese em entrevista exclusiva; em vídeo, *Metrópolis* e *Gigi*.

Nº 76/OUTUBRO 93
Visita ao set de *O Fugitivo*; Clint Eastwood e John Malkovich em *Na Linha de Fogo*; em vídeo, o *Blade Runner* integral e *Alien* ³.

Nº 75/SETEMBRO 93
Tom Cruise em *A Firma*; entrevista com Meg Ryan; em vídeo, *Cães de Aluguel*, *A Bela e a Fera* e *Luzes da Cidade*.

Nº 74/AGOSTO 93
Sharon Stone em *Invasão de Privacidade*;os efeitos de *Jurassic Park*; em vídeo, *Perfume de Mulher*, *Perdas e Danos* e *Drácula*.

Nº 73/JULHO 93
Festival de Cannes; Stallone fala sobre *Risco Total*; Johnny Depp; em vídeo, *Soldado Universal* e *Duplo Impacto*, com Van Damme.

ATENÇÃO: A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II -Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

SET

LOVE ME TENDER

Ingrid Bergman e Cary Grant em *Interlúdio* (*Notorious*, 1946), de Alfred Hitchcock

O maior herói de todos os tempos, enfrentando seu pior inimigo: o passado

DUBLADO E LEGENDADO

BATMAN

A MÁSCARA DO FANTASMA™

"BATMAN: MASK OF THE PHANTASM"

NA SUA LOCADORA A PARTIR DE 14 DE JULHO

WARNER HOME VIDEO
Sempre o melhor para você

© DC COMICS

WARNER BROS. FAMILY ENTERTAINMENT
A TIME WARNER ENTERTAINMENT COMPANY

TOM HANKS
MEG RYAN
Poderia um completo desconhecido ser o grande amor de sua vida?
UM FILME PARA VOCÊ SE APAIXONAR
EM AGOSTO, NA SUA LOCADORA.
COLUMBIA TRISTAR
HOME VIDEO
LK-TEL VÍDEO
SINTONIA DE AMOR